

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Nathalye Nallon Machado

Mulheres jovens, *selfies*, feminilidades e subjetividades em imagens

Juiz de Fora
2019

Nathalye Nallon Machado

Mulheres jovens, *selfies*, feminilidades e subjetividades em imagens

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: Discurso, Práticas, Ideias e Subjetividades em Processos Educativos.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Ferrari

Juiz de Fora

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Machado, Nathalye Nallon .

Mulheres jovens, selfies, feminilidades e subjetividades em imagens / Nathalye Nallon Machado. -- 2019.

188 f.

Orientador: Anderson Ferrari

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

1. Feminilidades. 2. Imagem. 3. Educação. I. Ferrari, Anderson, orient. II. Título.

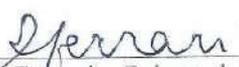
Nathalye Nailon Machado

Mulheres jovens, selfies, feminilidades e subjetividades em imagens

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Área de concentração: "Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas".

Aprovada em 18 de dezembro de 2019.

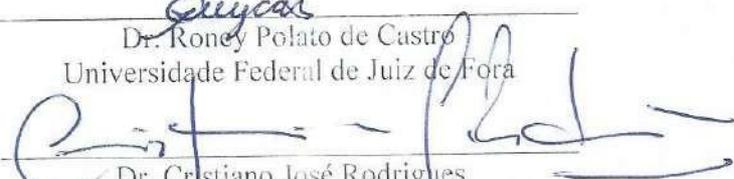
BANCA EXAMINADORA



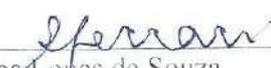
Dr. Anderson Ferrari - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



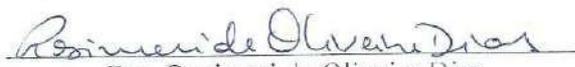
Dr. Roney Polato de Castro
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Cristiano José Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora



P/Dr. Marcos Lopes de Souza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia



Dra. Rosimeri de Oliveira Dias
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Para José Jorge Machado, com todo meu amor.

AGRADECIMENTOS

EU AGRADEÇO

Cada pedaço que guardo em mim
tem na memória o anelar
de outros pedaços.
(Poema da recordação,
Conceição Evaristo)

Eu recordo o percurso do Doutorado e agradeço quem dele fez parte. Minha memória se encarregará de guardar as imagens, as vozes, as risadas, o choro, as conversas, os encontros e despedidas. Para mim a vida não é só vista a olho nu: meu coração está cheio de tantas emoções que minha memória guardou e eu agradeço.

Agradeço ao Anderson: amigo, confidente e companheiro na vida. Além de amigo é meu orientador, portanto, para além da amizade, formalmente agradeço ao Professor Doutor Anderson Ferrari por tanto conhecimento, tanta partilha, tanta generosidade. Muito obrigada! Conseguimos seguir conciliando a forte relação de afeto e de orientação sem deixar que uma abalasse ou estremecesse a outra: agradeço por termos permanecido e assim seguiremos.

Agradeço à Ana, Kaylayne, Victória, Ísis, Cecília, Letícia e Ayana por acreditarem neste trabalho e confiarem suas intimidades, medos e esperanças em mim. Sem vocês esta tese não existiria. Muito obrigada!

Agradeço à Escola Municipal Antônio Faustino da Silva e suas profissionais por terem aberto as portas para esta pesquisa. Muito obrigada!

Agradeço à banca examinadora que tão carinhosamente acolheu meu convite para os exames de qualificação e defesa e de forma atenta Roney, Marcos, Rosimeri, Cristiano e Fernando Hernández apontaram valiosos caminhos para que esta tese pudesse ser defendida. Muito obrigada!

Agradeço ao Filipe, Michele, Gláucia e Cláudio por contribuírem com este texto, lendo e encaminhando discussões importantes para meu trabalho. Para além da leitura, agradeço as conversas e os momentos descontraídos que tivemos. Muito obrigada!

Agradeço a cada pessoa do GESED – Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade – que esteve comigo neste período.

A amizade, apoio e contribuições para a escrita deste trabalho foram fundamentais. Muito obrigada!

Agradeço à população de Juiz de Fora, que por meio de seus impostos, subsidiaram a Licença para Aprimoramento Profissional que me foi concedida. Este agradecimento é extensivo à Secretaria de Educação de Juiz de Fora que possibilitou que tal licença fosse possível. Muito obrigada!

Agradeço ao povo brasileiro, que por meio de seus impostos, subsidiaram minha ida à Universidade de Barcelona pelo Programa Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE. Muito obrigada!

Agradeço a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e a suas técnicas por concederem a bolsa do PDSE e acompanharem o processo de forma tão prestativa. Muito obrigada!

Agradeço à minha família por serem sustento e abrigo, amor e acolhimento. Neste agradecimento não cabe meu amor à minha mãe e minha irmã Tatiana: vocês são o que tenho de mais precioso.

Agradeço às minhas amigas e meus amigos por ser parte da minha vida. Suas vozes, corpos e existências me ensinam sobre o mundo e me fazem uma pessoa melhor! Anderson, Cassiano, Diego e Marcela: muito obrigada!

Agradeço ao grupo de vida e do Carnaval que segue comigo: Thomaz, Vinícius, Danilo e Kelly, por tanta alegria e animação! Muito obrigada!

Agradeço às amigas da antiga Secretaria de Educação: Angelane, Ana, Júnior, Érika, Luciana, Mírian, Flávia, Denise, Zuleica e Jane por todo apoio dado à minha formação e por tanta amizade que nos une há tantos anos. Muito obrigada!

Agradeço às amigas de Barcelona Sílvia e Jonson. A companhia, apoio, amor e amizade me sustentaram nos meses em que estive fora. Sem vocês tudo seria sem cor. Agradeço também a recepção e acolhimento do Professor Fernando Hernández, Professora Juana Sancho e Universidad de Barcelona. Muito obrigada!

Agradeço a Deus, aos anjos, guias e santos por me sustentarem na fé por um mundo mais justo e fraterno. Agradeço ao Divino que é parte de mim: ouço e guardo seus sinais. Amém, que assim seja!

Agradeço ao meu pai Jorge, que foi para outra parte deste Universo, mas vive em mim com todo amor: sei que você está vendo cada passo que foi dado: muito obrigada pela vida!

RESUMO

Esta tese, realizada com mulheres jovens de uma escola pública da periferia de Juiz de Fora, MG, trata da relação entre as imagens *selfies* - que são publicadas nas Redes Sociais de cada uma das participantes – e a constituição de subjetividades que, afetadas pelos dispositivos de feminilidade, possibilitam às mulheres constituírem-se. Este trabalho problematizou a importância da imagem na constituição de sujeitos, principalmente mulheres, por sua intensa relação com padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade em que nos inserimos. Amparei-me em autoras e autores da perspectiva pós-estruturalista que nos levam a pensar como nos constituímos, como os jogos de verdade nos capturam e como as relações nos subjetivam. Por meio desta perspectiva fui instigada a perguntar constantemente e a repensar sobre como nos tornamos o que somos. Os Estudos de Gênero e da Cultura Visual também ampararam a condução desta tese, que foi se delineando no diálogo com as autoras e autores, mas também com os encontros com as jovens, as orientações e o Grupo de Pesquisa. Importante ressaltar que este trabalho considera a educação como um processo amplo, em que a mídia e a própria sociedade exercem influência na forma dos indivíduos constituírem-se. Nos encontros realizados por meio de Grupos Focais privilegiei o contato entre as jovens e seus relatos orais ou imagéticos sobre si. Cabe dizer que não trata-se de um estudo conclusivo ou explicativo do que sejam *selfies* e juventude, mas um investimento em problematizar a relação que existe em constituir-se como mulher jovem, por meio de imagens. Neste processo assumi que a educação dos sujeitos acontece em várias situações da vida e que os artefatos culturais, como as páginas de Redes Sociais, são instâncias educativas que influenciam na forma que cada uma entende sua existência e sua relação com o mundo e as pessoas.

Palavras-chave: Imagens. *Selfies*. Subjetividade. Educação. Dispositivo de feminilidade.

ABSTRACT

This thesis, performed with young women from a public school in the outskirts of Juiz de Fora, MG, deals with the relationship between selfies images - which are published in the social networks of each of the participants - and the constitution of subjectivities that, affected by the devices. of femininity, enable women to be constituted. This work problematized the importance of image in the constitution of subjects, especially women, due to its intense relationship with beauty and behavior standards imposed by the society in which we operate. I will draw on authors and authors from the poststructuralist perspective who lead us to think about how we constitute ourselves, how truth games capture us, and how relationships subjectify us. Through this perspective I was prompted to constantly ask and rethink how we become who we are. The Gender and Visual Culture Studies also supported the conduction of this thesis, which was outlined in dialogue with the authors, but also with the meetings with the young people, the orientations and the Research Group. Importantly, this work considers education as a broad process, in which the media and society itself influence the shape of individuals. In the meetings held through Focus Groups I privileged the contact between the young women and their oral or imaginary reports about themselves. It should be said that this is not a conclusive or explanatory study of what selfies and youth are, but an investment in problematizing the relationship that exists in constituting a young woman through images. In this process I assumed that the subjects' education takes place in various life situations and that cultural artifacts, such as the pages of Social Networks, are educational instances that influence how each one understands their existence and their relationship with the world and people.

Keywords: Images. Selfies Subjectivity. Education. Femininity device.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Ísis	17
Figura 2	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Ayana.....	17
Figura 3	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Cecília	17
Figura 4	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Letícia	17
Figura 5	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Raphaella.....	18
Figura 6	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Kaylayne	18
Figura 7	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Ana	18
Figura 8	- Imagem retirada do <i>Facebook</i> de Victória	18
Figura 9	- Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018	29
Figura 10	- Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018	29
Figura 11	- Quadro retirado do <i>site</i> Dicionário On-line Paulette, 2018	30
Figura 12	- Quadro retirado do <i>site</i> Dicionário On-line Paulette, 2018	30
Figura 13	- Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018	38
Figura 14	- Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018	38
Figura 15	- <i>Selfie</i> de Monalisa, Moça com Brinco de Pérola e O grito	42
Figura 16	- “As mulheres e os homens”.....	84
Figura 17	- “Cézanne, o tataravô do <i>Instagram</i> ”.....	88
Figura 18	- Porta do banheiro feminino	100
Figura 19	- Página da agenda	102
Figura 20	- Ovelha Dolly	103
Figura 21	- Retratos de parede	109
Figura 22	- <i>Toilette</i> de Ernest L. Kirchner	109
Figura 23	- <i>Send Nudes</i>	109
Figura 24	- Foto de cartaz sobre Cultura Visual, UB, 2018	111
Figura 25	- <i>Qué piensa, qué siente, qué dice</i> , UB, 2018	111
Figura 26	- Diálogos Visuais	111
Figura 27	- <i>Iphone</i> na cara	111
Figura 28	- <i>Selfie</i> com Chinelo	112
Figura 29	- <i>Selfie</i> não tem idade	112
Figura 30	- Ayana	112
Figura 31	- Contagem regressiva para os quinze anos de Ayana	116

Figura 32	- Uma semana para a festa de Ayana	116
Figura 33	- <i>Selfie</i> de Letícia com Ayana	116
Figura 34	- Dia de festa: XV da Yayah	116
Figura 35	- Ayana e eu.....	117
Figura 36	- Princesa.....	117
Figura 37	- Convidada Naty.....	117
Figura 38	- Convite do aniversário de Ayana.....	117
Figura 39	- Cultura Digital.....	120
Figura 40	- Olho.....	122
Figura 41	- Família de Ana.....	124
Figura 42	- <i>Selfie</i> de Letícia.....	125
Figura 43	- <i>Selfie</i> de Victória.....	125
Figura 44	- <i>Selfie</i> de Letícia e Victória.....	126
Figura 45	- <i>Selfie</i> de Ísis e Kaylayne.....	126
Figura 46	- Não abusar da Internet.....	127
Figura 47	- Diário de uma feminista.....	127
Figura 48	- Eles tem medo das mulheres bruxas.....	127
Figura 49	- Quem decidiu seu gênero?.....	127
Figura 50	- Monalisa funkeira.....	129
Figura 51	- Amo Internet.....	129
Figura 52	- Olhos do Rei do Pop.....	129
Figura 53	- Grafite de Mulher Gorda.....	129
Figura 54	- <i>Selfie</i> em grupo.....	130
Figura 55	- Muitas de uma.....	132
Figura 56	- Cecília.....	132
Figura 57	- Ana.....	132
Figura 58	- Os olhos.....	133
Figura 59	- Clara Averbuck.....	134
Figura 60	- Amalia Ulman.....	138
Figura 61	- <i>Facebook</i> de Ana.....	139
Figura 62	- <i>Facebook</i> de Letícia.....	139
Figura 63	- <i>Facebook</i> de Victória.....	139
Figura 64	- <i>Facebook</i> de Kaylayne.....	139

Figura 65	- <i>Facebook</i> de Ísis.....	140
Figura 66	- <i>Facebook</i> de Ayana.....	140
Figura 67	- <i>Facebook</i> de Cecília.....	140
Figura 68	- <i>Meme</i> compartilhado por Cecília.....	143
Figura 69	- <i>Meme</i> compartilhado por Cecília II.....	143
Figura 70	- Emanuelly, bebê <i>Instagram</i>	148
Figura 71	- Emanuelly.....	148
Figura 72	- <i>Selfie</i> de Victória.....	151
Figura 73	- “Você é bonita, garota!”	151
Figura 74	- Mãos de noivos.....	156
Figura 75	- <i>Crush</i>	156
Figura 76	- As mulheres e os homens.....	158
Figura 77	- Gaiola.....	158
Figura 78	- Cecília, quinze anos.....	160
Figura 79	- Victória, quinze anos.....	160
Figura 80	- Ayana, quinze anos.....	160
Figura 81	- Ana em <i>selfie</i>	162
Figura 82	- Emanuelly em foto com filtro do <i>Instagram</i>	162
Figura 83	- Victória na Umbanda.....	165
Figura 84	- <i>Meme</i> sobre ser umbandista.....	165
Figura 85	- <i>Meme</i> sobre ser umbandista II.....	165
Figura 86	- Quadro de <i>selfies</i>	167
Figura 87	- ¿Qué sabes de mí?	170
Figura 88	- Maquiagem.....	170
Figura 89	- <i>Fuck likes</i>	170
Figura 90	- Gangorra.....	175

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
GESED	Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade
OMS	Organização Mundial da Saúde
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UB	Universidade de Barcelona
LGBTQI+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou transgêneros, queer, intersexo e demais sexualidades não-heterossexuais
MSN	Messenger
VHS	Vídeo Home System
DJ	Disc Jôquei
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IF/MG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
JFLEGIS	Leis, Decretos e Portarias Municipais
EMAFS	Escola Municipal Antônio Faustino da Silva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO OU DAS IMAGENS REVISITADAS.....	14
2	O LABIRINTO DA PESQUISA: CAMINHOS E ESCOLHAS.....	37
2.1	APROXIMAÇÕES AO TEMA: ESCREVER E CONHECER COMO INVESTIMENTOS DE PESQUISA.....	39
2.2	POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: APONTAMENTOS DE INSPIRAÇÃO PÓS-ESTRUTURALISTAS PARA UMA MENINA DO CANTO DO CISCO DO OLHO, QUE AINDA DANÇA.....	48
3	MULHERES JOVENS, PERIFÉRICAS, DE ESCOLA PÚBLICA E ATIVAS NA INTERNET EM COLABORAÇÃO COM OUTRA MULHER: MINEIRA, PROFESSORA E SEPARADA – QUE IMAGENS SITUAM NOSSAS PROVISORIEDADES?.....	73
3.1	O EU E A/O OUTRA/O: IMAGENS DE MIM, IMAGENS PARA A/O OUTRA/O.....	73
3.2	GÊNERO E IMAGEM.....	82
3.3	“UM CISCO NO CANTO DO OLHO”: O CAMPO.....	85
4	CULTURA VISUAL, FEMINILIDADES E IMAGENS.....	100
4.1	A ESCOLA E A CULTURA VISUAL: QUE SUJEITOS ESTAMOS CONSTITUINDO?.....	113
5	DISPOSITIVO DE FEMINILIDADE, JUVENTUDES E IMAGENS DE SI: MULHERES EM CONSTITUIÇÃO.....	134
5.1	DISPOSITIVO DE FEMINILIDADE.....	136
5.2	CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES NO DISPOSITIVO DA FEMINILIDADE.....	145
5.3	DISPOSITIVO DAS JUVENTUDES.....	157
5.4	IMAGENS DE SI.....	168
6	PARA DIZER ATÉ BREVE: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM PERCURSO QUE POR ORA SE ENCERRA.....	172
	REFERÊNCIAS.....	176
	APÊNDICES.....	185
	APÊNDICE A - Autorização de Victória.....	185
	APÊNDICE B - Autorização de Ayana.....	185

APENDICE C - Autorização de Ísis.....	186
APÊNDICE D - Autorização de Cecília.....	186
APÊNDICE E - Autorização de Ana.....	187
APÊNDICE F - Autorização de Letícia.....	187
APÊNDICE G - Autorização de Kaylayne.....	188
APÊNDICE H - Autorização de Raphaella.....	188

1 INTRODUÇÃO OU DAS IMAGENS REVISITADAS...

Quando eu cheguei tudo, tudo
 Tudo estava virado
 Apenas viro me viro
 Mas eu mesma viro os olhinhos [...]
 De um lado o olho desaforo
 Que diz o meu nariz arrebicado
 Que não levo pra casa
 Mas se você vem perto eu vou lá
 Eu vou lá
 No canto do cisco
 No canto do olho
 A menina dança
 E dentro da menina
 Ainda dança
 E se você fecha o olho
 A menina ainda dança
 Dentro da menina
 Ainda dança
 Até o sol raiar
 Até o sol raiar
 Até dentro de você nascer
 Nascer o que há.
 A menina dança – Novos Baianos¹

Dentro de mim, *a menina dança. E dentro da menina. Ainda dança.* Mais que uma “menina que dança”, há dentro de mim, uma menina que balança e que revira a mulher que me torno a cada dia. Nelas – na menina e na mulher – há vários contornos para um feminino que descubro em mim, nas várias facetas que me compõem. A faceta de pesquisadora, que guarda e revive as vivências da menina curiosa que se movimenta, é a primeira que se visualiza na leitura deste texto. Entretanto, ao longo desta trajetória pessoal e de investigação que organiza essa introdução, desaforando as previsões para uma mulher do interior de Minas Gerais, fui me abrindo para variadas facetas de muitas outras mulheres que me constituíram. Revisito-as e percebo que algumas delas estão de forma intensa neste texto e no caminho que me trouxe até aqui. Vejo, por meio delas, minha timidez, ansiedade, pulsão pela vida, incertezas, invisibilidades e coragem.

A música que foi gravada em 1972 por Baby do Brasil, escolhida como epígrafe, me faz pensar que essa menina que existe dentro de mim também se encontra com outras meninas, de maneira que esse texto é resultado de uma pesquisa que se deu no encontro dessas meninas: as que estão dentro de mim junto

¹ "A Menina Dança" é a sétima canção gravada pelo grupo Novos Baianos no álbum intitulado "Acabou Chorare" de 1972. Foi composta por Luiz Galvão e Moraes Moreira e ficou conhecida na interpretação da cantora Baby Consuelo, hoje Baby do Brasil, integrante do grupo.

com as que encontrei na escola pesquisada. Mas a música diz de uma mulher que reivindica a existência de uma menina que “ainda” existe, que “ainda dança”. Mulher e menina constituem o que vem a ser o feminino como construto performativo. (BUTLER, 2001, 2003). Assim, estou trabalhando com o conceito de gênero como aquele que é produzido por uma sequência de atos. Seguindo as provocações de Judith Butler (2001, 2003) quero tomar feminino para pensar o sujeito em processo. A autora critica o feminismo, acusando as teóricas feministas de assumirem a existência de um sujeito feminino – mulher – quase como uma essência. Para a autora, a categoria mulher diz de um sujeito em processo, que é resultado dos discursos e dos atos que executa.

Para este trabalho, me questionei sobre a maneira como chamar e me referir às pessoas que fazem esta tese comigo. Não são meninas, além disso, não gostaria de trazer o termo adolescência para este texto por seu viés ideológico, carregado de sentidos médicos, psicologizantes e preconceituosos. Perguntei para elas se poderia chamá-las de mulheres jovens, se assim se viam e se entediam. As respostas vieram positivas, me responderam que sim, com exceção de Kaylayne, que disse que prefere ser apenas jovem. Victória me forneceu uma resposta interessante, que a reproduzo aqui:

- Penso que sou uma mulher, acho que todas nós também somos porque a maioria aqui já namora e toma as suas próprias decisões. Assim, quero dizer que sou mulher, mas sou jovem também (Victória, 2019).²

O critério de Victória que a coloca na categoria mulher, liga-se ao fato de já ter uma vida afetiva e um relacionamento. Durante minha juventude ouvi muitas vezes que uma “menina” tornava-se “moça” com a chegada da menstruação e que para ser mulher, deveria ser casada. Hoje observo que tornar-se mulher na época em que vivi como jovem, tinha ligação direta com a iniciação sexual, que preferencialmente deveria acontecer com o casamento. Victória faz uma relação parecida com esta em que vivi, condicionando o fato de ser mulher ao relacionamento de namoro que a maioria do grupo possui. Em sites que tratam da puberdade é possível observar que a denominação “mulheres” passa a ser utilizada após a primeira menstruação da menina. Também vemos outra marca etária, como

² As falas das jovens aparecerão ao longo deste texto em itálico com o intuito de diferenciar das demais citações.

no site Promundo³, que indica os 14 anos como a fase inicial da juventude feminina, ou início da vida da jovem como mulher, diferente do IBGE⁴, que considera uma pessoa jovem a partir dos 15 anos, enquanto que o Estatuto da Juventude⁵ define que pessoas jovens são aquelas cuja idade está entre 15 a 29 anos. Nesta tese a denominação escolhida pelas participantes será adotada como forma de tratamento e referência a elas.

Diante das afirmativas e concordâncias de que se consideram jovens e mulheres, tenho caminhado neste trabalho com o título: **Mulheres jovens, selfies, feminilidades e subjetividades em imagens**. Desta maneira anuncio a pesquisa que faço com mulheres jovens entre 13 e 18 anos⁶ de uma escola pública municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Elas são Raphaela, Kaylayne, Ísis, Cecília, Ayana, Letícia, Victória, Ana⁷. Por escolha delas, não criamos pseudônimos, elas quiseram ser reconhecidas e chamadas pelos próprios nomes. Para mim, foi uma importante decisão, pois a meu ver, a forma como nos apresentamos ao mundo passa, em primeira instância pelo nome que nos caracteriza, escolhido por alguém de nossas famílias ou de nossos afetos.

Conversamos sobre manter o nome ou inventar um pseudônimo para ser publicado no texto. O entendimento delas sobre o que estamos fazendo foi importante para manter esta decisão, ou seja, para elas nosso trabalho é sobre *selfies*, mas passa pelas Redes Sociais de cada uma, Redes estas em que estão com seus nomes, suas fotos, suas vidas, seus posicionamentos. A palavra *selfie* deriva do inglês *self* (si mesmo) com a junção do sufixo *ie* tornando a palavra um substantivo. Significa uma foto de si mesmo, um autorretrato, entretanto extrapola a simples função de fotografar-se, pois diz de intenções e produções para a sua divulgação. Este tipo de imagem é bastante popular nas Redes Sociais.

Cecília me disse que administra uma página no *Facebook*⁸ em que homenageia sua atriz favorita (Bia Arantes) e mantém seu próprio nome como dona

³ Promundo é uma organização não governamental que atua em diversos países do mundo buscando promover a igualdade de gênero e a prevenção da violência com foco no envolvimento de homens e mulheres na transformação de masculinidades.

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁵ Lei nº 12.852 de 2013.

⁶ Essas idades se referem ao ano de 2018.

⁷ São os nomes reais das jovens, que assim escolheram aparecer neste texto.

⁸ *Facebook* é uma Rede Social existente desde 2004 e é popular entre as jovens deste estudo. Trata-se de uma espécie de mural virtual em que podem ser colocadas imagens, notícias, fotos, lembretes, entre outras funções. Permite reações dos internautas por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários.

da página, portanto para ela não importava que seu nome entrasse no texto. Kaylayne me disse que posta o que considera importante e sempre é como ela mesma; Ayana diz ter a mesma opinião: - *se vamos falar da gente e usar nosso Facebook e Instagram⁹, acho que não tem sentido inventar outro nome, somos nós mesmas, né?* Ísis também opinou dizendo que

- *Seria estranho colocar outros nomes para falar da gente, porque se você ou qualquer pessoa for ver o que a gente coloca, for ver nossas postagens nosso nome verdadeiro vai estar lá, sem falar do nosso rosto né, porque as fotos são as que a gente escolhe pra mostrar quem a gente é (Ísis, 2018).*

Figura 1 - Imagem retirada do Facebook de Ísis



Fonte: Facebook de Ísis, março de 2018.

Figura 2 - Imagem retirada do Facebook de Ayana



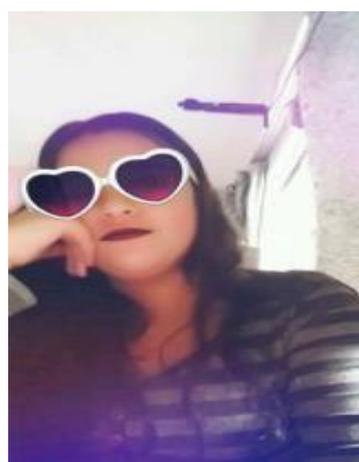
Fonte: Facebook de Ayana, junho de 2018.

Figura 3 - Imagem retirada do Facebook de Cecília



Fonte: Facebook de Cecília, setembro de 2019.

Figura 4 - Imagem retirada do Facebook de Letícia



Fonte: Facebook de Letícia, junho de 2018.

⁹ *Instagram* também é uma Rede Social que existe desde 2010 e permite o compartilhamento de fotos e vídeos, bem como a aplicação de filtros que alteram a qualidade das fotos.

Figura 5 - Imagem retirada do *Facebook* de Raphaella



Fonte: *Facebook* de Raphaella, agosto de 2017.

Figura 6 - Imagem retirada do *Facebook* de Kaylayne



Fonte: *Facebook* de Kaylayne, agosto de 2017.

Figura 7 - Imagem retirada do *Facebook* de Ana



Fonte: *Facebook* de Ana, setembro de 2018.

Figura 8 - Imagem retirada do *Facebook* de Victória



Fonte: *Facebook* de Victória, setembro de 2018.

Essas são imagens retiradas por mim de suas páginas pessoais do *Facebook*, local em que elas me autorizaram¹⁰ pesquisar. A sujeição que a *selfie* possibilita acontecer ativa e é ativada por dispositivos de feminilidades que atuam nas publicações de cada uma de nós neste estudo. Michel Foucault (2009) em *História da Sexualidade – a vontade de saber* nos diz da “unidade do dispositivo” como uma forma de controle que historicamente perpassou as monarquias, as formas da lei, avançando para o poder e os “dispositivos de aliança” que por meio de discursos e domínios, principalmente no que se referia à sexualidade, estrategicamente nos conduzia a uma ou outra forma de viver. Embora o filósofo não tenha falado especificamente dos dispositivos de feminilidades, este trabalho lança o olhar para estes mecanismos de construção e reconstrução de si, que encontram suporte em linguagens ditas e não ditas, em imagens, na mídia, nos aparatos tecnológicos, entre outros para discutir as maneiras pelas quais as mulheres são mais ou menos afetadas por estes construtos sociais.

Os dispositivos de feminilidades são mecanismos pedagógicos - pois ensinam e educam -, que podem ser imagéticos, textuais, comportamentais, discursivos, entre outros e que atuam na maneira como as mulheres aprendem a serem mulheres. Em cenas sociais, na mídia, nas roupas, maquiagem, cabelo, gestos, palavras, aceitações, recusas e pertencimentos cada uma de nós vai sendo capturada por representações do feminino, que são aprendidas.

Esta forma de ver e ser vista na internet é bastante habitual entre muitas jovens. Viemos de um passado em que catálogos de venda de pneus até publicidade de divulgação de imagens turísticas do Brasil no exterior, corpos femininos eram usados para atrair, vender, agradar. Essas imagens que existiam muito antes da internet já divulgavam mulheres em poses muito próximas às que encontrei nas páginas das jovens, me provocando a pensar que elas vão educando o olhar ao longo dos tempos e ensinando a ser mulher, num investimento do que é ser feminino. Desconstruir esta história de governo, exploração e abuso de nossos corpos é uma tarefa que ainda não terminamos de fazer, de maneira que podemos pensar que essas poses estão internalizadas na memória e nas práticas que unem modos de pensar e agir no processo de educação dos sujeitos.

¹⁰ Nos termos de consentimento para a realização da pesquisa, além do consentimento das próprias jovens, responsáveis também permitiram a participação das jovens sob sua responsabilidade.

Quero entender as imagens que compõem as páginas dessas mulheres jovens nas redes sociais como integrando um conjunto de mecanismos de governo da conduta dos indivíduos nos nossos dias, aos moldes do que Michel Foucault (1999) chama de governo de si e dos outros. Não é irrelevante dizer que existe um recorte de gênero que aponta a forma de posar, se mostrar e aparecer para uma foto, sendo mulher. Guacira Lopes Louro (2017) nos diz que

Mulheres, possivelmente mais do que homens, têm sido educadas para viver na expectativa de serem julgadas. Parece que faz parte das pedagogias da feminilidade o receio de não corresponder ao que, supostamente, delas é esperado (LOURO, 2017, p. 116).

Estas mulheres jovens não representam a verdade do que é ser jovem hoje. Elas são jovens que junto a tantas outras jovens dão forma e dizem de uma realidade situada, instável e provisória. Metodologicamente tenho caminhado com este sentido de entendimento nesta investigação, ou seja, reconhecendo a instabilidade que existe na constituição destas mulheres em suas performances de gênero feminino e dentro do corte geracional que as coloca como jovens. Assim como outras categorias etárias, a juventude e conseqüentemente as/os jovens fazem parte destas disputas teóricas que tendem a maneiras distintas de entenderem estas pessoas. Para este trabalho, me interessa problematizar as jovens e as juventudes como construtos sociais produzidos e que no decorrer da história vão mudando, se transformando. Shirlei Rezende Sales (2018) nos diz que

Cada sociedade estabelece, por meio de suas práticas, o que é ser jovem. Isso se dá em um processo que é histórico e se modifica ao longo dos tempos. A categoria juventude deve ser entendida em seu dinamismo fluidez, instabilidade e provisoriedade. Os modos de ser jovem não são fixos, nem permanentes (SALES, 2018, p. 85).

Nesta provisoriedade e instabilidade que as jovens encontram como condição para viverem suas vidas, a dimensão cultural é potente para a produção das suas juventudes. E esta dimensão cultural, nos dias em que vivemos, passa inevitavelmente pelas vivências digitais, proporcionadas pelas Internet. Jovens que estão se constituindo em diferentes espaços – físicos ou virtuais – e que nos provocam a pensar os diferentes discursos que educam essas mulheres jovens.

Além da juventude, outro fator as une: são oito mulheres jovens que são alunas e ex-alunas de uma mesma escola. A pesquisa tem como seu *lôcus* de

investigação as Redes Sociais – *Facebook e Instagram* – espaços virtuais em que cada uma das jovens vai se constituindo. Mas a escola também está presente. É onde elas se encontravam cotidianamente, conversavam, combinavam postagens, tiravam fotos que iam para as redes, que comentavam, que brigavam, de maneira que escola e redes sociais se integravam na constituição dessas mulheres jovens. É a escola na qual trabalho com Coordenadora Pedagógica, função que me colocava em contato diário com as estudantes da instituição, durante a realização da pesquisa. A escola em que trabalho e as jovens estudam localiza-se em um bairro na periferia da cidade. Trata-se de uma pequena escola municipal, com aproximadamente 270 alunas e alunos, 38 profissionais entre professoras, professores, equipe diretiva e funcionárias (números de dezembro de 2018)¹¹. Neste espaço, convivem desde crianças de 04 anos na Educação Infantil, até jovens entre 14- 16 anos no último ano do Ensino Fundamental.

É um prédio relativamente pequeno, com sete salas de aula, uma biblioteca, refeitório, parque infantil, quadra de esportes, sala de professores e secretaria. Surgiu como reivindicação dos antigos moradores do bairro Três Moinhos¹² e não veio sem polêmica: alguns moradores preferiam que no terreno disponível, fosse construída uma igreja católica. Estes são relatos orais que ao longo destes meus dez anos de escola, muito escutei e constam no Projeto Político Pedagógico da instituição. Este projeto confere identidade à escola e é composto por uma escrita coletiva feita pelos profissionais da escola e comunidade que engloba a história da criação da escola, características do bairro, dos alunos e das alunas, suas famílias e a filosofia da instituição. Este projeto é revisto anualmente, acrescentando ou suprimindo informações de acordo com os planejamentos internos e/ou indicações da Secretaria de Educação.

O foco deste estudo são os processos de subjetivação que são construídas por meio das imagens produzidas e expostas nas redes sociais de cada uma das participantes. Assim, minha questão de pesquisa é: **como os processos de subjetivação de mulheres jovens são atravessados e atravessam os dispositivos de feminilidade?** Para isso vou trabalhar com a divulgação de suas

¹¹ Dados relativos à minha atuação profissional nesta escola como Coordenadora Pedagógica.

¹² O Bairro Três Moinhos situa-se na Zona Leste de Juiz de Fora, MG, entre os bairros Vitorino Braga e Linhares. É um bairro pequeno, de pessoas de baixa renda em sua maioria, que constitui-se de duas partes: a primeira está nos arredores da escola, circundando-a e a segunda parte caracteriza-se por invasões de terrenos na parte alta do bairro. É uma área íngreme que sofre com as chuvas e com as constantes ameaças de desmoronamentos.

imagens e as narrativas de si em *selfies* nas redes sociais entendendo-as como parte dessa rede atual de constituição dos sujeitos, especialmente, como parte dessa rede que são os dispositivos da feminilidade e que constituem modos de ser mulher jovem na contemporaneidade.

Os trabalhos de Michel Foucault mostram que vamos nos constituindo por diferentes e diversos discursos, práticas, técnicas e tecnologias. Essa forma de pensar é importante para entendermos como somos resultados de saber-poder e de tecnologias humanas, como as escolas, as mídias, as redes sociais. Esses espaços, formas de saber e agir vão sendo atravessados por relações de saber-poder e vão disciplinando e produzindo sujeitos pelas práticas discursivas e não-discursivas. Como argumenta Nikolas Rose (2001) essas tecnologias humanas são partes indispensáveis nos processos de subjetivação. Para ele as tecnologias humanas são “montagens híbridas de saberes, instrumentos, pessoas, sistemas de julgamento, edifícios e espaços, orientados, no nível programático, por certos pressupostos e objetivos sobre os seres humanos” (ROSE, 2001, p. 38). Hoje em dia os processos de subjetivação são marcadamente diversos, múltiplos, plurais e divergentes (ROSE, 2001). Com isso, nossa subjetividade também se caracteriza como heterogênea, plural e divergente, visto que ela é resultado das relações de saber-poder que organizam nossas experiências. As redes sociais são hoje uma dessas tecnologias de saber-poder que tem exercido uma importante função nos processos de subjetivação, tanto de mulheres quanto de homens.

A problematização das imagens *selfies* de oito mulheres jovens e os processos de subjetivação é o que busco na condução da pesquisa. Segundo James Marshall (2008) há uma perspectiva de pesquisa em Foucault, que podemos chamar de “problematização”. Marshall explora essa abordagem “como uma possibilidade para fazer pesquisa educacional” (2008, p. 25). Para Michel Foucault, problematizar está diretamente ligada história do pensamento.

Pensamento não é o que habita uma certa conduta e dá a ela seu significado; em vez disso, é o que permite a alguém dar um passo atrás em relação a essa maneira de agir e reagir, a apresenta-la como um objeto de pensamento e questioná-la em relação a seu significado, suas condições e suas metas (FOUCAULT, 2008).

O que Foucault nos convida a realizar tomando a problematização como abordagem de pesquisa é questionar significados, condições de existência daquilo

que pensamos e como agimos, enfim, é um convite para nos colocar sob suspeita, tratando o objeto do pensamento como um “problema”. Essa abordagem nos possibilita colocar o sujeito como resultado de processos educativos para problematizar nossas formas de pensar e agir. Portanto, queremos transformar em problema de investigação os modos de subjetivação dessas oito mulheres jovens por meio de dispositivos de feminilidades. Edgardo Castro (2016) em *Vocabulário de Foucault* define o conceito de dispositivo.

o dispositivo é a rede de relações que pode ser estabelecida entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito (CASTRO, 2016, p. 124).

Considerando que dispositivo é uma rede, estamos trabalhando com a ideia do feminino como um dispositivo, como resultado dessa “rede de relações”, em que as imagens fazem parte. Se o feminino é resultado dessa rede de relações ele está em constante construção e desconstrução, de maneira que podemos problematizar sua constituição, colocando sob suspeita a essência do feminino, entendendo o gênero como construção que implica no contato com a cultura e as relações que se estabelecem por meio dela. Elas, as mulheres jovens com as quais pesquiso, se movimentam na construção de si mesmas, que dançam e deixam nascer o que há no mundo, nascer em si, subjetivando-se e dessubjetivando-se em uma dança incansável para constituírem-se.

Ao longo deste texto, tomarei como suporte para o entendimento da cultura e suas derivações, uma definição de Dagmar Estermann Meyer (2014). Para a autora, “a cultura é entendida como o conjunto dos processos com e por meio dos quais se produz um certo consenso acerca do mundo em que se vive” (p.54). A autora afirma ainda que na cultura também estão imbricados sistemas de negociação os quais entendo como recusas, pertencimentos, valores e verdades, por exemplo. Em nossos dias, neste momento histórico, a internet interage com esse sistema cultural, uma vez que faz parte da vida de muitos de nós, cotidianamente. Portanto, neste trabalho incluo a internet e suas variáveis, como as Redes Sociais, como parte do sistema cultural. As redes sociais estão na escola, estão nas mãos das meninas que andam com os celulares quase como prolongamento do corpo. As imagens e o som

das ruas invadiram as escolas pelo acesso aos celulares, de forma que a escola está conectada o tempo todo com outros espaços, sujeitos, sons e imagens.

“*Viro me viro*” para encontrar quando este tema tornou-se inquietante o bastante a ponto de transformar-se em uma questão de estudo. Cabe dizer que esta pesquisa, assim como tantas outras do grupo do qual faço parte, **GESED** – Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade _ deriva de um incômodo e inquietação com a questão da imagem que vem me acompanhando há bastante tempo, principalmente com a imagem feminina, com a constituição das mulheres, como sujeitos de suas próprias histórias.

Estas jovens que me ajudam a entender um pouco mais sobre imagens nas Redes Sociais e feminilidades não são o retrato exato do que é ser jovem, mulher, brasileira... Quando digo que elas não são o retrato do que é ser mulher jovem, estou afirmando que elas são parte de uma juventude, são mulheres que em seus processos de subjetivação e modos de vida apontam para uma forma de ser e estar no mundo. São únicas e irrepetíveis, não são como as outras, entretanto, fazem parte deste mundo e contribuem para que possamos refletir e problematizar algumas maneiras de ser jovem, mulher, brasileira, periférica. As construções de suas páginas pessoais nas Redes Sociais me indicam caminhos para trilhar. Além de investigar as páginas públicas das participantes, também trabalhamos com organização de grupos focais em que discutimos algumas temáticas tais como a construção de um autorretrato, as discussões em torno da rede de sociabilidade na definição das imagens a serem publicadas, dentre outras.

Para além das imagens que produzem de si, também provocamos as narrativas de si nestes grupos focais. As narrativas de si são aqui entendidas como as maneiras pelas quais, nós, sujeitos de nossas histórias, nos utilizamos da ética e do cuidado consigo próprio para individualizar o que vivemos. Michel Foucault (2018) em *O que é um autor?* diz sobre a escrita de si, como uma possibilidade de exercício pessoal.

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (FOUCAULT, 2018, p.141).

Narrar-se, ter cuidado consigo mesmo, dominar a arte da existência, pode, em primeira mão, sugerir o afastamento dos convívios e voltar-se para si, entretanto, não é o que ocorre. Paradoxalmente, quantas mais trocas cada uma de nós é capaz de fazer com as outras, mais exercitamos o cuidado conosco mesmas. Cuidar de nós mesmas em um ambiente social nos leva a escolhas que sejam mais próximas às nossas aspirações éticas, estéticas, aos nossos anseios, permite o acolhimento e o conhecimento que temos. Assim vamos nos subjetivando, seguindo e/ou questionando regras, construindo conhecimentos sobre si... Assim as jovens eram provocadas a se pensarem, a colocarem sob investigação seus modos de constituição.

Falar de cada uma, de cada escolha, dizer de si, ouvir a outra, “escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.” (Foucault, 2018, p.150). Esses procedimentos foram fortalecendo a escolha por se apresentarem com seus nomes próprios. Entendo, portanto, que conversar sobre suas vidas virtuais, suas páginas e interações é parte do jogo do verdadeiro/falso que não pode ser expresso de outra forma a não ser pelo que nos define inicialmente na vida: o nosso nome. Nome carregado de história e discurso, que nos insere em uma forma de nos apresentar ao mundo. Concordo com este posicionamento, pois o nome, para mim, é uma unidade mínima de significado que traduz uma de nossas primeiras interações com o mundo que nos recebe.

Em poucas ou muitas letras, cada um dos nomes revela uma trajetória, negociações, escolhas e decisões. Cada um desses nomes apresenta para a criança que acabara de nascer um mundo discursivamente ativo que a recebe e que, mesmo antes de dar-se conta disso, já fazia parte de um discurso. Gênero como discurso é o que aparece na obra de Butler (2001, 2003), de maneira que essas mulheres jovens vão se constituindo como efeitos desses discursos de gênero, como efeitos dos atos ou sequência de atos que estão sempre e recorrentemente sendo repetidos. Será menino ou menina? Será parto normal ou cesariana? Entre tantos outros questionamentos que cercam o nascimento de uma criança, organizando sua chegada ao mundo, o nome é parte importante desta história pessoal que nos é dado, representa potência nas narrativas que construíram esta tese.

Se este trabalho diz de imagens, visibilidades em um jogo de disputa nos processos de subjetivação, a escolha por trazer os nomes reais tornou-se coerente e

potente. Dizer de si, das escolhas de si e das formas de imagem escolhidas para falar de si não poderiam, de forma alguma, ser relevado a um detalhe de pesquisa. Aqui importam os nomes, as histórias, as formas de constituírem-se mulheres; no dizer de cada uma delas, a começar por seus nomes reais e com suas próprias palavras.

Michel Foucault (2012) quando questiona a relação que a história e a ciência tiveram com a verdade, nos possibilita entender que os estudos que fazemos são parte de nossas verdades e formas de ver o mundo. Tomarei a referência de verdade que Michel Foucault (2012) em *Ditos e Escritos IV* nos apresentou,

Não é suficiente fazer uma história da racionalidade, mas a própria história da verdade. Isto é, em lugar de perguntar a uma ciência em que medida sua história se aproximou da verdade: (ou lhe impedir o acesso a ela), não haveria que dizer, antes, que a verdade consiste em determinada relação com o discurso, o saber mantém consigo mesmo e perguntar-se se esta relação não é ou não tem ela mesma uma história? (FOUCAULT, 2012, p.54).

Para fazer uma investigação é importante problematizar as verdades que são tidas como únicas e intransponíveis, enxergando que tais verdades dependem de contextos, relações de poder e disputas: tendo em vistas estas características, me lancei na aventura de pesquisar com mulheres jovens! Problematizar é uma maneira de investigar! Pesquisar tendo a problematização como forma de conhecer, proposta por Michel Foucault (1994) significa ter um distanciamento para as situações com as quais consideramos corriqueiras. Desta forma, torna-se possível vê-las sob outro foco, ou seja, desnaturalizá-las.

Ao lidarmos com as situações que a nossos olhos são banais, conseguir um distanciamento para perguntar por que consideramos algo certo ou errado, feio ou bonito, importante ou desnecessário, etc. possibilita que entendamos os mecanismos que nos subjetivam. Problematizando o que nos parece “normal”, buscando entender que para cada época histórica, lugar geográfico, situação social, existe normas que são mais ou menos valorizadas e, se não questionadas, tornarão verdades absolutas e guiarão a forma de viver das pessoas.

Entendo que tais inquietações, quando vão além de incômodos momentâneos, são potentes para investirmos em saber um pouco mais sobre elas e possuem relação com nossa história e nos processos de subjetivação. Roney Polato de Castro (2014), em sua tese de Doutorado, apresenta uma reflexão importante

acerca de nossas aproximações com a metodologia e os temas com os quais pesquisamos:

Dar-se conta de que todo conhecimento é antes cultural, e está atravessado por redes de saber-poder, foi possível para mim a partir do encontro com as perspectivas pós-estruturalistas. Subversão, desconstrução, desnaturalização. Linguagem, discurso, saber e poder. Das metanarrativas para as muitas narrativas, verdades em suspenso. Desconfiar, suspeitar. Encontrar poucas respostas, multiplicar questionamentos, provocar o pensamento [...] (CASTRO, 2014, p. 16).

O trabalho de Roney Polato de Castro (2014) nos possibilita este entendimento, de que a pesquisa que fazemos está intimamente ligada a questões que são nossas, que nos são caras, que movimentam nosso pensamento e ativam nossa paixão. A paixão por revisitar-me e perceber a mulher que sou e me torno faz este caminho muito desafiador.

Considero importante dizer como a pesquisa foi construída: as **escolhas**, os **percursos**, as **conversas**, as **formas de aproximação** e os **encontros** de fato. Desde o início, desde as primeiras impressões que me motivaram ao desejo de pesquisar, as mulheres¹³ foram o foco principal do olhar, sendo assim, a pesquisa inicial, a que deu origem aos escritos que me trouxeram ao Doutorado, já dizia desde seu título, que se tratava de uma pesquisa com mulheres. Com o passar do tempo, o amadurecimento de outras questões, percebi que para além de uma pesquisa com mulheres, ela era também sobre mulheres.

Assumindo uma perspectiva de gênero em que não se pretende a naturalização de uma forma única de ser mulher, assumo as representações sociais em detrimento das explicações biológicas neste texto e também na pesquisa. Assim me referirei às mulheres jovens que estão comigo no plural: mulheres jovens. Neste entendimento do gênero como culturalmente produzido, algumas autoras e autores se fazem fundamentais para este trabalho e estarão presentes nesta escrita. Michel Foucault (1986, 2010, 2012), Guacira Lopes Louro (2004, 2007, 2011) e Judith Butler (2003, 2001), entre tantas outras e outros que possibilitaram atravessamentos importantes neste processo...

¹³ Utilizarei mulheres no plural por acreditar na existência de muitas possibilidades de ser mulher em nossa sociedade, a existência das mulheres não será entendida como essência, nem tampouco como natural ou biológica.

Acredito que nenhuma questão seja alheia ao que me subjetiva, portanto, grande parte deste estudo foi um encontro com as crenças e formas de compreender o mundo que fui construindo. Não posso escrever algo e não viver aquilo que escrevo... Venho me constituindo, construindo minha história e isto pode ser visto nas páginas que se seguem. Neste sentido, um texto de Guacira Lopes Louro (2007) traz importantes reflexões para este processo que envolve a pesquisadora e o tema da pesquisa. *Conhecer, pesquisar, escrever...* nos atenta para a esquivia à verdades universais e imutáveis. Para mim, é confortável ler o que Guacira nos escreve, pois permite o entendimento de que nossa produção é datada e situada. Este caráter de transitoriedade mostra dinâmicas sociais importantes e que dizem de escolhas.

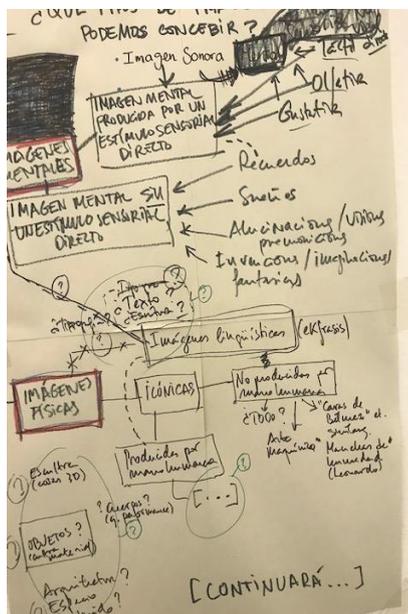
Admitir a incerteza e a dúvida supõe poucas (raras) afirmativas categóricas ou indiscutíveis e o uso frequente de formulações mais abertas. Para muitos, um texto com tais características pode parecer incompleto, inconcluso. Talvez alguns até suponham que o autor ou autora seja um tanto inseguro/a. No entanto, seria razoável pensar que esse tipo de escrita também pode, mais do que outras, sugerir transposições e expansões. O leitor ou leitora são “chamados” mais fortemente a intervir ou a tomar posição e a leitura talvez se transforme, assim, num processo mais provocativo e instigante (LOURO, 2007, p.238).

As provocações de Guacira Lopes Louro (2007) me possibilitaram entender que duvidar, voltar atrás, estranhar e não fornecer conclusões exatas e universais sobre o que estudo são maneiras de entender o mundo e, conseqüentemente, indagar este mundo. Assim, assumo a perspectiva pós-estruturalista como suporte teórico-metodológico que me auxilia a conhecer sobre um tema, duvidando, estranhando, questionando, indo e voltando. Uma perspectiva metodológica que, por meio de Grupos Focais e trabalho com as imagens, me conduzem a problematização do que é visto como natural, correto, linear e esperado.

Para compreender o tanto que estou presente nestas palavras, que somadas a palavras de outras mulheres vão dando vida ao que entendemos por texto, por escrita, por construção acadêmica de um estudo, voltei meu olhar para as minhas próprias vivências com as imagens. Assim, ao revisitar o passado, consigo ver reflexos do que a imagem sempre representou para a minha vida. Trago abaixo duas fotografias que são fruto de discussões sobre o que são as imagens e as tantas possibilidades de definição, representação e influências que as rodeiam. São fotografias de cartazes produzidos durante os Seminários de Cultura Visual,

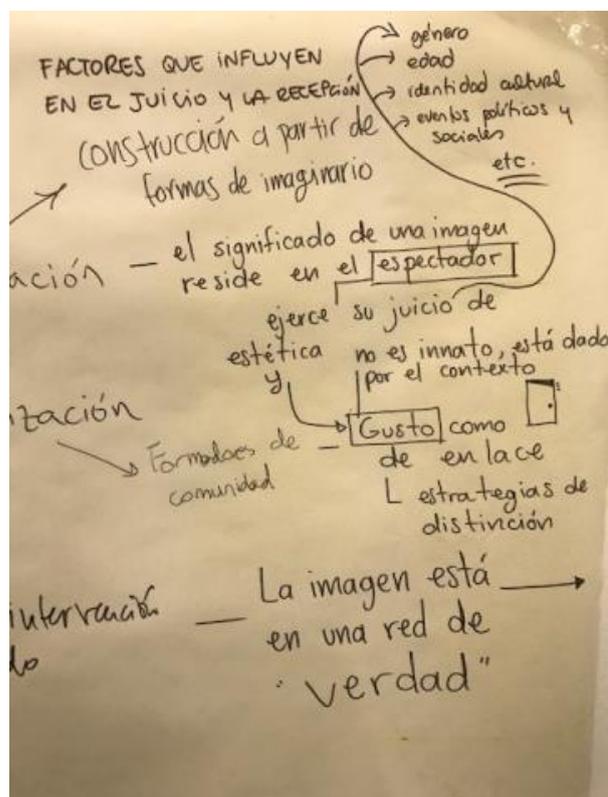
ministrados pelo Professor Fernando Hernández, na Universidade de Barcelona, em novembro de 2018.

Figura 9 - Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018



Fonte: foto feita por mim na Sala de Aula 8 – Universidade de Barcelona, novembro de 2018.

Figura 10 - Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018



Fonte: foto feita por mim na Sala de Aula 8 – Universidade de Barcelona, novembro de 2018.

Figura 11 - Quadro retirado do *site* Dicionário On-line Paulette, 2018



Fonte: quadro retirado do *site* Dicionário On-line Paulette em novembro de 2018.

Figura 12 - Quadro retirado do *site* Dicionário On-line Paulette, 2018



Fonte: quadro retirado do *site* Dicionário On-line Paulette em novembro de 2018.

São muitos os sentidos que a palavra imagem carrega em sua simbologia; por ser algo tão corriqueira, muitos de nós não nos atemos a defini-la. Por imagem, quero referir-me em dois sentidos: o primeiro deles diz da imagem como comportamento e atitude perante a vida e, outro sentido, tomando a imagem como representação. Fernando Hernández (2007) defende que a representação é uma espécie de prática simbólica, operadas por meio de processos de sentido e de linguagem. “As coisas não têm significado: nós construímos o sentido usando sistemas de representação”. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22). Utilizei os dois quadros anteriores, para ilustrar o que o Dicionário On-line Paulette diz sobre estes dois verbetes costumeiramente utilizados por mim (imagem e representação). Entendo que é necessário ir adiante e Régis Debray (1994) em *Vida e Morte da Imagem* nos apresenta uma reflexão interessante sobre imagem e representação. Nas palavras dele encontro potencialidade para o entendimento do que significa imagem e representação, para além das definições do dicionário:

Somos a primeira civilização que pode julgar-se autorizada por seus aparelhos a *acreditar em seus olhos*. A primeira a ter colocado um sinal de igualdade entre visibilidade, realidade e verdade. Todas as outras, e a nossa até ontem, estimavam que a imagem impede de ver. Agora, vale como prova. O representável apresenta-se como irrecusável (DEBRAY, 1994, p.358).

Aliado ao fato de poder ser representadas por imagens, estamos também expostas ao crivo de quem nos observa. Ao fato de *Acreditar nos olhos*, como nos disse Debray (1994), hoje acrescentamos mais elementos ao fato de ver e ser vista: a escolha, produção e divulgação do que julgamos nos representar, em algum momento, lugar, ou circunstância que seja relevante.

Para mim, as duas formas de relacionamento com a imagem estão presentes desde muito cedo. Sou filha mais velha, nascida em uma cidade muito pequena do interior de Minas Gerais. Cresci em uma família materna cujas tradições foram muito valorizadas. Descendemos de imigrantes italianos que não fizeram história com vida fácil e ausência de trabalho duro; nossa vida foi se construindo em meio a dificuldades e superações. Somos os Nallon, Nalon, gente de caráter¹⁴... Ter uma palavra e uma imagem a zelar significava mais do que honestidade, significava sobrevivência em tempos de escassez e incertezas. Com a família paterna não foi diferente. De sobrenome Machado, aprendemos desde cedo que somos “duros e sistemáticos” e com isso fomos levados a entender que a vida nem sempre era fácil, tampouco previsível e certa.

A preocupação com a imagem fez de mim uma menina curiosa, porém quieta, de voz baixa e palavras medidas com estranhos. Fui me constituindo como alguém que confia somente naqueles que são muito próximos, me revelando muito lentamente para quem chegava. Era uma infância interiorana, com brincadeiras de rua, idas à escola, à igreja e alguns outros poucos lugares. Era uma infância de curiosidade pela leitura e pela palavra escrita. Era uma infância que cheirava a monsenhor, - aquela florzinha branca que exala longe seu cheiro - tinha asas de anjo no mês de maio, histórias compartilhadas e rio com correnteza nos fundos da casa da avó. Assim éramos felizes.

Apreendi desde muito cedo a respeitar, cumprir acordos, escutar e obedecer. Foi assim até a adolescência, época que inaugurou uma forma outra de ver a vida e ganhar o mundo. Mas aquele mundo com poucas ruas, rio com correnteza e festas de maio foi tornando-se tão pequeno que já não mais me cabia... Tão lentamente pude ver com olhos de ir além, tão lentamente abri uma janela que apontava para algumas outras coisas. Outras pessoas, outras escolas, outras cidades e outras

¹⁴ Escutei esta frase grande parte da minha infância, juventude e até mesmo na vida adulta. A cultura familiar de valorizar a honestidade traduziu-se na maneira de nos entender como pessoas confiáveis. Esta característica familiar me constituiu, me situou em um modelo de valores e criou em mim formas de entender e me movimentar na vida.

formas de me relacionar que até então eu não sabia. A menina da Rua João Alves da Silva, número 84 não era assim conhecida nas escolas das outras cidades, pelos professores e professoras daqueles lugares, pelos colegas das salas de aula, pátio e recreio. A menina da Rua João Alves da Silva, número 84, agora incorporava outras palavras, formas e pensamentos. A imagem neste momento foi entendida como forma de sobrevivência naqueles ambientes tão desconhecidos. Eu era alguém em quem se podia confiar. Fui aprendendo a observar quem eu era, pelos vestígios do que eu não era. E eu não era alguém alheia às pessoas e às palavras, e a elas, às palavras, recorro para trazer uma singeleza para este trecho:

Tão lírica minha vida,
 difícil perceber onde sofri.
 Depois de décadas de reprimido desejo,
 furei as orelhas.
 Miúdos como grãos de arroz,
 brinquinhos de pouco brilho
 me tornaram mais bondosa.
 Fora minhas irmãs,
 que também pagam imposto
 ao mesmo comedimento,
 quase ninguém notou.
 Fiquei mais corajosa,
 igual a mulheres que julgava levianas
 e eram só mais humildes.
 (Adélia Prado, Pingentes de citrino – Poesia Reunida, 2015¹⁵).

Um tanto corajosa, assim fui seguindo, estranhando o mundo com um olhar curioso, uma vontade de viver sem tamanho e algumas impossibilidades de ir além. Juiz de Fora chega para minha vida com 17 anos e sim, agora ter uma imagem condizente com a cidade se mostrava fundamental. *Quando eu cheguei tudo, tudo, tudo estava virado...* Nova escola – escola privada, uma novidade para mim – muitas pessoas nas ruas, invisibilidade e sim, um mundo de possibilidades. *Apenas viro me viro, mas eu mesma viro os olhinhos...*

¹⁵ Adélia Prado é uma das minhas autoras preferidas porque traz o profano e o sagrado para o cotidiano de mulheres comuns, como eu. Fiz a opção por trazer este poema porque me toca quando diz das mulheres corajosas em oposição às que são julgadas levianas... Assumo inspiração livre feita nas páginas anteriores, ao poema Verossímil, quando refiro-me ao mês de maio: “Antigamente, em maio, eu virava anjo. /A mãe me punha o vestido, as asas, / me enalcava a coroa na cabeça e encomendava: ‘Canta alto, espevitava as palavras bem’. Eu levantava voo rua acima”. (PRADO, Adélia. **Verossímil**. In: Bagagem. Rio de Janeiro: Record, 1976).

A menina das asas de anjo do mês de maio agora morava em uma cidade grande. *A menina ainda dança...* Universidade, definições da vida profissional, consolidação de muitos planos, incerteza de outros tantos. Da imagem da desconfiança brotava uma mulher com alguma coragem. Concurso, escola, mestrado, separação, reinvenção da moça de família, primeira a se “desquitar” entre tantas mulheres fortes que antes de mim vieram fazendo nossa história. Muitas mulheres em uma só. Somos assim, muitas em uma, que em “processo de produção simbólica e discursiva” (SILVA, 2014, p.34) vamos nos constituindo. Estes traços dos processos de subjetivação dialogam entre si, alternando o protagonismo ora de uma, ora de outra, ou seja, quando estou em um encontro de professoras e professores, subjetivo-me com elementos importantes para minha vida profissional, são, portanto, acionados com mais potência, ao contrário do que aconteceria em um bloco de carnaval, por exemplo. Este olhar que consegue identificar múltiplas formas que estamos sujeitas à subjetividade, indica a impossibilidade de tornar absoluta uma forma de viver, de star no mundo.

Faço essa brevíssima retrospectiva e lembro de ser representada em fotos na grande maioria delas. Lembrar é um ato importante, pois possibilita que eu narre a mim mesma, construindo um acontecimento sobre o que passou comigo, transformando-o em conhecimento. Foucault (2014) nos apresenta em *Ditos e Escritos IX*, o seguinte questionamento: “Como as experiências individuais ou coletivas dependem das formas singulares do pensamento, isto é, do que constitui o sujeito em suas relações com o verdadeiro, com a regra, consigo mesmo?” Este questionamento me leva a entender que as narrativas que construo, são possíveis por meio dos atos de subjetivar-me e dessubjetivar-me, em meio a movimentos que advém das experiências pelas quais passei e passo. Narro a partir da memória, da seleção do que ouvi sobre o passado, do que me lembro e do que, sendo importante, me atravessou, possibilitando um conhecimento que tenho sobre mim mesma. Narrar e lembrar tem a ver com as fotos, com as imagens do passado ressignificadas no tempo presente. É sempre um olhar do presente para o passado, sob a forma de pensamentos, portanto, em imagens e, também de suportes para esta memória, como as fotos, por exemplo. As imagens fotográficas são para Susan Sontag (2018) “miniaturas da realidade” (SONTAG, 2018, p. 14), ou seja, recortes do que foi importante que merecem ser guardados e recontados. Para minha família, a lembrança e a memória eram importantes, hoje vejo que para mim também são.

Lembro as cenas, vejo-as em imagens: pensamento é imagem. A memória diz do contato com imagens a partir do presente.

Tive sorte – se é que se pode dizer assim – em ter pai e mãe preocupados em ter nossa história registrada por fotos, guardados de desenhos, textos e outros vestígios de memória. Assumirei as definições de memória trabalhadas pela autora chilena Maria Angélica Cruz (2012). Esta autora entende que a memória é uma prática social, ou seja, é contingente e contextual; é também, um processo intersubjetivo contínuo, em que aquilo que recordamos é uma construção e nunca é igual para todas as pessoas. Nas palavras dela, encontro elo para a compreensão deste passado que me afeta e me sustenta até os dias de agora:

De modo permanente estamos obrigados a defender, argumentar, explicar, justificar e/ou silenciar o passado para sustentar uma versão que nos dê sentido. [...] Cada contexto relacional nos situa na disposição de ter que reconfigurar o “já acontecido” em função do que está *sendo* para legitimar a própria memória e, assim, a própria identidade e posição. Daí que as versões do passado nunca são iguais, pois devem adequa-se ao contexto comunicativo e aos efeitos que pretendem produzir (CRUZ, 2012, p. 260).

A construção deste passado que elejo como parte da minha história, também se relaciona com o passado dos que vieram antes de mim e construíram suas memórias de maneira discursiva. A geração protagonista do passado recente, entrega à geração sucessora ideias de pertencimento, entretanto deixa frestas para que haja um diálogo entre estas gerações. (CRUZ, 2012, p.261). Existe o que lembro, o que me contaram e o que foi registrado.

Quando escrevo sobre esta trajetória, inevitável lembrar os equipamentos de fotografia, da incerteza da qualidade das fotos, da demora em vê-las, do valor das revelações... Da profissão de retratista! Início a escrita deste texto em 2016, já na casa dos quarenta anos e como testemunha de uma mudança gigantesca na relação da tecnologia com a imagem. De câmeras caras, filmes e revelações, passando por câmeras descartáveis¹⁶ chamadas *Love* e *Xereta*, de qualidades duvidosas, até a chegada de câmeras digitais que não usavam filmes, não

¹⁶ Existia nos anos de 1980 modalidades de câmeras fotográficas populares (*Love* e *Xereta*) que já traziam o filme acoplado a máquina. Estas máquinas fotográficas eram enviadas inteiras para um laboratório de revelação de fotos que, ao devolverem as imagens reveladas, enviavam outra câmera com o número de poses igual ao que foi revelado (12, 24 ou 36 poses).

revelavam fotos, não se pegava mais em papel *Kodak*¹⁷. Onde estou nestas passagens todas?

Assim, este texto se divide em seis capítulos, considerando a introdução e considerações finais. No capítulo 2, que nomeei **O labirinto da pesquisa: caminhos e escolhas**, apresento-me como pesquisadora que necessita tomar decisões, escolher rotas, atalhos e estradas. Prosseguindo ainda neste capítulo, converso com as possibilidades metodológicas desta investigação, buscando fazer problematizações acerca da pesquisa pós-estruturalista, estranhando, fazendo perguntas, evitando a naturalização e generalização em relação ao que estudo. Para estas discussões apresento as problematizações em duas sessões, chamadas respectivamente: **2.1 - Aproximações ao tema: escrever e conhecer como investimentos de pesquisa** e **2.2 - Possibilidades teórico-metodológicas – apontamentos de inspiração pós-estruturalistas para *uma menina do canto do cisco do olho, que ainda dança...***

O Capítulo seguinte, Capítulo 3, apresenta as formas de aproximação entre as jovens em colaboração comigo. Chamado **Mulheres jovens, periféricas, de escola pública e ativas na Internet em colaboração com outra mulher: mineira, professora e separada – que imagens situam nossa provisoriedade?** Neste capítulo, são apresentadas três sessões que tratam da minha relação com o tema de pesquisa tendo em vista minha relação com a imagem ao longo da vida. Nesta mirada¹⁸ para o passado e a minha constituição subjetiva, busquei relações com as jovens que são parceiras neste trabalho. São três sessões neste capítulo, a saber: **3.1- O eu e a/o outra/o: imagens de mim, imagens para a /o outra/o; 3.2- Gênero e Imagem** e, encerrando o capítulo com discussões sobre o processo de investigação, entendendo que pesquisar um tema é estar com este tema vivo, pulsante em nosso cotidiano, às vezes como um cisco no olho que impulsiona a retirada, ou melhor, a escrita. A esta seção, **3.3**, dei o nome de ***Um cisco no olho: o campo***.

Os capítulos 4 e 5 dialogam com elementos que encontrei no campo, em interação com as jovens, além de terem sido escritos durante minha estância no PDSE (Programa Doutorado Sanduíche no Exterior/CAPES), na Faculdade de Belas

¹⁷ Papel Fotográfico.

¹⁸ Mirada, de acordo com o *Dicionário Online de Português*, significa “olhada; ação de fixar os olhos em alguma coisa ou em alguém; ato de mirar, de olhar, de observar”.

Artes, Universidade de Barcelona. Assim, o Capítulo 4 dedica-se às discussões sobre imagem e cultura visual e foi nomeado **Cultura Visual, feminilidades e imagens**.

O Capítulo 5 discute a feminilidade por meio dos dispositivos, que atuam por meio de regulamentos, padrões, discursos, instituições e, no caso deste estudo, por meio das Redes Sociais. Os artefatos também são importantes para os dispositivos, portanto problematizarei a fabricação das imagens de si, por parte das jovens, para divulgação na internet. Este capítulo tem o título de **Dispositivo de feminilidade, juventudes e imagens de si: mulheres em constituição**.

Partirei agora, para o Capítulo 2, me lançando ao labirinto das escolhas que uma investigação requer, problematizando as decisões teórico-metodológicas que auxiliaram a construção deste trabalho.

2 O LABIRINTO DA PESQUISA: CAMINHOS E ESCOLHAS

O labirinto é o lugar do estudo. *Labor intus*.
 [...] Às vezes multívoco, prolífico e indefinido. Um espaço de pluralização,
 uma máquina de desestabilização e dispersão, um aparato que
 desencadeia um movimento de sem-sentido, de desordem, de obscuridade,
 de expropriação.
 O estudante se dispensa nos meandros de um labirinto sem centro e sem
 periferia, sem marcas. Infinitamente aberto
 (LARROSA, 2003, p. 31).

Este poema de Jorge Larrosa me acompanha desde minha dissertação de Mestrado, defendida em 2006. A ideia do labirinto e dos caminhos que se escolhe, pelo estudo, é muito potente para falar deste lugar que é o de alguém que toma posicionamentos para sair do lugar. De alguém que percorre, de alguém que se movimenta. De alguém que pesquisa e que, portanto, precisa mover-se para conhecer.

O percurso de uma pesquisa pode parecer, em primeira mão, um percurso solitário e cheio de incertezas. Em se tratando de uma pesquisa de inspiração pós-estruturalista, na qual lanço-me aberta ao campo e sua multiplicidade, o imponderável e a surpresa tornam-se elementos importantes no entendimento de que na ausência totalitária e definitiva das certezas, que algo pode ser produzido, sem a necessidade de uma conclusão definitiva. Como nos diz Guacira Lopes Louro (2007),

A escolha teórica e política que venho empreendendo há alguns anos tem me levado a desconfiar das certezas definitivas, tem me obrigado a admitir a incerteza e a dúvida. Venho aprendendo a operar com a provisoriedade, com o transitório, com o mutante. Isso está muito longe de significar que «vale tudo», mas implica praticar, frequentemente, o autoquestionamento. Nesse caso, abandona-se a pretensão de dominar um assunto ou uma questão (LOURO, 2007, p.4).

Falo de ausência de certezas e da surpresa do caminho. Com isto, quero dizer que a trajetória na qual me lancei pode ser ilustrada pela epígrafe deste texto: o labirinto. Coloco-me como a estudante frente às muitas possibilidades de um labirinto: estar perdida, estar atenta, perder o centro, perder a saída, explorar o caminho e encontrar-se. Como no mito de Ariadne¹⁹, o fio que possibilita a saída,

¹⁹ Ariadne, figura da mitologia grega, filha de Minos, tinha um meio-irmão que era meio homem, meio touro, de nome Minotauro cuja aparência amedrontava as pessoas, vivia num labirinto no palácio de Cnossos. O labirinto era tão complexo que o próprio arquiteto que o construiu, morreu ao não

que aqui neste caso, representa a escrita, as problematizações e a produção da pesquisa, reside no encontro, nas trocas e na aventura que é conhecer mais sobre um tema, conhecer a mim mesma por meio de um tema.

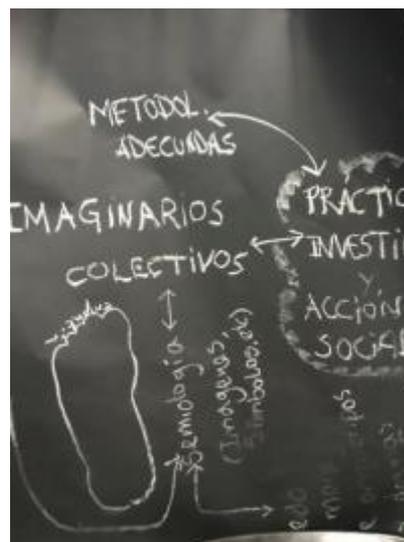
Lanço mão do caminho trilhado por outras pessoas para achar a saída...

Figura 13 - Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018



Fonte: Foto da Sala de Aula 08, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona, 05/11/18.

Figura 14 - Foto feita por mim na Sala de Aula 8, UB, 2018



Fonte: Foto da Sala de Aula 08, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona, 05/11/18.

Em meio ao processo do que é pesquisar e estar atenta ao que me afeta, me deparei com esta imagem na sala de aula na Universidade de Barcelona e percebo que o olho não só vê, mas encontra sentido nas coisas que pode enxergar. Eu não estava olhando sozinha.

Sou alguém que preza pela companhia e, no percurso do Doutorado em Educação, as companhias têm se mostrado fundamentais. Quer seja nos encontros durante as disciplinas, quer seja no grupo de pesquisa e na orientação, quer seja com os autores e autoras que permitem que suas palavras sejam também minhas, por meio de estudos anteriormente realizados, das teorizações, da conversa com exemplos. Não sou uma exploradora solitária, dona da temática que elegi estudar,

conseguir encontrar a saída. Todos os anos eram entregues a Minotauro 7 rapazes e 7 moças de Atenas, como sacrifício. Um dia um jovem semideus chamado Teseu foi a Atenas para matar o Minotauro. Ariadne que amava Teseu recebeu que este morresse no labirinto, não conseguindo encontrar a saída. Então, entregou-lhe um fio de lã, que ficaria preso na entrada do labirinto, fazendo com que Teseu conseguisse retornar após ter cumprido a sua missão.

muitas outras pessoas abriram caminhos e produziram teorizações importantes sobre *selfies*, juventudes, mulheres, subjetividades. Assim, este texto que anuncia o trabalho, tem como objetivo principal, caminhar junto, conhecer sobre os/as que vieram antes de mim discutindo sobre imagens de si, sobre subjetividades femininas, educação e Redes Sociais, buscando dialogar e estabelecer possíveis interfaces entre seus temas de estudo e a pesquisa que faço.

Este capítulo é um trajeto acompanhado. Assim, ele se desdobra em mais uma seção que conversa com as aproximações existentes entre o tema a escrita. Como muito de mim é revelado pelo tema, escrever é uma potencialidade e um investimento para compreender que valores sócio culturais estão em ação nesta produção do feminino.

2.1 APROXIMAÇÕES AO TEMA: ESCREVER E CONHECER COMO INVESTIMENTOS DE PESQUISA

Margareth Rago (2013) discute em seu livro *A aventura de contar-se – feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*, sobre a narrativa de sete militantes feministas acerca de suas percepções sobre a vida e de suas lutas em um contexto pouco favorável à participação feminina na vida social. Nestas narrativas, que a autora nos apresenta como autobiográficas, fui apresentada a uma forma de compreender que marcos da existência são selecionados para uma escrita que prioriza as percepções pessoais. Não se trata de uma escrita confessional, mas sim, de formas de relatar-se, reinventando sua própria subjetividade, sendo autoras 35 suas próprias histórias. Estas histórias são inspiradoras porque mostram como as mulheres têm transformado o mundo e também transformando-se a si mesmas. Este texto de Rago para minha relação com a pesquisa foi fundamental na medida em que pude enxergar meus processos de subjetivação, ao entender os processos de subjetivação de outras mulheres, mulheres que são apresentadas por Margareth, decisivas para o combate à ditadura militar brasileira. Com elas aprendi a importância de sustentar novas maneiras de existir, com liberdade e força.

Com inspiração no que esta autora propõe, entendo que as imagens de si, produzidas e divulgadas nas Redes Sociais, também dizem de vivências muito pessoais. Isso não exclui de forma alguma que sejam selecionados episódios com

traços autobiográficos por parte de quem diz sobre sua vida. Penso que esta é uma possibilidade forte, entretanto não configura o principal interesse deste estudo.

A pesquisa com as mulheres jovens não possui, em primeira mão, características autobiográficas tomadas no sentido estrito de narrar-se. Sigo inspirada por Michel Foucault e as escritas de si e, neste fragmento a seguir, destaco como a autor reconhece que a linguagem escrita trouxe poder ao povo até então anônimo:

[...] falar publicamente e sob a tripla condição de esse discurso ser dirigido e posto a circular no interior de um dispositivo de poder bem definido, de fazer aparecer o fundo até então quase imperceptível das existências e de, a partir dessa guerra ínfima das paixões e dos interesses, dar ao poder a possibilidade de uma intervenção soberana (FOUCAULT, 2018, p. 123).

Neste trecho de *O que é um autor?*, Michel Foucault nos inspira a entender que há relação entre o autor e o sujeito. Nas muitas saídas que posso escolher, o conhecimento partilhado na pesquisa abre-se como uma porta bastante larga. Minha autoria neste estudo encontra-se na minha feminilidade em construção, escolho caminhar por esta trilha. O labirinto me chama e para tal, coloco-me aberta para a tarefa de pesquisar, para esta conversa, ou melhor: infinitamente aberta. No labirinto em que a escrita me coloca e que hoje é um dos meus lugares, permito-me estudar para pensar e refletir acerca das escolhas que uma pesquisa necessita. Erro 36 que não são escolhas definitivas, portanto... Aliás, tento-me esquivar da armadilha do definitivo. Nesse momento retomo a frase inicial deste texto, em que trago a questão da solidão acadêmica no desenvolvimento de uma pesquisa e fixo meu olhar na expressão *nem sempre*... Em um momento destes, de “*nem sempre*” arrisco a dizer que a solidão pode ser aplacada por conversas entre os pares. Com leituras. Com estudo. Com a escrita, enfim... Recorro a Giles Deleuze (2014) sobre o labirinto, para dizer das várias possibilidades de escolha,

[...] se diz que um labirinto é múltiplo, etimologicamente, porque tem muitas pregas. O múltiplo não é só o que tem muitas partes, mas sim o que está dobrado de muitas maneiras (DELEUZE, 2014, p.11)²⁰.

²⁰ Tradução do espanhol, feita por mim. Originalmente o trecho diz: “Se dice que un laberinto es múltiple, etimológicamente, porque tiene muchos pliegues. El múltiplo no es solo lo que tiene muchas partes, sino lo que se pliega de muchas maneras”. (DELEUZE, 2014, p. 11).

Estar neste labirinto, me permite escolher e revisitar as possibilidades de vida que chegam até mim. Significa me responsabilizar por uma maneira de estar no mundo e partilhar as vivências com as pessoas com as quais estou envolvida, com as jovens mulheres que se dispuseram a entrar comigo nesta aventura. Reafirmo a escolha do termo mulheres jovens: tal termo será adotado como forma de assegurar a categoria juventude neste trabalho, evitando a categoria adolescência, ainda muito confundida com etapa da vida transitória.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é um processo biológico, que vai dos 10 aos 19 anos de idade. Estariam aí englobadas as pré-adolescências (10 a 14 anos) e as adolescências propriamente ditas (15 a 19 anos). Já a juventude, para a OMS, é tida como categoria sociológica que implica na preparação dos indivíduos para o exercício da vida adulta, abrangendo a faixa dos 15 aos 24 anos de idade. As diferenças entre adolescência e juventude, portanto, não se limitam à idade, mas aos conceitos, demonstrando processos de naturezas distintas. Assim como as questões de gênero, o entendimento da categoria | juventude também é culturalmente construído.

A Medicina, uma ou outra vertente da Psicologia e até mesmo a Educação possuem visões da juventude ligadas a uma fase da vida que é associada à transição, mudança e até mesmo a existência de problemas. Neste trabalho, tenho buscado um entendimento distinto deste, garantindo à juventude, um *status* que ultrapassa limites biológicos. Assumo a juventude como uma maneira de viver diversificada e marcada por lugares sociais, geográficos e culturais distintos. A juventude que defendo neste trabalho é marcada pela diversidade, ou seja, por trajetórias diferentes. Juarez Dayrell (2007) fala de um posicionamento da juventude perante a sociedade, buscando formas criativas de relação com o mundo para ser e existir nele. Assim tenho visto a juventude como um posicionamento diante da vida, com pessoas que se organizam em diferentes configurações.

Para este estudo me interessam as proposições de Shirlei Rezende Sales (2010, 2018) sobre juventude. Especialmente sobre as suas problematizações acerca da juventude ciborgue que se utiliza da tecnologia e a incorpora até mesmo ao próprio corpo. As jovens com as quais pesquiso possui uma ligação com o celular que de fato este aparelho parece ser extensão de suas mãos. Concordo com o que Evelyn S. Pereira, Bianca S. Guzzo e Luiz Felipe Zago escreveram em seu texto

*Juventudes e Pedagogias Culturais: experimentações de si e (re)produção de feminilidades nas práticas de tirar **selfies**:*

Na produção da *selfie*, o espelho é substituído por um aparelho de captura de imagem, e este aparelho possibilita outras experiências com o corpo, pois permite que nossas qualidades, assim como nossos defeitos sejam vistos e analisados sob diversos ângulos (PEREIRA; GUZZO; ZAGO, 2017, p.34).

Para além das mãos, principalmente na escola, onde o uso do celular é proibido durante as aulas, colocam na cintura, colados ao corpo, protegendo-o de quedas e também de repreensões por parte dos adultos. Nas suas maneiras de utilizar o celular, não só são rápidas, mas, sobretudo, utilizam-no com uma precisão impressionante quer seja para jogar, publicar, fotografar, navegar e publicar nas Redes Sociais.

Não é exagero dizer que as *selfies* ocupam grande parte das páginas pessoais em aplicativos e Redes Sociais. A circulação deste tipo de imagem tornou-se bastante comum o que permite intervenções como a imagem a seguirem que *A Mona Lisa* de Leonardo da Vinci, *Moça com brinco de pérola* de Joannes Vermeer e *O grito* de Edvard Munch fazem uma *selfie* juntos.

Figura 15 - *Selfie* de *Mona Lisa*, *Moça com Brinco de Pérola* e *O grito*



Fonte²¹: <https://br.pinterest.com/pin/8162843054351439/>, acesso em agosto de 2017.

²¹ Esta imagem circulou de maneira bastante intensa na Rede Social *Facebook* no ano de 2016.

Os espaços virtuais são territórios importantes para os/as jovens da contemporaneidade, nestes veículos de comunicação e principalmente de interação as imagens são cuidadosamente escolhidas para ilustrar, definir, reforçar, identificar. Estes espaços foram potentes para esta pesquisa, me localizaram como pesquisadora e apontaram caminhos para o trabalho. Há um investimento no que se divulga na rede e, havendo investimento nas imagens que serão vistas, penso que as escolhas que são feitas podem evidenciar posicionamentos, que para quem divulga, podem ser adequados para ilustrar esta ou aquela intenção. Seriam discursos de verdade de si mesmas?

A verdade do discurso de si sobre si mesmo garante a conquista de uma certeza de um “eu” que diz “sou tal e qual”, sobretudo, “não me confundam!”. É no discurso do si para si mesmo que reside a verdade sobre si (LEITE, 2013, p. 100).

Leite (2013) dialoga com a questão da verdade que Foucault explora de forma intensa em sua obra. A questão da verdade do sujeito é algo problematizado por Foucault, uma vez que a verdade na essência é algo que não existe. O que existe são versões de verdade e não a verdade essencialista e universal. Em *História da Sexualidade I*, Foucault (1988) nos leva a entender que a confissão religiosa, a pedagogia, a medicina, o direito, a família, entre outras instituições de poder buscavam saber a verdade do sexo e essa vontade de saber nos coage e, às vezes, não mais percebemos.

A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de libertação (FOUCAULT, 1988, p. 68-9).

Há muito de confessional nas Redes Sociais. Foucault não viveu o bastante para analisar este fenômeno que constrói e destrói verdades em uma velocidade assustadora. A obrigação de uma boa *selfie* pode dizer de uma verdade, de uma construção, de algo momentâneo! *Não me confundam!* : há lugares e espaços para muitas juventudes, muitas formas de expressar preferências, culturas, formas de se mostrar ao mundo. Ao visitarmos perfis de jovens nas redes sociais, ainda que de

forma despreziosa, é relativamente fácil identificar que são muitas as juventudes, embora existam adesões a grupos, formas de pensar, ideologias religiosas, preferências musicais, entre outros tantos. A vivência da juventude pode nos mostrar resistências e criatividade, ancoradas na diversidade das várias linguagens, identidades e expressões culturais produzidas por eles e elas. Penso que subjetivar-se passa por tudo isso... Foucault defende a resistência como parte do poder, como atributo nessa relação de forças que é o poder. E, para que a resistência se configure como tal, deve ser tão inventiva quanto o poder, tem que ser criativa e inventiva!

As imagens que intensamente fazem parte da cultura juvenil nos permitem entender que o corpo possui um lugar de destaque na constituição das identidades, pois mais do que um corpo, representa modos de vida. Edvaldo Souza Couto (2012), em seu livro *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano* discute sobre a centralidade do corpo para a nossa sociedade:

Para o homem ocidental, o corpo se tornou o lugar de sua identidade e seu modo de ser. Nossa época se rende aos diversos cultos que celebram e festejam a corporalidade. Das práticas esportivas ao uso proliferado do silicone e das cirurgias plástica, muitas temáticas e terapias servem para hipervalorizar e pavonear o corpo nas ruas, praias, clubes, páginas de revistas, programas televisivos, filmes publicitários, imagens diversas na internet, nas passarelas, nas galerias de arte (COUTO, 2012, p.140).

O corpo extrapola a materialidade, extrapola também suas funções biológicas e passa a ser expressão e manifestação das identidades. Nas muitas esferas sociais, o corpo assume um papel de discurso, pois vai além de designar algo ou alguém, mas diz de escolhas e marcas importantes do sujeito. Por discurso, considero importante destacar o que Michel Foucault (1986) nos esclarece em sua *Arqueologia do saber*:

consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1986, p. 56).

As expressões das identidades juvenis passam por seus corpos/discursos nas Redes Sociais e estas expressões nos dizem de pertencimento, uma vez que a leitura dos corpos nos permite certa “dedução” da identidade. Os laços formados por meio da grande teia que é a internet e suas inúmeras possibilidades possui um papel fundamental no processo de visibilidade dos diferentes grupos que habitam esta rede. Não possuindo uma propriedade que seja original, o sujeito é uma junção das vivências culturais, sociais, históricas e geográficas, daí o entendimento de que a vivência virtual é para grande parcela da juventude, importante elemento na construção da subjetividade.

Assim, nesta definição de quem é o sujeito não é interessante perder de vista o caráter transitório desta identidade e nem deslocá-la das marcas culturais. Guacira Lopes Louro (2004) em seu livro *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer* elabora uma metáfora sobre a construção da identidade como uma viagem, em que não é a chegada a etapa mais importante e sim todo o processo de ir. Carlos Drummond de Andrade, em seu poema *Mãos dadas* disse: [...] “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente” (Drummond, 1983, p.122) e com isto talvez entendamos mais claramente sobre a importância de sermos marcados pelo que hoje nos constitui, pelo que hoje vivenciamos e nossa história que é feita com todos estes elementos. Michel Foucault nos leva a pensar sobre isso por meio da ontologia do presente, ou seja, através da possibilidade de interrogar-nos sobre a atualidade. Isso nos permite questionar as formas de subjetivação que nos leva a compreender mais sobre nós mesmos.

Herdamos tradições, histórias, marcas familiares e sociais, entretanto somos sujeitos do presente. O que podemos dizer sobre a relação existente entre juventude e a vida virtual é que as tecnologias existentes reestruturam suas percepções e suas vivências. As Redes Sociais são o tempo presente na vida de grande parte dos jovens e isso, provavelmente, atravessa suas formas de estar no mundo. O labirinto das minhas escolhas aponta para outros modos de subjetivação e também de dessubjetivação na contemporaneidade, possibilitados por um universo em que ver e ser visto é imperativo.

Encontro-me curiosa em estudar as jovens do gênero feminino, pois as pluralidades femininas e a constituição de suas subjetividades podem nos dizer bastante sobre a questão da mulher de agora, do nosso tempo. Dizem de mim, usuária e entusiasta das redes sociais e suas possibilidades; elegi estudar as *selfies*

de mulheres, de mulheres jovens, buscando pensar sobre a subjetividade que se produz por meio deste artefato cultural que é a fotografia digital publicada. Não havia pensado em quantas *selfies* eu, mulher adulta, já havia postado em minhas redes sociais antes deste assunto tornar-se algo de real relevância a ponto de transformar-se em uma vontade de produzir significado sobre ela.

Entendo um pouco mais sobre as motivações deste tema de pesquisa em minha vida. Penso na possibilidade da mulher ser ouvida e protagonista das suas histórias. O que quero conhecer? O que isto tem a ver comigo? Estas duas perguntas me moveram profundamente para a escrita deste texto. Não tenho respostas definitivas, porém tenho incertezas e alguns direcionamentos que podem dizer alguma coisa sobre cada uma das indagações. O que impulsionou o desejo por esta pesquisa e que me move dentro dela é a vontade de conhecer o que é ser mulher, quero saber das construções e constituições deste feminino que tanto nos enquadra, machuca, mas ao mesmo tempo nos ensina e acolhe. Quero saber também, como as imagens imperam em nossas vidas, fazendo com que nós, mulheres, estejamos inseguras conosco mesmas, mirando o que a sociedade tenta fazer conosco: ou seja colocar as mulheres umas como adversárias das outras e não como companheiras.

O que isto tem a ver comigo? Acredito que estou me constituindo como uma mulher forte a duras penas. Como disse antes, venho de uma família de tradições fortes, entretanto não menciono que a família materna, a qual estive mais tempo próxima e ainda estou muito próxima, é uma família matriarcal, marcada pela viuvez precoce de minha avó materna. Este fato, porém, não fez desta característica um ponto marcante de orgulho. Fui educada por mulheres fortes, porém, sem considerarem esta forma uma qualidade fundamental a ser passada para as demais gerações. Minha família sempre privilegiou a voz masculina: eram os primeiros a sentarem-se à mesa, os únicos que não se incumbiam de tarefas domésticas... Meu pai não foi um homem assim, cozinhava, cuidava de mim e da minha irmã para que nossa mãe pudesse estudar, não dirigia, não bebia, era um homem diferente dos outros pais que convivia. Lembro-me de perceber isso tudo como algo diferente e estranho, quando criança... Venho de um relacionamento abusivo, em que meu ex-marido pouco ou nada considerava minhas opiniões sobre as coisas. Assim, penso que esta pesquisa, ao ser realizada com e por mulheres jovens de classes populares da periferia da minha cidade, seja uma forma de responder a tantas formas

opressivas que cada uma de nós passa e conhece, apenas pelo fato de ser mulher. O que me comove me perturba e me movimenta!

Estou interessada nas pluralidades femininas, que a meu ver dizem respeito à ausência de uma mulher total, absoluta e detentora da essência única do feminino, esta intenção evita que se façam generalizações, ou discursos que inevitavelmente resultariam em uma falsa unidade de gênero. Para chegarmos neste entendimento acerca da diferença entre as várias formas de ser mulher, considero importante voltar o olhar para uma discussão anterior a esta, que Guacira Lopes Louro (2014) nos apresenta em seu livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* e que indica a separação entre os gêneros. Nas palavras da autora:

Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. Teorias foram construídas e utilizadas para “provar” distinções físicas, psíquicas, comportamentais; para indicar diferentes habilidades sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero (LOURO, 2014, p.49).

Inevitável considerar os processos de (des)subjetivação ligados às formas de circulação das identidades de gênero em nossa sociedade. Entendendo que estas identidades estão em transformação, que mudam conforme a época histórica, a localização geográfica e as muitas percepções tidas por cada sujeito, podemos também dizer das transformações pelas formas como as mulheres foram se constituindo historicamente levando em consideração que o gênero é algo que faz parte do sujeito. Sara Salih (2015) em seu livro *Judith Butler e a teoria Queer* nos diz

O que Butler quer dizer é que o gênero é um ato ou uma sequência de atos que está sempre e inevitavelmente ocorrendo, já que é impossível alguém existir como um agente social fora do gênero. *Problemas de gênero* vai situar o gênero e o sexo no contexto dos discursos pelos quais eles são enquadrados e formados, de modo a tornar evidente o caráter construído (em oposição ao “natural”) de ambas as categorias (SALIH, 2015, p.68).

Olhar o gênero sob a perspectiva da performatividade, que é um ato ou sequência de atos repetitivos que reforçam características consideradas naturais, esta é uma maneira de entender que aprendemos a ser como somos. De acordo com a proposta da autora estadunidense Judith Butler (2003) isso implica no entendimento de que sua constituição é social, portanto torna-se imprescindível assumir que as relações de gênero e entre os gêneros que ocorrem no interior das

sociedades podem, muitas vezes, manter tradições que se manifestam sob a forma de preconceito e exclusão, mas também de resistências...

A próxima sessão explora as possibilidades metodológicas desta pesquisa e busca minha ligação com o tema estudado. Como a imagem veio me constituindo? Qual o lugar que percebo que a imagem se localiza na minha história e no meu tempo presente? Como estas imagens constituem as feminilidades das mulheres que fazem parte desta pesquisa? Considero importante voltar meu olhar e problematizar minhas vivências que certamente afetaram a constituição da minha identidade como mulher, assim como refletir sobre as mulheres jovens, nascidas em uma época em que a imagem impera sobre as formas de ver e serem vistas.

2.2 POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: APONTAMENTOS DE INSPIRAÇÃO PÓS-ESTRUTURALISTAS PARA “UMA MENINA DO CANTO DO CISCO DO OLHO, QUE AINDA DANÇA...”

Até este momento, para a realização desta pesquisa, sigo amparada pelos autores e autoras em que busco fundamentação, pelas problematizações possibilitadas pelos encontros, pelas pesquisas nas redes sociais das mulheres jovens que fazem parte deste estudo, pelas orientações e presença de muitas pessoas. Tenho consciência desta escrita situada, das escolhas que denotam minhas crenças, convicções e maneiras de entender o mundo. Assim, metodologicamente me importam as várias vozes e os muitos discursos das pessoas que comigo estão neste trabalho.

Neste movimento foi necessário provocar, estranhar e, principalmente, não temer o desconhecido e suas potencialidades. Estar à deriva e podendo avistar pontos de fuga que sejam de possíveis enlaces e reconfigurações. Estar à deriva, entendendo que perder-se pode ser uma potência de aprendizagem, uma forma diferente de produzir o conhecimento. Estar atenta ao inesperado e dele server a multiplicidade como algo produtivo para me esquivar de discursos totalizadores, generificados, assim tem sido pesquisar na perspectiva pós-estruturalista.

Assumir uma proposta teórico-metodológica que buscou a polifonia, visando construir sentidos compartilhados significou problematizar as muitas histórias que existem em cada uma das jovens que estiveram comigo neste período. Assim, penso que a metodologia aparece como possibilidade para que pensemos, para que

deixemos emergir conceitos, nos encontrando com o que nos afeta. Recorro às palavras de Denise Gastaldo (2014) no prefácio de *Metodologias pós-críticas em Educação* para pensar sobre subjetividade do/a pesquisador/a envolvida na pesquisa:

a centralidade do/a pesquisador/a como principal ferramenta de pesquisa qualitativa resgata a subjetividade humana, para que ela seja utilizada para produzir saberes mais refinados e agudos sobre fenômenos sociais, sejam eles educacionais ou de outra ordem. [...] É assim que a pesquisa qualitativa pós-crítica pode explicar sua relevância: como uma abordagem teórico-metodológica flexível, inserida em contextos específicos que falam das micropolíticas do cotidiano que constituem e são constituídas pelos discursos dominantes da nossa sociedade, na qual a subjetividade do/a pesquisador/a é uma ferramenta a serviço da investigação, um exercício simultaneamente rigoroso e político permeado pelas relações de poder que pretende estudar (GASTALDO, 2014, p.12-3).

Tenho tentado me posicionar frente à vida, de maneira pouco rígida, valorizando a flexibilidade, sem perder o rigor, o respeito e consideração pelas pessoas, pelo mundo, pelas relações, assim tenho caminhado como pesquisadora. Denise Gastaldo (2014) fala deste sentimento de flexibilidade na pesquisa pós-estruturalista. Não posso ser uma pessoa na vida e outra na pesquisa, não posso me desvincular do papel de pesquisadora para viver, assim, percebo que esse meu olhar para a vida influenciou a maneira como tenho conduzido este estudo. Percebo que pesquisar considerando o caminho como importante e não o resultado com certezas absolutas indica uma nova forma de relação com o saber, mais democrática e plural.

A aproximação com os estudos pós-estruturalistas não chegou para mim sem estranhamento. Demorei me virar e entender que ia *além de um cisco no olho*, no sentido de incômodo, de não me sentir pertencente à este tipo de pensamento, de não saber o que havia lá. Entretanto isso me faz pensar, me coloca em movimento e circula em mim, também na minha corporeidade que não é estática, posicionamentos acerca do que me provoca, incomoda e, conseqüentemente, me tira do lugar.

Antes de prosseguir nas discussões acerca das possibilidades metodológicas possibilitadas pela perspectiva pós-estruturalista, trarei a contribuição de James Williams (2012) para auxiliar as discussões:

Pós-estruturalismo é o nome para um movimento na filosofia que começou na década de 1960. Ele permanece sendo uma influência não apenas na filosofia, mas também num leque mais amplo de campos temáticos, incluindo literatura, política, arte, críticas culturais, história e sociologia (WILLIAMS, 2012, p. 13).

Aos poucos fui entendendo minha forma de pensar próxima a elementos pós-estruturalistas e, com isto, percebi que eu não precisava ter incômodos ou ausência de pertencimento para falar sobre esta escolha. Estranhar a essência das coisas, a generalização, as formas apontadas como verdades únicas e inquestionáveis representaram para mim uma alternativa para conhecer as possibilidades que se encontram no mundo. Pensei no campo, em estar acompanhada das jovens mulheres, pensei no rigor que é falar por meio das palavras ditas por outras pessoas e concordei comigo mesma que eu deveria seguir. Não posso dizer as palavras das jovens mulheres como se fossem as minhas palavras, todavia posso compartilhar, narrar...

Entender que cada uma das subjetividades que estão em movimento - incluindo a minha - afeta profundamente o que juntas encontramos pelo caminho da investigação. Vejo nas palavras de André Márcio Picanço Favacho (2016), potência para o entendimento do valor da pesquisa e sua condição situada.

Quando se afirma que um discurso serve apenas a certos momentos históricos, não se quer reduzi-lo a certo período histórico. Não se trata de um período da história, mas sim de problematizações dos sujeitos para aquilo que ainda não existia (FAVACHO, 2016, p. 495)

Em um passado bem recente, não existia, por exemplo, a tirania que os aplicativos visuais impõem a alguns de seus usuários por corpos padronizados, por condutas normativas, que se traduzem em fotos altamente trabalhadas por máquinas, transformando corpos, rostos, sorrisos. Ao mesmo tempo, também não existiam tantos corpos dissonantes, existências nômades, difusas e sem regras hegemônicas sendo expostas nas Redes Sociais, como um reflexo do que o momento histórico nos indica.

Esta forma dissonante e incômoda que me encontro na vida também lança meu olhar para este mundo, e este olhar me persegue, não me solta... Isso, a meu ver, foi importante para me situar nesta pesquisa. Fui entendendo que o caminho para a escolha metodológica que mais atende aos objetivos da pesquisa é, também,

parte reveladora da forma como a pesquisadora se coloca no mundo. Guacira Lopes Louro (2007) nos diz desta possibilidade de pesquisa,

Trata-se, pois, repito, de fazer escolhas e de tentar ser coerente com elas – na forma de pesquisar e de escrever. Contudo, estar atenta à linguagem não significa pretender controlar seus possíveis efeitos ou pretender fixar-lhe o significado. Se pensarmos na ótica pós-estruturalista, estaremos convencidas de que isso é impossível. Um texto sempre pode ser interpretado diferentemente, sempre pode ser interpretado outra vez, e ainda outra vez e mais outra... Um texto desliza, escapa (LOURO, 2007, p. 237).

Portanto, a metodologia não se constitui simplesmente como um conjunto de “como fazer” ou de “procedimentos” puramente técnicos, mas é uma escolha influenciada pela maneira que a pesquisadora entende as relações, observa o mundo e situa-se na vida. Anderson Ferrari (2010), ao falar de suas escolhas, nos permite compreender que elas são parte do que compreendemos como importante. Penso ser pertinente trazê-la neste momento:

As nossas escolhas teórico-metodológicas dizem respeito à nossa forma de lidar e compreender a realidade que nos cerca. Dessa forma, fui conhecendo e me aproximando cada vez mais das perspectivas pós-estruturalistas, de gênero, sobretudo a partir das contribuições de Michel Foucault para esses estudos. Olhar o mundo, fazer pesquisa e escrever assumindo essas afiliações é para mim uma maneira de tomar como centralidade a linguagem. Acredito e defendo que nós somos constituídos por discursos, produzimos discursos sobre nós mesmos, sobre outros, agimos sobre eles e somos afetados por eles, num jogo de relação que vai organizando os nossos entendimentos do que somos, do que é a “realidade”, aquilo e aqueles que nos cercam (FERRARI, 2010, p. 154, grifo do autor).

Para realizar a pesquisa que possibilitou este texto aqui concretizado foi necessário entender que há singularidade em cada pessoa envolvida no processo, que a pesquisa acontece na relação entre os sujeitos. Embora os procedimentos não tenham sido a finalidade da proposta de estudo, houve a necessidade de estar com as jovens entendendo que a metodologia escolhida auxilia a construção de outras percepções e miradas. Assim, nos organizamos em Grupos Focais e, nestes grupos, fizemos propostas de discussão em torno de temáticas relativas às Redes Sociais, páginas pessoais, produção e divulgação de imagens de si e de outrem. Realizamos nove encontros por meio dos Grupos Focais, nas seguintes datas: 25/08/17; 28/09/17; 31/10/17; 30/11/17; 13/12/17; 26/04/18; 07/06/18; 19/06/18 e 25/10/18 e estes encontros não buscaram encerrar a rede na qual estamos todas

inseridas, mas sim dizer de enredos pessoais e também problematizações coletivas, que refletiram muitas vivências, histórias e pessoas. A disposição para o inusitado, para o novo e imprevisível, possibilitou a ida ao campo despida de certezas:

[...] não transformar o discurso em um jogo de significações prévias; não imaginar que o mundo nos apresenta uma face legível que teríamos que decifrar apenas; ele não é cúmplice de nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva que o disponha a nosso favor (FOUCAULT, 2012, p.50).

Construindo relações e discursivamente caminhando com as jovens, assim tem sido estes encontros, não estou decifrando nada, como alertou Foucault, estou elegendo a linguagem como algo importante na condução destes grupos que fazemos.

A contextualização acerca dos Grupos Focais se faz pertinente. Bernadete Gatti (2005) situa o uso do grupo focal como técnica de pesquisa em marketing desde os anos 20, do Século XX, posteriormente utilizado nos anos 70 e 80, entre outras áreas. No início dos anos 80, foi redescoberto e adaptado, como meio de pesquisa, à investigação científica nas ciências sociais e humanas. A autora cita a definição de Powel e Single (1990), que definem grupo focal como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um item, que é objeto da pesquisa, a partir de sua experiência pessoal.” (p. 7). Esse grupo deve ter alguma vivência com o tema a ser discutido e sua participação deve ser ancorada em elementos de suas experiências cotidianas.

Os Grupos Focais que fizemos não dispuseram de estruturas sofisticadas para que ocorressem. Foram grupos pequenos em que privilegiei a pluralidade dos discursos, sem a intenção de buscar por respostas universais. Percebi logo de início, no primeiro encontro, que um número grande de participantes limitaria a participação de todas as jovens, bem como as oportunidades de trocas entre elas e, também, dificultaria os registros desses encontros. Nestes grupos, em que privilegiei a investigação por meio de narrativas, foi possível aprofundar sobre alguns temas, como Redes Sociais, *selfies*; imagem nas Redes Sociais, relacionamentos de amizade e namoro; beleza e aparência, opinião dos outros sobre si mesmo e fotografias, com o objetivo de conscientizar-me do que emergia entre elas e eu, tomando cuidado para que a palavra de quem conduzia não apagasse as palavras das outras que queriam falar.

Nos grupos focais, tenho provocado a fala por meio de dinâmicas, de propostas de trabalho, de um suporte que seja incitador das falas. Entendo que a fala de uma pode funcionar como provocadora do pensamento da outra, e assim, no encontro entre essas meninas tenho visto muita coisa interessante acontecer, emergir. E essa emergência do discurso, das falas que vão acontecendo é o que tenho entendido por trabalhar com o discurso em Foucault, ou seja, é trabalhar com o que emerge e pensar nas condições de emergências desses discursos.

É difícil pesquisar desta forma, uma vez que minha própria posição diante delas, como coordenadora da escola em que estudam já me colocava em um lugar com voz autorizada para dizer e ser ouvida. Entender a minha voz também como parte da rede de colaboração tem sido um exercício constante. Não estou sozinha e este texto também não.

Agendamos estes encontros em horários diferentes de seus tempos escolares, mas utilizamos a biblioteca da escola como lugar para nossas conversas. Trata-se de um lugar silencioso permitindo que a gravação em vídeo sofresse menos interferência dos sons da escola – que não são poucos e não são baixos! Nos encontramos nove vezes e o primeiro destes encontros aconteceu para explicar do que tratava este estudo, distribuir os termos de consentimento e acordar melhores horários e dias da semana. Fiz uma pequena reunião com as alunas das turmas de 8º e 9º ano, do ano de 2017 e distribuí 22 consentimentos para serem assinados. Nestes 22 também estão incluídas algumas alunas do 7º ano que me pediram para participar. Destes 22 documentos de autorização, foram devolvidos 12 e, desses doze, participaram 8 jovens. Durante a pesquisa, tive o pedido de um aluno do 8º ano para participar, que mesmo tendo o consentimento assinado nunca apareceu, alegando sempre ter esquecido os encontros, assim como outra aluna, Vívian, que sempre dizia que viria e nunca veio. Gabrielly não pôde participar porque seu pai não autorizou, alegando que não gosta da imagem da sua filha circulando na internet, embora ela tenha páginas no *Facebook* e *Instagram*.

Nos encontramos uma segunda vez para conversar sobre as páginas pessoais delas, especificamente sobre *Facebook* e *Instagram* e sobre a relação delas com a internet e o mundo virtual. Falamos tanto de estarmos abertos em nossas perspectivas metodológicas, entretanto, o rigor que uma pesquisa exige fez de mim uma pessoa preocupada com os encontros. Estou trabalhando em uma abordagem que problematiza, questiona, revisita antigos questionamentos. Não

quero estar com as jovens e constatar discursos que circulam tão amplamente em nossa sociedade sobre juventude, internet, mulheres. Esta pesquisa tem a ver com os sujeitos e os modos de subjetivação que estão fazendo esses jovens ser quem são. Assim, nosso encontro foi para falar de suas páginas pessoais - este objetivo guia a pesquisa-, assumindo que esta investigação quer estar junto e não ter respostas fechadas sobre o tema. Infelizmente este vídeo se perdeu quando troquei meu aparelho celular e as jovens, embora tivessem guardado o vídeo por algum tempo, optaram por apaga-lo ao observarem que estava ocupando muita memória no celular delas.

Nosso terceiro encontro foi marcado pelo desenvolvimento de uma oficina de autorretratos, construindo imagens de si por meio de artefatos de desenho, colagem e pintura. Neste encontro, o tema central de nossas conversas foi aparência e beleza. Nesta atividade, a preocupação delas foi com a beleza: queriam encontrar formas de se representarem bonitas. Antes de iniciar os estudos na perspectiva pós-estruturalista, talvez esse fato não me chamasse à atenção, afinal, quem de nós não gosta de sentir-se bonita, desejável, atraente? A chegada desta maneira de ver o mundo em minha vida mudou a forma como entendo meus pensamentos, pois me leva a questionar por que eu penso desta e não daquela forma? Porque eu penso como eu penso? Nesta preocupação que tiveram em mostrarem-se bonitas, vejo um dado interessante para problematizarmos sobre as feminilidades em relação aos padrões de beleza e aceitação vigentes em nossa sociedade, bem como as negociações que são feitas perante esse padrão de beleza.

Fizemos outra atividade dia 31/10/17 que teve como proposta a realização de uma sessão de fotografia. O modelo de fotografia escolhido foi *selfies* e, neste movimento, houve um momento de produção com maquiagens, penteados e escolhas de melhores versões de si para serem fotografadas. As fotografias são importantes aliadas para o entendimento dos dispositivos de feminilidade ativados nas Redes Sociais das jovens que fazem parte da investigação. Portanto, ao escolher fazer uma oficina de fotografia com elas, entendi que esta poderia ser uma ferramenta importante para caminhar um pouco mais na construção deste saber sobre juventude, *selfies*, subjetividades e dispositivos. Não busquei a essência da fotografia, tampouco a verdade sobre o que fizeram, mas um olhar crítico para o tema que estudo. Pude perceber neste encontro, algum domínio de melhores

posições para fotos, escolhas com o segundo plano das imagens e, novamente, uma preocupação com o resultado de cada uma das fotos.

Nosso último encontro de 2017 aconteceu dia 13/12/17 e foi marcado por conversas, entrega de presentes entre nós, em uma espécie de confraternização. O final do ano na escola é marcado por duros períodos de provas, avaliações e tensões sobre quem avança e quem fica no mesmo ano/série em que está. Estar neste lugar ainda me suscita conflitos, pois sou coordenadora delas e sei de suas condições escolares, de suas situações nas disciplinas, com riscos de reprovação em alguns casos. Sabia que constituir-me pesquisadora nesta situação, talvez me colocasse nesse dilema; o encontro de hoje revelou mais de mim do que delas, para minha forma de olhar este encontro. Concordo com James Marshall (2008):

[...] É a liberdade de separar-se do que se faz, é o movimento pelo qual alguém se separa do que se faz, de forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema... (MARSHALL, 2008, p.32).

Refiz este lugar de pesquisadora muitas vezes!

No início de 2018, após o primeiro exame de qualificação, conversamos sobre o trabalho feito até aquele momento e como havia sido minha apresentação para a banca. Mostrei um vídeo que fiz sobre elas, com os autorretratos, com uma trilha sonora de Valeska Popuzuda²², da qual elas diziam gostar. Deste encontro surgiu a proposição delas em produzirem um vídeo para se apresentarem para a banca em uma outra oportunidade. Nos encontramos duas outras vezes, o vídeo ficou pronto e, com esse artefato, penso nas escolhas por elas feitas, na capacidade de produzir um conteúdo sobre si mesmas.

Fizemos outro encontro para que elas apresentassem o vídeo que produziram no dia 7/6/18 e com ele problematizamos bastante sobre as escolhas das fotos que foram feitas. Critérios, decisões, consulta de uma para outra sobre que imagem escolher, música de fundo, etc. A questão da beleza sempre vem como a resposta

²² Valesca Reis Santos, mais conhecida como Valeska Popuzuda, é uma cantora, compositora, apresentadora e dançarina brasileira. Foi vocalista do grupo feminino Gaiola das Popuzudas entre 2000 e 2012, sendo uma das responsáveis por disseminar o funk carioca no Brasil. Seguiu carreira solo e, com várias canções de sucesso na mídia brasileira, Valeska é considerada uma "Rainha do Funk". (Fonte Wikipédia, acesso em 16/10/18: https://pt.wikipedia.org/wiki/Valesca_Popuzuda).

mais imediata quando questionadas sobre critério de escolha e, com este dado, aciono o que Judith Butler (2018) diz sobre normas de gênero: “As normas de gênero têm tudo a ver com como e de que modo podemos aparecer no espaço público, como e de que modo o público e o privado se distinguem, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual.” (BUTLER, 2018, p.41). Não é qualquer imagem que elas autorizam que seja publicada, há um investimento no que pode ser visto e o que julgam necessário esconder.

No dia 19/06/18 fizemos o penúltimo encontro do ano, com uma atividade de definição por escrito do que são *selfies*. O semestre estava encerrando e em agosto, assim que retornássemos das férias de julho eu faria uma cirurgia. Contei para elas que para minha saúde era necessário uma histerectomia²³ pois meu útero tinha miomas grandes que estavam inviabilizando uma vida saudável. Relacionamos este procedimento com uma cesariana, com cortes e traumas no corpo da mulher.

Ana se posicionou dizendo que – *com a cesariana você volta para casa com um bebê...* Contei, também, que seria necessário um tempo grande de repouso, como se tivesse passado por uma cesariana e que minha volta à escola seria no final de setembro. Elas já sabiam que em outubro eu sairia de licença para o Doutorado Sanduíche e entenderam a necessidade desta pausa.

Voltando à outra parte da proposta do dia, organizei nosso encontro de maneira que cada uma pudesse, além de falar, escrever suas definições sobre *selfies* e Redes Sociais. Assumi o risco de uma atividade que poderia ser considerada enfadonha pelas jovens, pois em atividades escolares são acionadas todo o tempo para escrever e cumprir tarefas. Entretanto, como nos diz Marlucy Alves Paraíso (2012) pesquisar é assumir riscos e imprevistos, como em uma viagem... Assumi o risco deste encontro e fui surpreendida pelo que construíram, embora de início tenha acontecido entre elas um certo desconforto em escrever.

Metodologicamente pensei em uma estratégia de um jogo que fazia bastante em minha juventude, que consistia em iniciar um tema escrito – no caso deste encontro da pesquisa as definições de *selfies* e Redes Sociais - e, ao passar determinado tempo – marcado -, entregar a folha para quem estiver do lado para completar até que a folha voltasse para quem iniciou o texto. Escolhi papéis de

²³ Passei por um procedimento cirúrgico no dia 15/08/18, para retirada do útero e de um dos ovários, em função de ter desenvolvido miomas intrauterinos.

cores diferentes para que a identificação fosse mais fácil para elas, caso não quisessem colocar seus nomes. Elas me disseram que não colocariam os nomes porque as folhas não eram textos individuais! Nas práticas que formam este discurso articulado destas seis jovens que estavam presentes neste dia, localizo entendimentos sobre o que as *selfies* e as Redes Sociais são para elas. Ana, Victória, Kaylayne, Cecília, Letícia e Ísis definiram assim *Selfies*:

- Para mim, *selfie* é aquela foto que você mesma tira e decide se você gosta ou não, mas a *selfie* perfeita é aquela que você acha que ficou bonita e pergunta para as amigas se está boa e elas falam que está. Para as meninas a *selfie* tem que estar perfeita (Ana, 19/06/18).

- Num lugar com árvore, o brilho certo, um cartão bem top! Fazer montagem, colocar *emojis*²⁴. Num lugar legal, paisagem legal, igual as fotos da Maria Venture²⁵ (Victória19/06/18).

- *Selfie* para mim é uma foto top, uma foto tirada por mim mesma que representa a pessoa, mostra se ela gosta de viajar, o que gosta de comer, que tipo de lugares que ela gosta de frequentar (Kaylayne, 19/06/18).

- Eu acho a *selfie* importante para mostrar como a pessoa parece ser, o jeito dela, o que ela gosta de fazer, além de ser importante ficar bonita e mostrar para as pessoas (Cecília, 19/06/18).

- *Selfie* é uma coisa que gosto muito, é como a gente guarda lembranças. Tem que ter o local perfeito, luz ideal. Pessoas que são boas em *selfies* são o Victor Hugo, Maria Venture e Ana Gabriela que são todos Youtubers (Letícia, 19/06/18).

- *Selfie* para mim é importante e eu gosto muito de tirar. Ficar bonita, com um bom fundo para ficar boa. Eu gosto de me inspirar na Mari Maria²⁶ (Ísis, 19/06/18).

Talvez este tenha sido um dos encontros mais potentes e produtivos que tivemos. O último, realizado no dia 25/10/18, foi para dizer os caminhos que seguiríamos. Quis conversar com elas sobre os rumos da pesquisa e nossos próximos passos. Nossos encontros foram cheios de aprendizagem e conhecimento para mim!

Incluí, após alguns encontros e também após o primeiro exame de qualificação, os grupos de *WhatsApp* como ferramenta metodológica deste trabalho. Incluí esta outra ferramenta, por ter aprendido com as jovens que ela também é uma Rede Social. Para mim, o *WhatsApp* era somente um aplicativo para troca de

²⁴ *Emojis* são figurinhas que representam expressões.

²⁵ Maria Venture @mariaventure é uma *youtuber* e influenciadora digital com quase um milhão de seguidores.

²⁶ Mari Maria é também uma *youtuber* e influenciadora digital com mais de 1.200.000 seguidores no *Instagram* e 700 mil inscritos no seu canal do *Youtube*. @marimariamakeup

mensagens e ligações, como um telefone; entretanto, com as falas das jovens, entendi que, para elas, se tratava de um espaço importante na configuração das interações que existem na internet. Assim, este estudo contou com o suporte desta plataforma, ou seja, deste aplicativo de trocas de mensagens instantâneas via internet. O aplicativo *WhatsApp* foi definido pelas jovens como “*um lugar para bater papo, ver status e trocar fotos*”. Esta definição que me foi dada e a recorrência das falas em que este aplicativo aparecia me levou a considerá-lo como uma Rede Social dentro das outras Redes Sociais. Explico melhor: o *WhatsApp* é um aplicativo ligado à um número de celular e inicialmente funcionava como troca de mensagens. Suas funções foram ampliadas com a compra²⁷ do aplicativo pelo grupo de Mark Zuckerberg²⁸.

Viro, me viro e percebo que a pesquisa vai acontecendo no pesquisar. Recorro ao que Marlucy Alves Paraíso e Lívia de Rezende Cardoso (2013) escreveram no texto *Possibilidades de uma Metodologia Alquimista para pesquisar em Educação e em Currículo* e sinto que estar aberta ao que acontece é fundamental nesta trajetória.

[...] em nossas pesquisas o que fazemos mesmos é articular, juntar, costurar, inventar. [...] o “método” adotado em nossas pesquisas trata-se de uma *alquimia*, isto é: articulamos procedimentos, reinventamos outros, “roubamos” modos de fazer pesquisa que consideramos adequado para a nossa problemática; fazemos bricolagem, hibridismos, colagens de procedimentos que se modificam ao se juntarem com os conceitos que operamos. A pesquisa que buscamos fazer, com a *metodologia alquimista*, pode ser caracterizada como uma pesquisa-experimentação. Ela é experimentação porque arriscamos, sabemos que nada está garantido e que não existe um livro de metodologia a ser seguido. Juntamos e afastamos, mas explicamos como juntamos e porque nos afastamos. Empenhamo-nos a desaprender o já sabido e experimentamos operar com outros conceitos, usar outros procedimentos e ensaiar outras explicações porque sabemos que necessitamos estar insatisfeitas com o já dito, o já significado e com o já sabido sobre o objeto escolhido (PARAÍSO; CARDOSO, 2013, p. 272.).

A pesquisa se faz no caminhar na perspectiva pós-estruturalista. Mais que uma frase, um jargão ou ensinamento, esta afirmação possibilita uma maneira de

²⁷ Isso porque, em um gráfico analisando o número de fotos enviadas e compartilhadas diariamente nas principais plataformas do mercado, temos uma surpresa e tanto: embora o Facebook ainda tenha uma marca invejável, o *WhatsApp* mesmo com um “tempo de vida” muito menor, possui uma presença quase duas vezes maior na área. Já o *Instagram*, apesar de trazer números bem mais modestos, também tem força no mercado. Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/facebook/60080-facebook-comprou-o-whatsapp-o-instagram-grafico-explica.htm>

²⁸ Um dos fundadores do Facebook.

fazer uma investigação. Inicialmente, quando comecei os encontros com as jovens, a tecnologia do *WhatsApp* não estava prevista. Ouvindo, duvidando, me sentindo insegura, pude ver e rever que naquela “Rede Social” existia uma potência para as discussões que estávamos tendo. Coloquei o termo “Redes Sociais” entre aspas, porque para mim, até então, as Redes Sociais servem para objetivos mais amplos que não sejam simplesmente a troca de mensagens e fotos. As redes sociais são locais de pesquisa também. Tomar as redes como campo empírico significa pensar na metodologia que toma como procedimento observar as postagens, as imagens e mensagens *on line*.

As Redes Sociais são plataformas digitais em que a vida pode ser narrada por meio das imagens, textos, recordações, datas, eventos, comunicação entre pessoas, dentre inúmeras funções, como, por exemplo, vincular-se a causas sociais, políticas, estéticas, entre as tantas que estão disponíveis. Entretanto, pesquisar também é isto, aprender sobre a surpresa que o material empírico nos traz, portanto aprendi com as jovens que o *WhatsApp* compõe o ciberespaço, fazendo parte da metodologia desta investigação. O *WhatsApp* tornou-se, aos meus olhos e entendimento, uma Rede Social, na medida em que *status* são compartilhados, grupos são formados e há interações potentes em cada uma destas possibilidades.

Marina Bialer e Rinaldo Voltolini (2017) em *Internet e Subjetividade contemporânea: entre o fascínio e o horror*, indicam sobre este espaço habitado por tantas e tantos jovens, que ultrapassa a materialidade:

O ciberespaço enquanto conjunto de redes interativas permite que a informação digital circule livremente, desenraizada do mundo físico. É nesse sentido que nos parece pertinente a afirmação de que a *web* é mais ampla do que um mero instrumento de difusão de informação, tendo um efeito organizador da realidade promovido pelo uso da internet como uma tecnologia que transforma as informações desenraizando-as do suporte físico estático e transformando-as em virtualidades, em uma desterritorialização das informações (BIALER; VOLTOLINI, 2017, p. 66).

O percurso desta pesquisa, que me importa e interessa, tem na linguagem imagética e discursiva um importante aliado para o contexto em que se insere. Entendendo que os sujeitos, em que também se incluem as mulheres jovens que fazem parte da investigação, são resultados das vivências históricas, sociais e culturais, não possuindo nenhuma característica dada como original, me parece interessante não perder de vista tais elementos para que não me seduza pelo

fascínio das generalizações e narrativas mestras. Assim, o suporte dos Estudos de Gênero para este trabalho com mulheres jovens me fornece sustentação para problematizar questões naturalizadas de comportamentos tidos como ideais para mulheres, ditos em grande parte por homens. Nas relações sociais o conceito de gênero está ligado às relações de poder que se constituem nas diferenças entre os sexos (Joan Scott, 1995). Scott nos mostrou que o movimento feminista possibilitou o entendimento de que o gênero não é algo biológico. As representações sociais, discursivas e culturais que são atribuídas ao gênero movimentam formas de se adequar aos padrões que a sociedade produz, portanto é desejável que nossas análises sejam feitas considerando estas questões.

Em um de nossos encontros (31/10/17) o tema ciúme surgiu, estávamos fazendo colagens e conversando sobre características pessoais. E a meu ver, apareceu de maneira bastante naturalizada por parte das jovens. Ser alvo de ciúmes parece ser algo comum entre elas. Os Estudos de Gênero permitem problematizar este lugar naturalizado da mulher como objeto de posse e satisfação do homem.

- *Eu tento não demonstrar que eu tenho ciúme, mas não consigo* (Ana, 31/10/17).

- *Eu também não consigo... Nossa! Vocês não sabem de uma coisa! Eu e o Anderson (namorado da Ana) fizemos uma festa surpresa no aniversário dela e ela quase ficou com raiva de mim porque eu 'tava toda hora falando com o namorado dela* (Kaylayne, 31/10/17).

- *É claro, eu pedia pra ver o celular dela e a ela não deixava! Eu pensei até em parar de falar com a Kay por causa disso. Também fiquei com raiva dele. Ser ciumenta é um defeito?* (Ana, 31/10/17)

- *Eu acho que é porque atrapalha, né?* (Kaylayne, 31/10/17).

- *Quem é ciumenta aí levanta a mão!* (Ana, 31/10/17)

Elas dão risadas e levantam não só a mão, mas também o corpo.

- *Um dia, eu, minha mãe e meu irmão mais novo fomos no (sic) Vitorino²⁹. Aí um cara mexeu com a minha mãe e meu irmão ficou bravo e falou um monte de coisa. A minha mãe falou: - você não viu que é um homem mais velho e muito maior que você? Aí, meu irmão respondeu: - Não tenho medo, ele tá mexendo com o que é meu* (Viktória, 31/10/17).

Elas falam ao mesmo tempo sobre ciúmes, dão outros exemplos. Ana nos diz:

- *Eu acho assim, se meu namorado não tem ciúme de mim é porque ele não gosta. Se você tem ciúme é porque você quer fazer tudo só com quem você gosta e mais ninguém* (Ana, 31/10/17).

O que consigo perceber com estas falas é que o sentimento de posse encontra-se bastante naturalizado no cotidiano das jovens. Pertencer a alguém, sentir-se ameaçada, não ter o amor demonstrado quando não aparece o ciúme e o

²⁹ Viktória faz referência ao Bairro Vitorino Braga, vizinho ao Bairro Três Moinhos, onde vive.

modo de viver um relacionamento refletem situações de domínio normativo de protagonismo masculino. Esta é uma pesquisa sobre imagens em Redes Sociais e constituições de subjetividade por meio de dispositivos de feminilidade. Seria o ciúme parte desta naturalização da objetificação da mulher em suas relações amorosas? Seria parte de uma cadeia de dispositivos que atravessam as constituições femininas? Os estudos de gênero me proporcionaram enxergar dados que, em outras situações por mim vivenciadas, poderiam ter passado como algo natural ou comum do cotidiano. Nesta sessão que privilegia a discussão metodológica, talvez a questão do ciúme não teria importância e nem destaque caso os estudos de gênero não possibilitassem esta problematização. Estou atenta e isso me mobiliza.

O que tenho problematizado, então? Em grande parte, sobre a urgência de ver e ser vista e esta urgência compreendida como liberdade para cada uma e para todas. Encontro nas discussões acerca das metodologias pós-críticas, possibilidades para o que nos diz Marlucy Paraíso (2012) sobre escapar do que seja

rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever - analisar nosso objeto (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.17).

As narrativas existentes sobre Redes Sociais, mulheres e juventude circulam em nossa sociedade em vários âmbitos: escola, família, mídia, entre outras. Contudo, ao pesquisar com base metodológica pós-crítica, Marlucy Paraíso nos fala sobre interrogar o que já está posto, o que já circula, o que já se conhece. Estar disposta para a novidade, para a potencialidade de cada encontro e de cada página pessoal das jovens significa entender que não há existência fixa, tampouco homogênea.

Como parte da investigação que se apresenta orienta-se também pelo que é publicado nas Redes Sociais, penso que uma parcela desta metodologia também se ateve ao fato de que virtualmente encontrei elos para os discursos presentes nos grupos a que me dediquei. Embora sempre buscasse pelo discurso verbalizado, não posso negar que o discurso circulante via internet transformou o mundo, a nós mesmos e, também, as formas como olhamos este mundo. As formas de poder a que estamos atrelados também são parte deste discurso virtual que compõe a

metodologia deste trabalho. Gabriela Silveira Meireles (2017) em sua tese de doutorado utiliza-se do que chama de netnografia, como forma de conhecer seu campo de trabalho que foram os blogs de professoras alfabetizadoras. Nas palavras dela

Optei [...] por utilizar o termo “netnografia”, neologismo criado no final dos anos 90 (net+etnografia), para destacar a mistura feita entre elementos da etnografia e da netnografia e demarcar o surgimento da netnografia a partir de “demarcações do método etnográfico” (MEIRELES, 2017, p. 30).

A autora dedicou-se duas horas diárias durante aproximadamente um ano e meio para pesquisar “netnograficamente” os blogs que elegeu serem significativos para o entendimento da formação de professoras alfabetizadoras em colaboração por meio da internet. Diferentemente de Gabriela Meireles, não estou exclusivamente na Internet, sendo assim, não creio que as “andanças” que faço nas Redes Sociais das jovens que comigo fazem este trabalho possam ser assim entendidas. Entretanto, Danah Boyd (2017), ao pesquisar com jovens aponta para o que seja um desafio metodológico pesquisar em multilocais, ao se utilizar de meios variados para estar com as pessoas com as quais pesquisa. A autora utiliza-se de entrevistas, encontros, visitas às páginas de Internet e seus traços deixados *on-line*, como os de cultura *pop*³⁰, por exemplo. Penso que metodologicamente assumir os multilocais para pesquisa parece-me interessante, uma vez que algumas referências de conteúdo de TV, *sites* da internet, jogos e “personalidades” do *YouTube*³¹ foram necessários compreender para que o assunto com as jovens fosse possível.

Então, passo a entender a expansão deste campo, compondo a metodologia em multilocais, como aponta Danah Boyd (2017). As pesquisas tradicionais em etnografia, por exemplo, diziam de imersão no campo, como uma forma de entrar em uma comunidade camponesa e “viver” nesta comunidade com seus hábitos, saberes e cultura³². Hoje, com as possibilidades tecnológicas que se apresentam a grande parte da população, não é estranho dizer que os limites e contornos deste

³⁰ O termo *Cultura Pop* é entendido como um universo de rápida assimilação e sucesso.

³¹ *YouTube* é uma plataforma para compartilhamento de vídeos. Nesta plataforma são criados conteúdos de assuntos variados e podem ser porta de entrada para o surgimento de personalidades da Internet, como as *Blogueiras*, *Youtubers* e *Digitais Influencers*.

³² Notas do dia 28/11/18 realizadas durante o Seminário de Doctorado de primer año: investigadoras del mundo – Cread!, coordenado pelo Professor Fernando Hernández, na Universidade de Barcelona.

campo estão além dos contatos realizados fisicamente. Em notas³³ do *Seminario de Metodologías de investigación en las artes visuales – investigación etnográfica*, o Professor Fernando Hernández destacou a necessidade de aprendermos a pesquisar na Internet, desvelando conexões, aprendendo como nos mover dentro deste espaço. Importante compreender as relações que se estabelecem e, também, a existência de intenções não explícitas de corporações, serviços, causas, nas sugestões que nos são apresentadas durante as navegações. Portanto, pesquisar na Internet também nos mobiliza a entender este espaço como um lugar de pertencimentos, escolhas e capturas. E, quando se pesquisa com imagens, sobre imagens e os dispositivos do feminino que nestas relações vão se constituindo, penso que ser fundamental destacar este caráter móvel e volátil que esta forma de representação encontra-se nas postagens das jovens.

Nesta pesquisa em que as imagens como representações do feminino muito me atravessam, considero importante trazer uma reflexão feita por Ruth Sabat (2008) acerca desta temática:

As imagens produzem uma pedagogia, uma forma de ensinar as coisas do mundo, produzem conceitos ou pré-conceitos sobre diversos aspectos sociais, produzem formas de pensar e agir, de estar no mundo e de se relacionar com ele. A construção de imagens que valorizam determinado tipo de comportamento, de estilo de vida ou de pessoa, é uma forma de regulação social que reproduz padrões mais comumente aceitos em uma sociedade (SABAT, 2008, p.150).

Importante ter claro que nossos textos, em que nossas pesquisas se inserem, fazem parte de uma arena em que se disputam construções de verdades. Assim, o olhar atento para a linguagem e sua característica central em estudos pós-estruturalistas nos permite entender que a linguagem produz algo, por meio dela estamos localizando as coisas no mundo. As jovens se constituem nestes discursos circulantes em que a imagem faz parte e os modos de subjetivação por elas vivenciados são atravessados por discursos representados nessas imagens com as quais interagem. A linguagem, como um sistema de significação, cria identidades e a mídia, também entendida como linguagem e artefato, produz o sujeito em uma relação que captura por este sistema de identificação, rejeição, recusa, por um

³³ Notas do dia 18/12/18, durante as aulas que aconteceram na Faculdade de Belas Artes, durante o período do Doutorado Sanduíche, realizado na Universidade de Barcelona, entre novembro de 2018 e maio de 2019.

sistema que não passa incólume. Estamos nos afetando e sendo afetados todo o tempo.

Não me cabe dizer sobre o que supostamente quis ser dito pelas meninas, não se trata de entender entrelinhas ou os não-ditos por cada uma delas, mas sim, observar o que foi dito de fato. Vale destacar a importância dada à representação, por meio das palavras de Alfredo Veiga-Neto (2007):

O que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas (como imagina o pensamento mágico), nem são a representação das coisas (como imagina o pensamento moderno); ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos. Em outras palavras, os enunciados fazem mais do que uma representação do mundo; eles produzem o mundo (VEIGA-NETO, 2007, p. 31).

Nossas percepções cotidianas sobre o mundo, os eventos dos quais fazemos parte, as instituições que nos afetam e a mídia que se apresenta tão próxima são formas que nos fazem pertencer ao tempo, à história e à geografia. Cada época produz uma forma de pensar sobre o seu tempo... Estamos em um mundo que fala de nós, que nos representa por meio de paisagens reais e também virtuais que narram sobre nossa maneira de estar nestes lugares, nestes tempos da história. Práticas discursivas e não discursivas, além dos dispositivos de feminilidade são marcas de tempos e também de espaços. Concomitantemente, convivemos com dualismos e binaridades que tendem a engessar nossa existência, parecendo esquecer que cada uma de nós, cada um de nós existe e resiste. Isto de ser o que se é pode ser também entendido por meio da subjetividade que atua em cada uma de nós, como forças para que existamos apesar de todas as relações que por vezes acontecem de maneiras contrárias e conflitantes. Judith Butler (2002) utiliza-se da metáfora do sangue que corre em nossos corpos, para ilustrar a força do discurso em nossas constituições: “[...] eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002, p. 163).

Esta escrita tem me levado a entender que em muitos momentos, o que as jovens fazem são narrativas pessoais e, embora eu saiba da relevância desta possibilidade de entendimento de si, destaco que falam delas em um contexto bastante restrito. Esta restrição revela a pesquisa como transitória e localizada e indica a impossibilidade de dar respostas universais para o que seja ser mulher e jovem no Brasil nos anos 2017/18/19... Então, este estudo fala de pessoas que

estão geograficamente localizadas na periferia de Juiz de Fora, vindas de famílias de classe baixa, estudantes de escola pública, não são quaisquer mulheres, portanto. Os convites foram feitos, considerando as alunas maiores de 13 anos, matriculadas no 8º e 9º anos da EMAFS, pois, a meu ver, possuíam mais autonomia com seus celulares e suas Redes Sociais. Mas, ao passo que a notícia da pesquisa foi se espalhando, recebi pedidos de participação de algumas outras mulheres jovens do 7º ano, que prontamente foram incorporadas ao grupo. O que nos une de forma mais forte é o fato de sermos mulheres e estarmos juntas na escola e na internet.

São muitas as perguntas que me rondam sobre os aceites das jovens para estarem comigo. Penso que estas perguntas fazem parte do caminho metodológico deste estudo e que são potentes para que seja possível entender os processos de subjetivação que estão presentes nas formas de ser mulher na internet. Que motivos levaram as jovens a aceitarem estar comigo? O que querem falar de si, de suas imagens, do que lhes é tão particular?

Narrar-se por meio de temas que são caros à sua subjetividade como mulheres e jovens, pode ser um caminho para este entendimento. Metodologicamente é um caminho que tem sido trilhado. Penso que colocar em prática as narrativas visuais também configura um processo educativo. Tal processo atua na subjetivação, uma vez que as visualidades podem ser entendidas como elementos de comunicação, intrinsecamente ligadas à cultura e, principalmente à um recorte de classe que não só localiza como também organiza uma forma de existência. Assim sendo, entendo como fundamental problematizar as formas como os discursos presentes nas Redes Sociais produzem modos de viver a feminilidade nos nossos dias.

Se este trabalho diz de imagens, visibilidades em um jogo de disputa na construção de subjetividades, a escolha por trazer as identidades reais tornou-se coerente e potente. Dizer de si, das escolhas de si e das formas de imagem escolhidas para falar de si não poderiam, de forma alguma, ser relevado a um detalhe de pesquisa. Aqui importam os nomes, as histórias, as formas de constituírem-se mulheres; no dizer de cada uma delas, a começar por seus nomes reais, com suas próprias palavras em suas subjetividades discursivas.

Todas as vivências delas, embora singulares, se relacionam a partir de discursos, tramas, contextos culturais e históricos, que são situados, datados e

muito próprios de cada uma delas. Dagmar Meyer (2014) possibilita entender estas questões, nos dizendo que:

Admitir que nossas pesquisas também não permitem o acesso à verdade. Elas permitem a descrição, a análise, a problematização e/ou a modificação de verdades contexto-dependentes. Operar com esta noção supõe considerar toda verdade como sendo contexto-dependente, o que envolve problematizá-las como verdades sancionadas e aceitas, em determinados grupos, em determinadas condições, em determinadas épocas, no contexto de determinadas redes de poder (MEYER, 2014, p. 56).

Problematizar o que é ser mulher, jovem, periférica, latina, negra, brasileira e suas formas de estar no mundo possibilita compreender situações muito próprias da cultura juvenil, ainda bastante invisibilizada. Ao realizar esta pesquisa com mulheres jovens e da periferia, penso que posso dar um passo adiante em questões que nossa cultura dominante se recusa a conhecer. Rosalinda Carneiro Ritti (2015) apresenta uma definição de periferia que me interessa para este trabalho:

Periferia... lugar também de muita beleza! Beleza resistente que transborda exuberância, que fere os olhares dos que não podem ou não querem vê-la, nem senti-la. Lugar de gente que luta, trabalha, chora, sorri, canta, dança, sente, cai, se levante, insiste, resiste, morre, vive... Lugar de tristezas e de alegrias, de dor e festas, de igrejas, crianças, jovens e velhos, vida na rua, funk... Reticências também, pois a periferia é múltipla. Talvez essa seja a identidade da periferia e não somente o que nossos olhos limitados conseguem enxergar (RITTI, 2015, p.31).

Saberes que vem de pessoas não autorizadas a falar – no caso desta pesquisa pela pouca idade, ou menor idade, por exemplo – tornam ilegítimos saberes que são inferiorizados e até mesmo invisibilizados. A mim, por meio da possibilidade de compartilhar este outro momento com as alunas que estão presentes comigo diariamente na escola, este aspecto me atravessou de forma contundente. Posso dizer que não conhecia nenhuma das meninas que estão comigo... sabia quem elas eram, mas delas, de suas histórias, de suas vidas, pouco, muito pouco eu conhecia. Esta forma de invisibilizar reflete estruturas de um poder que diz de desigualdades que classificam, ordenam, hierarquizam.

Victória me disse em mais de um encontro sobre suas práticas de vida como umbandista. Conheço Victória desde o ventre de sua mãe, fui professora dos tios dela, e sua avó era uma das mães que mais conversava comigo na escola. Ainda assim, não sabia desta “verdade” que guia a vida desta mulher jovem. A filha de

Yemanjá, ruiva e branca nascida em uma família miscigenada me mostra a potência da fé e da resistência. Bissexual que transita entre relacionamentos com homens e mulheres, Victória é a jovem descontínua, a *menos um* que sai de todos os modelos esperados para ela. Ao desconhecer tanto sobre estas pessoas tão próximas, fiquei assustada comigo. Me recusei a pensar em silenciamento, em hierarquia de saberes, em poderes que se exercem nas instituições e que se manifestam também em mim. Penso em quanto estou nesta pesquisa e o quanto que ela me movimenta.

Concordo com a abordagem dos estudos pós-estruturalistas ao defenderem que o gênero é uma produção que repetidamente vai sendo ensinada, quer seja nas normas, quer seja nas performances que a sociedade espera de cada um: homem ou mulher. Estes atos repetitivos, que em *Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade*, Judith Butler (2003) nos diz serem performativos no gênero e no interior de cada gênero, entendemos que sociedade, escola, família e grupo social exercem um poder de regulação dos corpos e identidades. Em se tratando das mulheres, do corpo feminino, estas marcas regulatórias são intensificadas por fatores considerados indispensáveis para que uma mulher seja assim de fato vista. Assim, beleza, delicadeza, feminilidade são valorizados como forma de reconhecer uma mulher “de verdade”.

Esta escola que faço parte faz um esforço pela permanência de algumas normas e hoje percebo que duas “verdades” fundamentais na vida da Victória são praticamente invisíveis no cotidiano da escola: a bissexualidade e a religião de matriz africana. Esta herança que herdamos do pensamento Moderno me parece tentar fixar as estruturas e manter o que sempre foi feito, de maneira que nada se altere. A descontinuidade desta mulher me fez pensar no que Ana Maria de Oliveira Burmester (2006) nos diz:

O descontínuo atinge nova complexidade, pois a questão que se coloca é a do pensamento descontínuo em si, não apenas para apontar uma descontinuidade histórica e fazê-la ingressar na grande narrativa novamente. Introduzir a ruptura no exercício do pensamento – que se torna assim fluido, nômade, experimentador – seria a grande questão metodológica (BURMESTER, 2006, p.40).

Victória me possibilita ir além, me desconstruir um pouco mais, na medida em que tantas causas habitam um corpo tão jovem. Me estranho, me desloco com ela, estou encantada com este encontro.

Kaylayne foi em 2013 uma daquelas alunas que desafiou a escola em se reinventar. Classificada com adjetivos pejorativos como: briguenta, barraqueira, respondona, a jovem se envolveu em muitas brigas e foi expulsa da escola... Voltou em 2015 nos impondo formas outras de agir e eis que cada uma delas valeu a insistência na crença de que poderíamos ter uma outra história: insistência em conhecê-la como impulsiva, mas cheia de energia; desafio de enxergar que brigava por motivos justos para si e que isto é uma forma de se entender e se mostrar ao mundo... Na pesquisa é colaborativa, falante e muito disponível. A mulher Kaylayne tem se transformado de forma bastante evidente.

Da personalidade forte, líder dos grupos de dança na escola, dançarina em muitas das nossas apresentações, surge uma Kaylayne com namorado. Nos encontramos na Festa Junina da escola, em 17/06/18 e a ele fui apresentada, contato cordial e a mudança evidente que este relacionamento trouxe para esta feminilidade em construção. No nosso encontro de pesquisa após este episódio, falamos um pouco sobre relacionamentos e Kaylayne me disse:

- Agora "tô" namorando e as coisas mudam um pouco. Não posto tantas fotos e nem sempre vou ficar dançando aqui na escola. (Kaylayne, 19/06/18).

Eu pergunto: *- Mas é porque você está namorando?*

Ana entra na discussão, intervém e responde: *- Quando a gente namora, a gente posta muito menos (Ana, 19/06/18).*

Ísis nos indicou caminhos para perceber que o silêncio e o bom comportamento não são sinônimos de que as coisas vão bem. Pai preso, mãe assumindo-se lésbica e um silêncio rondando esta jovem mulher... Reprovação ao final de 2016... Em 2017, pai de volta para casa e para um estreito contato com a escola, surpresa minha ao receber um sim como resposta de Ísis ao meu convite para participar da pesquisa, afinal quase não me olhava nos olhos. É uma das participantes mais ativas do nosso grupo de WhatsApp: guarda nossos vídeos, fotos e está sempre atenta aos horários de nossos encontros. Concorda com Ana e Kaylayne no que diz respeito aos relacionamentos. Sua página pessoal no *Facebook* é compartilhada com seu namorado, que sempre está presente nas atividades festivas da escola, quando são abertas à comunidade. É doce, um tanto calada e bastante afetada pelo dispositivo da feminilidade que diz de um padrão de

relacionamento: heterossexual, fidelizado: um ideal de que estejam constantemente juntos.

Demorei a entender que a postura de Ísis em seu relacionamento me incomodava. Este incômodo não havia sido verbalizado, mas estava sempre rondando meus pensamentos: será que ela se mostra na internet junto com o namorado por medo de perdê-lo? Será que as frases de indiretas como: *já veio fuxicar*, presentes em seu *Facebook*, representava indireta para uma pessoa especificamente? Agora entendo que o incômodo gerado veio por me fazer recordar a jovem que fui: alegre, cheia de amigos, mas sempre presa a um relacionamento. A vivência do feminino que a mim hoje importa, está atrelado à liberdade de ser e mover-se no mundo que não experimentei na juventude. Escapar de narrativas mestras mais uma vez me captura neste trabalho: Ísis pode ser capturada pelo dispositivo de feminilidade e eu não posso interferir nisso.

Ayana veio como uma doce participante. Está presente e mostra-se feliz em estar junto com nossas conversas, oficinas e encontros. Observo uma certa insegurança em Ayana, o que a faz dela alguém que não opina sem antes ouvir o que as outras têm a dizer. No texto da primeira qualificação disse que não arriscava dizer de Ayana algo a mais que isso... Contudo, Ayana agora me faz pensar na possibilidade interseccional deste estudo, que é a subjetividade da mulher negra e os dispositivos de feminilidade. Poucas vezes Ayana referiu-se à sua condição de mulher jovem e negra: recordo que na oficina de *selfies* que fizemos, ela, ao maquiar-se com as outras jovens, queixou-se da pouca variedade de produtos para a pele negra e disse usar filtro solar que é próprio para peles brancas. Descobrir-se negra também é um processo, faz parte de um ciclo permanente que é fazer-se e desfazer-se, penso eu. Neste processo de descobrir-se negra Ayana identifica e sente o preconceito nos vários lugares que frequenta.

Raphaela é uma dessas que foi aluna da escola, saiu e voltou. Experimentou estudar em uma escola com muitos alunos no Centro da cidade, mas segundo relatos do pai, é melhor que estude em uma escola pequena. Conheci Raphaela em 2017 e pouco conversamos na escola... Nos nossos encontros de pesquisa, revelou-se uma mulher jovem cheia de personalidade e decisão, falou bastante sobre poses para fotos e redes de cooperação entre amigas no *WhatsApp* me fornecendo caminhos para o entendimento desta questão. Raphaela não deu continuidade aos encontros da pesquisa: ao longo deste processo, quando passamos pela eleição

presidencial, revelou-se partidária àquele que era candidato à presidência Jair Bolsonaro e com isto, junto com sua família, passou a ter embates ideológicos com a escola e, conseqüentemente, comigo.

Letícia e Cecília são vistas como crianças pelas demais participantes. Esta é uma característica que o dia a dia da escola trouxe para nossas discussões. Nas intervenções que fizeram, foram pouco ouvidas ou consideradas, embora Cecília tenha se mostrado cheia de conhecimento de um universo virtual desconhecido para mim: o de administrar *fanpages*. De acordo com Cecília, são quatro as páginas que administra em homenagem à sua atriz preferida da novela “Carinha de Anjo”³⁴ e com isto mantém um relacionamento com patrocinadores que enviam para sua casa presentes para serem divulgados nas páginas. É um outro tipo de virtualidade que se revelou para mim...

Letícia flutuou bastante em nossos encontros. Às vezes dizia que esquecera da data ou do horário, às vezes dizia que não podia mesmo vir. É uma jovem mulher que apresenta traços de uma obesidade iniciante, porém, este fato não é destacado por ela em nenhum momento. A mim muito chama a atenção este silenciamento acerca de seu corpo, porque não foram poucas vezes que surgiu esta temática em nossos encontros. Entretanto, Letícia circula com tranquilidade nos grupos, é ativa, porém não vincula-se fortemente às demais participantes. Ela, juntamente com Cecília, tem sua fala e participação muitas vezes negligenciadas pelas outras participantes.

Ana é também história longa que tenho... De personalidade forte e cheia de si, Ana participou comigo da pesquisa que fiz na escola entre 2004 e 2006, no Mestrado em Educação da UFJF. Ainda com quatro anos, fez parte da turma de 1º Período que escolhi estudar. Ao retornar à escola, foi uma das participantes da pesquisa que rapidamente reconheci e aceitei ser amiga nas Redes Sociais, o que me levou a observar insistentemente as *selfies* e daí procurar pesquisar sobre o tema. Outra grande mudança na vida desta mulher aconteceu ao longo do processo da pesquisa: Ana ficou grávida! Um acontecimento que movimentou nosso grupo! Ana agora faz parte de uma categoria a mais no universo feminino: é também mãe. Eu, uma mulher de quarenta e tantos, cheia de tentativas frustradas de gravidez quando casada, agora histerectomizada, me vejo diante de uma mãe tão jovem.

³⁴ Novela infantil do Canal aberto de TV SBT.

Richard Miskolci (2006) ao dizer sobre conservadorismo do presente, me empurra a pensar sobre minha vida, nos dispositivos que atuaram sobre mim e me fizeram olhar com estranheza para a gravidez de uma jovem.

O presente é conservador porque uma forma de pensar e agir que nega as alternativas tornou-se hegemônica. A resposta a esse quadro requer desvelar a forma como essa hegemonia atropela as dissidências ou as domestica de forma a nos causar a sensação de um tempo sem alternativa, no qual todo inconformismo está fadado a desaparecer. A ênfase no presente é um compromisso com a possibilidade de transformar a atualidade por meio dos sujeitos, buscando não mudar suas consciências, antes revelando o que as molda e controla. Daí o fato de que a estratégia do diagnóstico do presente foucaultiano é mais do que uma crítica; é uma arqueogenealogia do sujeito que propõe liberá-lo das estruturas falsamente necessárias e essenciais. Em outras palavras, é uma forma de se buscar pensar diferentemente ao invés de contribuir para a constatação da inevitabilidade do que existe (MISKOLCI, 2006, p. 228).

Esta pesquisa me move e me transforma. De uma mulher que já havia feito vários caminhos para desconstruir-se, encontro-me agora em mais um. E sigo...

Esta breve apresentação das jovens cumpre aqui a função de trazê-las ao texto brevemente, anunciando sua presença e força neste trabalho. Ao longo dos demais capítulos, estas jovens, com exceção de Raphaela, continuarão presentes.

Após estas rápidas apresentações volto o olhar para mim e percebo que sou alguém que se atenta às narrativas. As possibilidades de desenvolvimento de uma pesquisa que não se encerra em verdades universais e totalizadoras muito me acalenta, pois quis e quero ouvir, quis e continuo querendo estar perto. A perspectiva pós-estruturalista me permite estar aberta e atenta, possibilita que eu não me enclausure em certezas e nem minimize acontecimentos. Estranhar, problematizar e buscar a força das perguntas é uma escolha no labirinto. Entender metodologicamente a possibilidade de problematização, tomando como base Michel Foucault, significa entender a problematização como uma atitude do pensamento, ou seja, é o que permite tomar distância sobre uma maneira de ver/fazer/ agir. Nas palavras do autor:

Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.) (FOUCAULT, 2010, p.242).

Concordo com as proposições feitas por James Marshall (2008) acerca do entendimento da problematização foucaultiana como algo que vai além de uma metodologia para a pesquisa, mas como uma escolha e atitude diante da vida. Assim, ao ter a problematização como atividade do pensamento, consigo perceber que as questões que me inquietam e me movem não se restringem à este estudo. Acredito ser importante trazer a fala de Marshall neste momento:

A problematização envolve a produção de um objeto de pensamento livre de visões a priori, e a “sabedoria” de práticas e crenças reconhecidas. Em vez de estabelecer modelos seguros de pesquisa baseados no conhecimento estabelecido do problema/prática a ser pesquisado [...] o que se exige é uma pesquisa que seja “preguiça furiosa”, como Foucault a chama (MARSHALL, 2008, p.38)

Estranhando as crenças, olhando de maneira diferente para cada questão, desconfiando do que antes me parecia bastante certo, assim tenho entendido o processo até aqui...

3 MULHERES JOVENS, PERIFÉRICAS, DE ESCOLA PÚBLICA E ATIVAS NA INTERNET EM COLABORAÇÃO COM OUTRA MULHER: MINEIRA, PROFESSORA E SEPARADA – QUE IMAGENS SITUAM NOSSA PROVISORIEDADE?

Não sou matrona, mãe dos Gracos, Cornélia,
 sou mulher do povo, mãe de filhos, Adélia.
 Faço comida e como.
 Aos domingos bato o osso no prato pra chamar cachorro
 e atiro os restos.
 Quando dói, grito ai.
 quando é bom, fico bruta,
 as sensibilidades sem governo.
 Mas tenho meus prantos,
 claridades atrás do meu estômago humilde
 e fortíssima voz pra cânticos de festa.
 Quando escrever o livro com o meu nome
 e o nome que eu vou pôr nele, vou com ele a uma igreja,
 a uma lápide, a um descampado,
 para chorar, chorar, e chorar,
 requintada e esquisita como uma dama.
 Adélia Prado – Grande desejo

Eu me revisei para escrever este capítulo. Com prazer, alegria, medo e um tanto de insegurança. Pensei em falar de mim e assim o fiz. Revi minhas imagens, meu passado e minha história: assim foi a primeira tentativa de escrita para este capítulo. Foi importante para mim, me situei neste lugar de mulher subjetivada por imagens, porém esta pesquisa não é sobre mim. Dela faço parte, mas não estou sozinha. Assim, neste capítulo busco uma aproximação entre a minha história e a das mulheres jovens, pensando nas continuidades e rupturas que me aproximam e me distanciam delas.

3.1 O EU E A/OUTRA/O: IMAGENS DE MIM, IMAGENS PARA A/O OUTRA/O

Tantos eus aparecem quando retomo a questão das imagens. Por elas me constituí e continuo me constituindo, me subjetivando por meio de olhares externos que indicam aprovações, recusas, rejeições e tantas palavras mais. Há nas imagens algo que é discursivo e não discursivo, sobretudo em se tratando das imagens que são postadas nas redes sociais e que abrem espaços para os comentários, *likes*, compartilhamentos. Nesse encontro do discursivo e não discursivo são colocadas em circulação práticas que se caracterizam como tecnologias de subjetivação que

através de diferentes estratégias, táticas e técnicas tomam os indivíduos como investimento, como algo a ser moldado e regulado, incitando-os a se tornarem sujeitos de um determinado tipo. Tantas formas pelas quais nos tornamos o que somos, me leva a questionar: como nos vemos? Como elas se veem? Como nos enxergamos? A mulher que *fica bruta, mas com sensibilidades sem governo...* Pelo olhar da/o outra/o posso me enxergar, a/o outra/o está sempre presente nestes olhares, que vão ampliando o que sei de mim, oferecem distâncias e também pertencimentos. Vou me descobrindo e sabendo o que sou, muitas vezes pelo que não sou, me associo, rechaço, acolho, condeno, crio vínculos comigo, em parte pelo que as outras e os outros me trazem. E o que são esses olhares que poeticamente tento entender? A meu ver são partes de práticas sociais regulatórias que tornam os olhares inquisidores e curiosos para as existências; desenham modos de ser e ver a vida que mais aprisionam do que libertam: criam olhos que não só veem, mas denunciam, prescrevem, enquadram.

Richard Miskolski (2009) nos diz que “discursos educativos, governamentais e midiáticos se articulam em práticas sociais que nos formam desde a mais tenra infância para crermos que somos o que desejamos.” (p.333). Podemos entender o que somos, sem, entretanto, desconfiar das amarras que tentam nos impor, reconhecendo também, os espaços de resistência que cada um de nós produz nesta caminhada que é subjetivar-se. As redes sociais colocam em funcionamento mecanismos educativos que constroem, vigiam, controlam e divulgam determinados tipos de subjetividade. Práticas como comentar positivamente, julgar, criticar determinadas poses, falas, fotos vão se constituindo como múltiplas técnicas que acabam conduzindo as condutas, governando os sujeitos e ensinando modos de ser, estar e comportar.

Tantos eus são acionados para entender o que contempla a minha subjetividade... Tantos olhares e comentários nas fotos das jovens acionam saberes, aprovações, mudanças, recusas e acolhimentos... Recorrerei às palavras de Kathryn Woodward (2014):

Consideremos as diferentes “identidades” envolvidas em diferentes ocasiões, tais como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou a um jogo de futebol, ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições

sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos. Em um certo sentido, somos posicionados -e também posicionamos a nós mesmos -de acordo com os “campos sociais” nos quais estamos atuando (WOODWARD, 2014, p.32, grifo do autor).

Aciono várias de mim para entender: o que tem de mim neste estudo? Venho de uma família cuja imagem sempre foi algo valorizado. Por imagem, tomo seu sentido mais amplo que liga a imagem ao sentido de reputação, às formas de se portar no mundo como alguém digno e honesto, como já foi dito na Introdução. A experiência das jovens é um tanto diferente de mim neste sentido, elas vivem vidas reais e virtuais de maneira simultânea o que as leva a preocuparem-se com suas imagens, que são cuidadas nestes dois ambientes. Gleiton Matheus Bonfante (2016) ao problematizar sobre aplicativos de “pegação” na Internet, fala sobre performances existentes na vida, tanto *on line* quanto *off line*. Nas palavras dele, nos organizamos para estilizar a nós mesmos: “Há um conjunto de características que são combinadas e re combinadas no processo de produção de distintas estilizações de si.” (Bonfante, 2016, p. 177). O mundo virtual configura-se como uma ferramenta que proporciona interações e facilita a articulação de vários setores da vida de cada um de nós, como, por exemplo, as relações sociais.

Tive a recusa do pai de uma jovem para participar deste estudo alegando que não gostaria que as imagens da filha circulassem por onde ele não tem controle. Entendo que elas já nasceram em um mundo digital que dá importância a imagem por outro viés, as imagens, ao mesmo tempo que constituem o cotidiano, são também fugazes, porém reveladoras.

Estas características de valores familiares que me educaram dizem muito de mim ainda hoje. Por meio da inspiração foucaultiana que pretende este estudo, consigo compreender a inexistência de um sujeito que seja original, essencial, pois somos resultado de discursos e produtos de relações de poder. Mais do que produtores, somos consequências destas relações das quais a verdade está entre elas, por exemplo. Entendendo esta relação que se estabelece no entendimento do que somos, do sujeito que nos constituímos, não é errado dizer que somos resultado, também, do momento histórico em que vivemos. Cada período histórico atua com mais ou menos força na concepção das subjetividades que estão em jogo. Esta ação que as/os outras/os exercem umas sobre as outras, dizem de relações que perpassam por poderes e manifestam em formas de viver mais ou menos

adequados para cada época. As sociedades vão transformando-se levando em consideração as forças e os jogos de poder que influenciam diretamente a vida de todas e cada uma de nós.

O olhar do outro que me constitui e que me confere legitimidade e aprovação é recorrente em minha vida antes mesmo que houvesse redes sociais, imagens compartilhadas, *likes*³⁵, *posts*³⁶... Sou resultado desse jogo de forças que na minha juventude como mulher de cidade interiorana, valorizava a virgindade, a castidade, o casamento e a fidelidade. Esta ação das/os outras/os sobre mim e também de mim sobre mim mesma, permite que eu compreenda que os discursos, a história e a geografia que me constituem incidem em classificações das quais eu não escapei como: boa moça, estudante dedicada, passando para namoradeira, descuidada com o Ensino Médio, sonhadora e desobediente...

Foucault (2018) em *O que é um autor?* me permite entender que a história, as regras sociais, o conteúdo dos discursos e também o poder vão mudando ao longo do tempo, transformando o que a sociedade entende como verdade. A resistência que existe em cada um de nós, cria rotas de fuga ao que não nos parece importante, assim, não corremos o risco de imaginar que os destinos estão traçados e as vidas impossíveis de serem mudadas. Sempre podemos nos deslocar, movimentar, agir sobre nós mesmos, “governar nossa própria vida”. Entende-se que para Foucault (1994) em *Ditos e Escritos V* que a noção de governo está vinculada às maneiras em que se pode examinar as relações de força no comportamento das pessoas. Entretanto, para o autor, os indivíduos podem - e resistem - ao poder, na medida em que refletem sobre suas próprias existências, o que seria o governo de si. Assim, o governo de si pode ser problematizado como a estética da existência, que é o cuidado consigo mesmo, em contato com a liberdade.

Esta relação que temos com as outras e com os outros me leva às mulheres jovens. Inseridas neste contexto de serem observadas quase que em tempo integral: subjetivam-se considerando o alcance que uma imagem tem na internet. As redes sociais são espaços em que podemos agir, agir sobre nós mesmas e sobre as outras e, assim, vamos estabelecendo regras e um conjunto de ações possíveis nos

³⁵ *Like* é uma possibilidade de reação às publicações nas Redes Sociais. Significa, em princípio, que a postagem foi vista e aprovada. Entretanto, *like* também pode significar que a publicação foi lida, que a imagem divulgada foi considerada bonita ou que a pessoa que postou a foto é interessante e merece ser “curtida”.

³⁶ Mensagem ou conteúdo publicado nas Redes Sociais, *YouTube*.ou Blogs.

modos de subjetividade. Vamos governando umas às outras. Esta característica da contemporaneidade não fica alheia ao cotidiano dessas mulheres, pois entendem e dizem da importância de outrem quando se fotografam. Deste olhar da outra e do outro podem surgir formas de entenderem-se, portanto consideram essa/o outra/o como fundamental para elas definirem como são. Esse é um aspecto importante dessa tese ao se filiar a perspectiva pós estruturalista, ou seja, a preocupação central em colocar sob investigação os processos de significação das culturas nos variados espaços e por meio dos diferentes artefatos culturais para problematizar os modos de subjetivação em seus atravessamentos de saber-poder. No limite, o interesse é pelo sujeito na atualidade e na complexidade das identidades e diferenças, nestes encontros entre o “eu” e o “outro”.

Este “olhar da/o outra/o” nos aproxima: no meu caso, ao ter sido educada com a preocupação sobre o “que iriam dizer” sobre este ou aquele comportamento e, no caso delas, é esta ação da/o outra/o que se materializa nos comentários e *likes*. Foucault em *A vontade de saber* (1988) faz uma reflexão sobre a sexualidade e verdade que considero importante para entender esta relação que se estabelece entre nós e as/outras/os:

Nós lhe pedimos que diga a verdade; e lhes pedimos que diga a verdade, ou melhor, nós lhe pedimos que diga a verdade profundamente ocultada da verdade de nós mesmos que acreditamos possuir em consciência imediata (FOUCAULT, 1988, p. 93).

Ao falar sobre “o outro”, - ou “a outra” no caso desta investigação - que nos legitima e aprova parece estarmos dizendo de alguém distante e impessoal, entretanto, nas conversas que tivemos, esta/e “outra/o” é também alguém próximo, ou seja, elas também buscam entre elas a legitimidade e a aprovação. A confissão da verdade existente nas Redes Sociais torna-se um ônus que sobrecarrega nossos corpos, nossas condutas e decisões.

Quando digo que imagens, valores familiares, entre outros foram me (des)subjetivando, estou dizendo da ação de outras/os sobre mim e também da minha própria ação sobre mim. E esta ação do outro sobre mim, e de mim sobre mim mesma, entendendo sob a forma de uma inspiração foucaultiana, me leva a pensar que os diversos olhares que são lançados sobre as pessoas e suas vidas, tencionam a relação entre poder/saber e também subjetividade. Significa pensar

sobre os jogos subjetivos, saberes e poderes articulados na constituição de cada um, de cada uma; nos jogos de verdade, que são múltiplos, diversos e dizem de momentos históricos, de deslocamentos, fluxos e rupturas. No nosso último encontro em 2018, conversávamos sobre a importância da opinião das outras pessoas nas publicações que as jovens faziam. Todas disseram ser importante o que os outros diziam sobre suas fotos e publicações. Entretanto a fala de Cecília me chamou a atenção para a intensidade da importância do reconhecimento que acontece por meio de *likes*, comentários e compartilhamentos. Ela disse:

- *Eu até me importo com as curtidas, mas se é pra ter curtidas é só você buscar um aplicativo no Google que é pra aumentar seus likes. Você coloca o tanto de curtidas que quer e o aplicativo vai lá e coloca* (Cecília, 25/10/18).
 Letícia completa: - *É tipo uma curtida “fake”³⁷* (Letícia, 25/10/18).
 Pergunto por que é importante ter curtidas, mesmo sabendo que são falsas e Cecília responde:
 - *É porque as pessoas vão ver sua rede cheia de curtidas, vão curtir também. Aí você passa a ser alguém como muitos seguidores* (Cecília, 25/10/18).

A imagem de mim tem uma outra a espiar, como um espelho. Este espelho diz de um direcionamento às outras pessoas, a imagem refletida é uma construção que faz parte de um processo de criação pessoal, do que as/os outras/os podem ver de si por meio dos registros divulgados. Ouvimos pelo senso comum que a imagem tem poder e, no contato com as jovens observo que de fato há um fascínio, um encanto e verdade no que elas veem e compartilham. O que a imagem fala nenhuma das mulheres jovens contesta, é uma prática que conhecem e que parecem aprovar. Destaco que há singularidades e diferenças nas imagens que cada uma delas aprova sobre si mesma e compartilha nas Redes Sociais, entretanto, as/os seguidoras/es e amiga/os que as acompanham parece formar uma espécie de grupo de regulação, ou seja, validam as imagens com comentários, repetições e compartilhamentos. A fala de Cecília nos convida a pensar que as ações nas redes sociais – as curtidas, buscar aplicativo no *Google* para aumentar as curtidas, curtida *fake* – são educativas na medida em que conduzem, tanto os comportamentos dela quanto possibilitam a suposição do governo do outro.

Tem uma questão das regras do jogo que são incorporadas e conduzem às escolhas que cada uma delas faz. Isso me leva a problematizar a questão do

³⁷ *Fake* do inglês falso.

*panopticon*³⁸ ou panóptico em Foucault (2018): tomarei esta ideia para ilustrar que a cada *status* compartilhado, a cada postagem, margem, brecha estão nos espiando, uma vez que “cada camarada torna-se um vigia” (Foucault, p. 327, 2018). Como o prisioneiro que conscientemente sabe que suas ações estão em monitoramento, como regra do jogo de quem está privado de liberdade, as Redes Sociais pressupõem a lógica da exposição e visibilidade. Ter muitos *likes*, ser vista e com as imagens comentadas parece ser o esperado por quem “aceita e vou prosseguir”³⁹ no processo. Segundo Nikolas Rose (2001), vivemos hoje um aumento e aperfeiçoamento das técnicas de saber-poder empenhados no governo das pessoas, com objetivo de normalizar os indivíduos e para o controle da vida. Foucault (2018) já chamava atenção disso ao se dedicar ao controle, vigilância e disciplina que organizavam as escolas, presídios e hospícios na implantação de uma sociedade moderna disciplinar. Mas hoje esse poder aumentando não se limita a escola, hospício e presídio. O governo dos indivíduos, o controle, a vigilância mútua e autovigilância também são exercidas nos espaços de diversão e lazer como as redes sociais e em toda a “arquitetura sedutora de nossa própria época”. (ROSE, 2001, p. 192).

Penso em mim, nas imagens que me trouxeram até aqui e que ainda permanecem em minha maneira de compreender o mundo e, então, consigo entender que em muitos momentos fui assujeitada em jogos de poder, em outros compus resistência e me reinventei, atuando sobre mim mesma. Penso nas jovens também. Nas relações em que se encontram neste mundo tão marcado pela competição por visibilidade. É um tipo de poder que se impõe. Este poder aplica-se à nossa vida cotidiana, imediata, nos categoriza como sujeito, marca-nos, nos impõe certos comportamentos e atitudes e nos aponta uma lei de verdade. Anderson Ferrari (2010) nos diz:

Parece importante destacar, nessa linha de análise, o reconhecimento do papel positivo (de produção) e não somente o aspecto repressivo do poder, o que pode ser identificado nas lutas recheadas de resistências, liberdades e transgressões, na construção das subjetividades e também como efeitos

³⁸ A referência que Michel Foucault faz de *panopticon* em *Vigiar e Punir* (2018) nos mostra que na prisão uma só pessoa pode visualizar os encarcerados sem que estes o vejam, pela estrutura arquitetônica dos prédios. Estes mecanismos de vigilância, por exemplo, tornaram possível a existência do homem moderno.

³⁹ Coloquei entre aspas esta expressão por ser algo recorrente para que aceitemos as condições de um *site*, seja ele rede social ou de compras, por exemplo. Este “aceito e vou prosseguir” desloca para o usuário as responsabilidades de uso da página em que vincula uma conta.

de verdade no interior dessas relações de poder de uns sobre outros. Todas estas questões estão incorporadas e se expressam nas construções dos sujeitos em relação com os outros e com os discursos (FERRARI, 2010, p.259-260).

Ferrari se inspira em Foucault para refletir sobre a ação dos outros sobre nós, que inevitavelmente passa pelas relações de poder. E o que me parece relevante dizer é que as relações de poder não acontecem onde não existe liberdade. Nas palavras de Michel Foucault (1995)

Quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo “governo” dos homens, uns pelos outros — no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” — entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p.29, grifos do autor).

Diante de alguma liberdade conquistada e de um “campo de possibilidades” diante de mim fui seguindo: Mineira, interiorana, de uma família de mulheres fortes e de homens acabrunhados, aprendi desde cedo:

[...] precisas comer, limpar-te, mostrar-te apresentável
A quem chama na porta,
salvar-te com compostura
do teu destino metabólico... [...] (PRADO, 2015, p.73).

Qual minha relação sendo sujeita da minha própria vida e descobrindo minhas verdades? Durante muito tempo segui uma tradição de mostrar-me apresentável, com reputação ilibada, sem grandes revoltas ou sonhos mirabolantes. Recorro à Michel Foucault (2018) e penso nesta minha trajetória. Ele diz: “à menor extravagância, já se está no domínio do abominável, ou pelo menos no discurso da invectiva e da execração”. (FOUCAULT, 2018, p.110). Talvez um destino traçado, marcado por um casamento, filhos uns dois ou três, um trabalho que me garantisse sustento, a fuga do comportamento extravagante e execrável, a compra de uma casa, de um carro e viagem para a praia uma vez por ano. Uma projeção de um futuro quando eu ainda era jovem como as mulheres que são minhas parceiras nesta pesquisa. Tem uma imagem minha inicialmente planejada que não se cumpriu. O imponderável faz com que caminhos sejam abertos, outros trancados definitivamente. A imagem que temos de nós mesmos nem sempre é contínua e

entender as discontinuidades pode ser importante para que estejamos abertos a novos saberes e novas formas de ser. Estar vivo é ocupar um lugar da impossibilidade de cumprimento total do que planejamos.

A imagem que se cumpre na internet oscila nesta problematização que acabei de trazer, ou seja, na iminência do planejado e nas consequências que surgem após ter sido lançada on-line. Lembrando que na internet há a possibilidade de retirar o que foi postado no *feed*⁴⁰ de notícias ou *timeline*⁴¹, quando a imagem postada não atingiu o que se esperava dela. Kaylayne me ensinou sobre isto ao dizer que “*se uma foto não ficou boa ou não teve tanta curtida assim, a gente pode ir lá e apagar*”. Voltar atrás e fazer um novo começo na vida pode não ser tão simples quanto voltar atrás e retirar do ar algo que não corresponde mais às nossas expectativas. Entretanto, há uma trama em que as próprias desenvolvedoras de aplicativos usam que captura as nossas existências no mundo virtual de maneira que nosso tempo conectadas aumenta. Aprendi com Ísis sobre isso.

Ísis me disse sobre os *status*⁴² do *WhatsApp* como uma ferramenta rápida que permite a visualização de uma mensagem ou foto. Este recurso é uma maneira de manter as usuárias e usuários atentos para o que os contatos vão publicar. Cecília completou para mim: *você vê o que o crush*⁴³ *coloca lá no status e aí você fica sabendo onde a pessoa tá, o que tá fazendo e tal* (Cecília, 25/10/18). Eu pergunto se isso prende a atenção delas no aplicativo de forma mais intensa e a resposta foi positiva e unânime. Recorro ao que Foucault disse em *A vontade de saber*: “Os mecanismos de poder voltam-se para o corpo, para a vida...” (p.194), e então observo que as jovens estão atentas para os corpos e as vidas de quem as interessa, assumindo, também, o risco de exporem-se para o que elas mesmas dizem serem “amigas e inimigas” tornando seus os olhos que vigiam.

O dispositivo da imagem opera na frente do desejo e do espelho que a Rede Social suscita. As mulheres jovens utilizam e compreendem os mecanismos que estão presentes nas formas de interação, ou seja, utilizam-se de táticas diferentes que englobam o saber e o poder que uma boa imagem traz para suas relações virtuais, assim o uso de filtros, por exemplo, é entendido como um suporte para que

⁴⁰ *Feed* são as notícias da página ordenadas pela mais recente.

⁴¹ *Timeline* é a linha do tempo que se forma com as publicações nas Redes Sociais.

⁴² *Status* é uma frase, pensamento, trecho de música ou *emoji* em que a pessoa publica para demonstrar sua situação atual.

⁴³ *Crush* é o homem ou a mulher em quem se tem interesse sexual ou sentimental.

a imagem fique “boa”, nos moldes que circulam entre as *blogueiras* que são inspiração das jovens.

3.2 GÊNERO E IMAGEM

Talvez esta nova mirada para a dimensão que as subjetivações acontecem por meio das *selfies* nas Redes Sociais possa estar ligada à novidade do veículo, mas não completamente ao tema. As imagens são parte da nossa vida há bastante tempo, mudando a velocidade, a fluidez e a facilidade que a tecnologia nos apresentou. Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* (1997) apresenta uma reflexão importante para o entendimento da imagem como modo de vida:

Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, com tendência a fazer ver (por diferentes mediações especializadas) o mundo já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana – o que em outras épocas fora o tato; o sentido mais abstrato, mais sujeito à mistificação, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. Mas o espetáculo não pode ser identificado pelo simples olhar, mesmo que este seja acoplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem, à reconsideração e à correção de sua obra (DEBORD, 1997, p. 18).

As imagens estão no mundo nos subjetivando e a internet representa outro veículo potente para produzir, divulgar e fazer parte desta rede. Neste processo, a relação existente entre constituição de subjetividades por meio de imagens nos meios digitais é muito potente. Em *O show do eu*, Paula Sibilia (2016) fala sobre enxurradas de informações, das quais as imagens não ficam de fora. Traz uma problematização que para mim é potente e necessária sobre a volatilidade da imagem na contemporaneidade que influencia nas subjetivações, questão que tanto me interessa e movimenta esta pesquisa.

Assediados pela falta de auto-evidência que afeta esta realidade altamente mediatizada e espetacularizada, os sujeitos contemporâneos sentem a pressão cotidiana da obsolescência de tudo quanto é. Inclusive, e muito especialmente, experimenta-se a fragilidade do próprio *eu*. Após o desvanecimento da noção moderna de identidade, que já não pode mais manter a ilusão de ser fixa e estável, a subjetividade contemporânea ouviu ranger quase todas as pilastras que costumava sustenta-la. Além de ter perdido o amparo de todo um conjunto de instituições tão sólidas como os velhos muros do lar, o *eu* da atualidade já não se sente mais protegido pelo perdurável rastro do passado individual e nem pela âncora de uma intensa vida interior. Para se fortalecer e para constatar a sua existência, portanto,

ele deve tornar-se visível e compartilhar a sua vida nas vitrines do mundo (SIBILIA, 2016, p.286).

Sendo assim, aprendemos elementos importantes à constituição das feminilidades por meio de redes que se entrecruzam possibilitando além da colaboração, disputas, rivalidades e aproximações. Aprende-se principalmente que as imagens são rápidas ao atingirem seu objetivo e que se quiserem manter-se ativas, presentes e incluídas nos círculos que formam suas redes virtuais, necessitam estar atentas e com postagens que sejam interessantes o bastante para alcançarem popularidade. Os conglomerados que são as indústrias de aplicativos e mídias sociais perceberam esta armadilha que é estar on-line durante muito tempo e, com isto, sofisticaram as formas de captura do público de maneira geral, considerando que as pessoas querem pertencimento e pertencimento, na atualidade, passa por ver e ser visto na Internet.

A internet e principalmente as Redes Sociais são partes importantes da vida social das jovens, são experiências sociais que se tornaram um espaço de identificação em que as imagens constituem processos de subjetivação. Tenho observado que as jovens utilizam referências do mundo digital (blogueiras, atrizes, *digitais influencers*⁴⁴) em uma junção com as referências do mundo físico (amigas e família, por exemplo) para construir suas imagens *on line*, que passam inevitavelmente pela produção e divulgação de si, em *selfies* ou autorretratos nas redes sociais. Estas reflexões sobre as imagens me fazem perceber que Susan Sontag (2018) ao dizer que “as fotografias procuram provas. Algo que sabemos de ouvido, mas que duvidamos, parece provado quando nos mostram uma fotografia”. (p. 15). No caso da pesquisa, percebo que as fotografias são extensões do corpo que se fazem presentes, formas de estar próximas sem estar, ou melhor, de estar virtualmente próxima por meio da construção processual do registro imagético. Neste território virtual em que o espaço é algo praticado em colaboração e construído com as interações das jovens, acontecem uma série de apropriações de ferramentas de fortalecimento para fazerem visíveis e participativas nas redes umas das outras.

⁴⁴ Nome dado às pessoas que possuem números significativos de seguidores nas Redes Sociais e que ditam tendências quer seja na moda, maquiagem, comportamento, entre outras.

-Temos os nossos grupos de WhatsApp que mostramos nossas roupas e maquiagens antes de sair, ou até mesmo antes de postar a foto na Internet, porque as amigas do grupo são aquelas que são mais, que são próximas, então a gente vai lá e pergunta. Manda a foto e pergunta. Dependendo do que ela responder aí a gente pode até trocar a roupa, mudar tudo mesmo (Ísis, 25/10/18).

A fala de Ísis me leva a pensar que os grupos de troca de imagens por WhatsApp também formam uma espécie de auto regulação que provocam e impõem maneiras de estar na Rede, na Internet. As diferenças femininas que se apresentam de maneiras plurais e possibilitam as subjetividades mudarem, serem outras, ousar viver de maneira diferente. Tem sido assim com elas e comigo também: vamos mudando, vamos encontrando nossas interlocuções, espaços e territórios para seguir.

Por não ser algo inédito, tomo emprestada uma ilustração de Luci Gutierrez, publicada originalmente entre 1977 e 1978, e reeditada em 2016 no livro intitulado *As mulheres e os homens* para entender o lugar que a imagem ocupou e ocupa minha forma de estar no mundo. É um livro destinado às crianças, mas que contempla temas relevantes para nós, em uma linguagem bastante agradável. Nas palavras dos Editores:

Dizem por aí que as meninas são frágeis, tímidas e medrosas. E que os meninos são sempre fortes, inteligentes e valentes. Falam que existe brinquedo de menino e brinquedo de menina. E até que só as meninas loiras e de olhos claros podem ser lindas princesas. Mas nem sempre foi assim. Essas ideias surgiram há alguns milhares de anos, quando grupos de pessoas começaram a dominar outros, determinando que alguns poucos eram superiores e podiam mandar na maioria (CISNE, 2016, n.p.).

Figura 16 - “As mulheres e os homens”



Fonte: Ilustração de Luci Gutiérrez no livro: *As mulheres e os homens*, Editora Boitatá, 2016, n.p.

Obediente, feminina, carinhosa, bonita: adjetivos vários que escondem formas de dizer sobre ser mulher, sobre se portar, sobre constituir-se... Naomi Wolf (2019) diz que “estávamos sempre prontas para sermos vistas pelo homem que viria nos salvar.” (Wolf, 2019, p. 190). Os gêneros, tanto masculino quanto feminino, se formam em uma relação de aceitação, recusa e tensionamentos. Nesta relação existem traços culturais, sociais, políticos, históricos e geográficos que contribuem para a subjetividade de cada uma, de cada um. Algumas qualidades ou aspectos são valorizados mais em homens do que em mulheres por exemplo. Jane Felipe, em um texto clássico sobre gênero, sexualidade e infância, destaca que:

As representações de homem e mulher deveriam deixar marcas no corpo: no jeito de caminhar, na forma de olhar (ou não olhar), na contenção do próprio corpo. Ser modesta, discreta, eram atributos extremamente valorizados, talvez uma das maiores virtudes nas mulheres e meninas. Desta forma, a educação das mulheres foi arquitetada de forma diferenciada, em função de sua capacidade procriativa, e também pelo fato de serem consideradas inferiores. É interessante notar o quanto o silêncio estava presente como condição necessária à boa educação não só de mulheres, mas também das crianças, não cabendo-lhes, em hipótese alguma, ostentar qualquer visibilidade (FELIPE, 2000, p.120)

Talvez não seja importante para a subjetividade masculina possuir um caráter obediente, delicado, carinhoso, isto colocaria a sua construção da masculinidade sob suspeita e não é isso que a sociedade espera. Como esta constituição ou construção das subjetividades de mulheres jovens está imbricada com a produção e a divulgação de suas imagens em *selfies* nas redes sociais? Assim seguiremos...

3.3 “UM CISCO NO CANTO DO OLHO”: O CAMPO

A pesquisa foi surgindo considerando esta relação próxima com as imagens, os modos de subjetivação e o dispositivo da feminilidade. Ao compartilhar os momentos com as mulheres jovens deste estudo, me vejo às voltas com questões relevantes sobre esta possibilidade do feminino e este imperativo de imagens que nos absorve.

Dispositivos de feminilidade, proporcionado pelas *selfies*, beleza, padrões, sexualidade, relatos de si, autorretratos, rede de colaboração e também de disputa

entre mulheres, relações de saber e poder, são tantos os atravessamentos que os encontros com as jovens têm me permitido...

Entendo este movimento de ver e ser vista como parte deste dispositivo de feminilidade que está presente nas imagens e discursos. Penso nos discursos que são representados pelas imagens, nas narrativas que cada mulher faz de si, alimentando sua mídia pessoal e dela também se retroalimentando. Quando Foucault (1988) nos fala sobre dispositivo, penso ser possível o entendimento destas relações por meio deste conceito. Constituir-se mulher, ou seja, utilizar-se do dispositivo da feminilidade, representa estar em uma via de mão dupla, utilizar-se do dito e não dito para tornar-se o que se quer ser ou principalmente o que não deseja ser de jeito algum. O dispositivo da feminilidade também opera neste sentido, ou seja, movimenta práticas.

Considerando os tempos históricos e os locais geográficos como marcas importantes na constituição dos sujeitos, é possível pensar nos dispositivos de feminilidade como temporais e também localizados. As marcas do que é ser mulher hoje podem variar – e variam – nas diversas esferas da sociedade em que convivemos. Assim, as *selfies* das jovens do Bairro Três Moinhos contém elementos que podem não interessar a uma mulher adulta, por exemplo. Esta característica do dispositivo nos atenta para o fato de que ele responde a uma urgência do presente e esta urgência também pode ser entendida como liberdade para os indivíduos, para o fato de ser quem se é, construir-se e reconstruir-se.

A mulher que sou hoje, subjetivada por essas questões aqui anunciadas, entende que cada uma das vivências que modificaram minha forma de me relacionar com a vida, foi potente para o entendimento desta narrativa que fiz de mim mesma, permeada por elementos da memória. Acredito também que os interesses tenham se intensificado no convívio com os/as jovens da escola em que trabalho como Coordenadora Pedagógica dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Voltei a ter contato com jovens que conheci quando eram crianças de quatro anos e participaram da pesquisa que realizei durante o Mestrado em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2006.

Afastei-me da escola onde estudam e não acompanhei a trajetória escolar delas/es e, muito menos, as suas transformações de crianças em jovens. Quando voltei àquele espaço, foi como se eu tivesse deixado uma lacuna e esta lacuna se preencheu com pessoas muito diferentes. Algumas pessoas se recordaram de mim,

para outras foi necessário me fazer lembrar. Laços foram sendo refeitos. O resultado disso foi que recebi muitos pedidos de amizade nas redes sociais, mais precisamente, no *Facebook* e *Instagram* em sua maioria das meninas que estudavam lá.

Embora saibamos do que se trata, pelo uso e recorrência desses aplicativos de relacionamentos por vias virtuais, considero importante trazer definições que na trajetória de pesquisa foi possível elaborar. Assim, tenho tomado como definição neste trabalho, o *Facebook* como forma de espelho ilustrado e comentado da vida, em que cada um pode inventar-se e reinventar-se por imagens, palavras e, também, vincular-se a causas e pessoas que lhe sejam caras e também antagonistas. Entendo também, como uma forma de diário da vida, na medida em que está presente com fatos e publicações especialmente atuais. Em relação ao *Instagram*, tenho pensado em um mural organizado de si, com momentos, fotos e registros esteticamente mais elaborados. No caso específico desta pesquisa, as mulheres jovens com as quais interajo têm afirmado que o *Instagram* para elas não é algo muito relevante. Letícia comentou sobre as Redes Sociais que mais usa, no encontro do dia 19/06/18. Nas palavras dela:

- Sabe, o *Facebook* pra mim é uma coisa assim mais para postar fotos, conversar com quem eu gosto e ficar vendo outras coisas. Gosto bastante do *YouTube* também pra ouvir música e ver alguns vídeos legais. Não vou falar do *Instagram* porque é uma coisa que quase não uso (Letícia, 19/06/18).

O *Instagram*, extremamente popular entre as blogueiras de moda, artistas e muitas pessoas cansadas da “popularização” do *Facebook* parece não ter cativado a preferência das jovens deste estudo. Neste aspecto ousou dizer que há um recorte de classe presente nestas escolhas, uma vez que rede *Instagram* parece ser algo mais utilizado por pessoas de classes médias, com suas fotos de viagem, restaurante e comidas. A urgência em postar sobre si, sobre o que se come, o que se faz, levou à esta brincadeira em relação às obras do pintor Paul Cézanne. Há uma charge bastante interessante que circulou no *Instagram* em 2017 e que fazia referência às muitas postagens sobre comida que eram feitas nesta Rede.

Figura 17



Fonte: “Cézanne, o tataravô do *Instagram*”. Disponível em <https://www.pinterest.co.kr/pin/247768416978527134/> e acessada em 15/10/17.

O *Facebook* ganhou bastante visibilidade com o fim do *Orkut*⁴⁵, em 30/09/2014, e, durante um tempo, ouvi entre meus próprios amigos, comentários de que estavam se desinteressando desta Rede Social, pois o *Facebook* havia se tornado um *Orkut*, ou seja, havia se tornado uma rede muito popular. Sobre o recorte de classe que vejo na escolha por uma ou outra Rede Social, consigo entender que o *feed* de notícias do *Facebook* pode ser construído com fotos, notícias, testes, compartilhamento de informações ou páginas de grupos que se criaram naquele ambiente. Embora o *Instagram* também permita algumas destas ferramentas, o seu *layout* prima por publicações pessoais, autorais.

Por sugestão das jovens e por entender que este seria um dado relevante, comecei a visitar canais no *YouTube*, perfis no *Facebook* e *Instagram* para dialogar com as jovens sobre algo que eu também sabia do que estavam falando. Assim,

⁴⁵ **orkut** foi uma rede social filiada ao site de busca Google, criada em janeiro de 2004 e desativada em setembro de 2014.

nossa interação não ficaria somente com perguntas minhas sobre aquilo que estavam dizendo que viram na Internet. Esta parte metodológica, que não chega a ser uma netnografia, mas nela se inspira, me mostrou um mundo completamente desconhecido para mim. Vi perfis e canais indicados pelas jovens como os de maquiagem e de atrizes e *youtubers* que eram de sua preferência. Fui além, buscando canais que são assistidos por mulheres um pouco mais velhas, com um poder aquisitivo maior e canais de resistência LGBTQI+, de periferia e também de mulheres muito ricas, com canais de compras de artigos de luxo. São muitas pessoas produzindo conteúdo e muitas pessoas consumindo estes conteúdos na Internet.

O projeto que deu origem a esta escrita surgiu por meio de observação das interações virtuais das/dos jovens que passei a conviver nas páginas pessoais, interessando-me o porquê das escolhas por determinados *posts*, mais precisamente, as imagens de *selfies* que eram insistentemente divulgadas. O objeto desta investigação é, portanto, em grande parte, a divulgação das imagens em *selfies* e as conversas que tivemos e que me possibilitaram entender os efeitos deste dispositivo na construção das subjetividades. É uma ação minha, como investigadora, nas reflexões que faço, nos textos que leio e escrevo, mas sobretudo é uma ação com elas, que me ajudam a por em movimento as questões que fazem este estudo existir. Como pesquisadora, me pareceu impensável deixar escapar a possibilidade de dialogar não só com aquelas/es jovens, mas de compreender como elas/es constituem suas identidades nessa vida entrelaçada entre o real e o virtual.

Grande parte das educadoras da geração na qual fui formada na graduação, nos meados dos anos de 1990, foi se constituindo profissionalmente sem a ferramenta dos celulares como recurso pedagógico. E a geração com a qual atuamos, ao contrário disto, tem nos celulares, parte integrante da vida, da sua forma de estar no mundo. Trazendo esta afirmação para meu estudo, posso afirmar que a totalidade das alunas que receberam o convite para estarem comigo na pesquisa, possuem ou possuíram em algum momento celular que envia mensagem, navega nas redes sociais e tira foto. Timidamente nos aventuramos no convívio de alunas/os com seus celulares, entretanto, o celular ainda não integra a lista de materiais escolares desejáveis e tampouco aceitável nas escolas municipais⁴⁶.

⁴⁶ Há uma lei municipal que proíbe o uso de celulares no interior das escolas municipais; tal lei foi proposta pela Vereadora Ana Rossignolli – Ana do Padre Frederico – e aprovada pela Câmara

As jovens com as quais desenvolvo esta pesquisa nasceram em um mundo conectado, com vivências *on line* muito parecidas com as ditas vivências presenciais, ou *off line*. As formas de estar no mundo que cada uma delas foi experimentando não exclui nenhuma vivência virtual como conversas por aplicativos, compartilhamento de imagens, músicas e informações, de maneira que para elas é difícil pensar o mundo sem tais recursos. Para mim também parece difícil excluir as plataformas digitais da vida, seria um desafio viver sem as possibilidades que o aparato tecnológico me fornece. Nisso também eu e elas nos encontramos!

Parece-me pertinente dizer que as mudanças que ocorreram na sociedade e na cultura pelos usos das novas tecnologias afetam os processos cognitivos das pessoas, suas formas de se relacionar, de entenderem-se como sujeitos... As palavras de Andrea Cecília Ramal (2002) nos dizem sobre isto:

Queiramos ou não, neste momento complexo e contraditório, momento de rupturas e renegociações de sentidos, de queda de fronteiras e de acirramento de desigualdades, gesta-se e é gestada uma humanidade diferente, que se comunica de uma forma nova, que faz coisas diversas nos espaços e tempos que lhe cabem, que vê o mundo a partir de novos dispositivos. É também tarefa dos pensadores da educação e dos pesquisadores deste momento ajuda-la a compreender-se e a tornar-se melhor (RAMAL, A. C., 2002, p. 34).

Sinto-me tocada quando Ana Cecília Ramal diz na nossa urgência em entender o mundo, como educadoras/es e pesquisadoras/as que somos, principalmente no que refere-se ao acirramento das desigualdades e formas de viver. Provocada por esta citação, recorro-me a uma passagem de um dos encontros com as jovens e trago um recorte de uma de nossas conversas. Falando sobre as mudanças na maneira de nos comunicarmos e nas formas das imagens antes das câmeras digitais ou celulares, vivi uma situação interessante com Ana, de 18 anos em que ela me disse:

- Sei que antes da internet existia carta para as pessoas mandarem mensagem, depois teve também o SMS, não, não... o nome era MSN, que era como as pessoas conversavam no computador antes do celular (Ana, 31/10/17).

Ana entende que o mundo passou por mudanças rápidas e muitas dessas mudanças aconteceram ao longo da vida dela, com pessoas que lhes eram próximas. Ela refere-se a um passado recente, início dos anos 2000, em que o MSN⁴⁷ cumpria a função de mensagens instantâneas pelo computador e, também, ao que para ela é mais distante: as cartas como forma de enviar notícias ou mensagens, prática que não chegou a vivenciar. As palavras de Ana me ajudam a pensar que vivemos espaços-tempos virtuais na nossa cotidianidade, porém isso nem sempre foi assim. Vejamos o que nos diz Pierre Levy (1996) acerca desta temática dos espaços-tempos virtuais:

O virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 1996, p. 16).

A vida nas Redes Sociais pede rapidez, fluidez e atualizações constantes, tudo passa muito rápido, sobretudo as imagens. Willian J. Mitchel (2017) disse que passamos por um “giro pictorial na cultura contemporânea, a noção amplamente divulgada de que as imagens visuais haviam substituído as palavras como modo de expressão dominante em nosso tempo.” (MICHELL, 2017, p.27). Estamos constantemente expostos às imagens e autores como Fernando Hernández (2007), Raimundo Martins (2010) e o próprio W.J. Mitchel (2017) anunciaram que nossa vida acontece em meio a uma sociedade imagética. Hernández (2007) aponta que “fala-se, utilizando uma metáfora bélica, que vivemos em um mundo onde as imagens nos bombardeiam” (HERNÁNDEZ, 2007, p.29). Quando Hernández diz que “as imagens nos bombardeiam” entendo que se refere à onipresença de imagens no nosso cotidiano: estamos cercados, às vezes, visualmente cansados. Entretanto, não podemos negar que com as imagens, principalmente com a popularização da fotografia, alteramos nossa forma de ver a vida, sobretudo a maneira como registramos a vida. Raimundo Martins (2010) indica que



47

MSN Messenger foi um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet e esteve ativo até 06 de novembro de 2012.

Podemos dizer que as imagens romperam paradigmas e ampliaram espaço para a criação de novas estéticas, maneiras peculiares para os indivíduos expressarem ou se reconhecerem em narrativas visuais sobre a vida, o cotidiano, a memória e a subjetividade (MARTINS, 2010, p.20).

Este rompimento de paradigmas a que se refere Martins (2010) me conduz ao entendimento de que as imagens, ilustrações e as fotografias mostram hoje um mundo menos ordenado, com menos poses rígidas e economia de expressões para não perder a foto. Vemos um mundo caótico, vemos o cotidiano, as miudezas da vida, a natureza e as festas de família, vemos corpos em exaustão: vemos, vemos, vemos! Nesta contemporaneidade visual que vivemos, um formato de imagem me despertou o interesse e que diz respeito à produção de imagens de si, as *selfies*. Com a popularização do acesso aos bens de consumo, hoje, é perfeitamente possível afirmar que quase a maioria das/os jovens possuem celulares com dispositivos que permitem fotografar, filmar e publicar suas produções na Internet. Fabiano Gontijo (2002) fala sobre a popularização dos meios eletrônicos e de comunicação e uma conseqüente alteração em nossas formas de lidarmos com as imagens:

Compartilhamos e participamos de, *ao mesmo tempo e sucessivamente*, de uma série de “mundos” e uma diversidade de imagens, de acordo com a nossa posição no “mundo” e com nossa ontologia cultural. As imagens identitárias podem funcionar, enfim, como redes de relações significantes, relações que, em situações ritualizadas, criam o *mesmo* e o *outro*, criam a comunidade de interesse e o grupo, designando o outro e sendo designadas pelo outro. Essas redes podem ser objetivadas por meio de símbolos e elementos que compõem a aparência corporal (GONTIJO, 2002, p.43, grifos do autor).

As antigas sessões de *slides*, álbuns de viagem, VHS de casamento, batizado, quinze anos, foram substituídas pelas *timelines* das Redes Sociais. Fabiano Gontijo diz que participamos de uma série de mundos ao mesmo tempo, ou seja, podemos escolher as imagens com as quais queremos interagir. Contudo, as grandes corporações que dominam os segmentos de mídias sociais na Internet, de certa forma nos “empurram” para um ou outro tipo de publicação, tendo como referência nossas próprias “pegadas”, nossos próprios passos virtuais, que vão delineando um perfil de usuário para cada um de nós. Nada é muito simples!

Assim que comecei a ter contato com as *selfies* das/os jovens, logo percebi que sabiam se movimentar neste universo *on line* que conheciam e eram (e são)

capazes de utilizar as ferramentas e recursos que levavam à uma constante atualização e interação, por meio das publicações que fazem e são visualizadas. As mídias sociais representam, portanto, visibilidade⁴⁸ (FISCHER, 2002).

[...] ela e suas práticas de produção e circulação de produtos culturais constituíram uma espécie de reduplicação das visibilidades de nosso tempo. Da mesma forma, poderíamos dizer que a mídia se faz um espaço de reduplicação dos discursos, dos enunciados de uma época. Mais do que inventar ou produzir um discurso, a mídia o reduplicaria, porém, sempre a seu modo, na sua linguagem, na sua forma de tratar aquilo que “deve” ser visto ou ouvido (FISCHER, 2002, p. 89).

Aprendemos a corresponder ao que esperam para o nosso gênero e, essa performatividade tem garantido um mundo que se apoia em bases binárias muito fortes. Judith Butler (2018) explica que

o que somos obrigados a fazer a princípio é representar o gênero que nos foi atribuído, e isso envolve, em nível inconsciente, ser formado por um conjunto de fantasias alheias que são transmitidas por meio de interpelações de vários tipos. (BUTLER, 2018, p. 56).

Aliado a isso, há também uma espécie de aprendizagem dentro do próprio gênero que indica o que cabe, o que é adequado e aceitável para uma mulher. A provocação de Luciana Loponte (2008) veio ao encontro dessas inquietações, ela me motiva a pensar que o investimento na constituição da mulher é algo incisivo e muito potente.

Imagens do feminino invadem nosso cotidiano diariamente, já sabemos. O mundo visual em que vivemos nos captura, homens e mulheres, através de imagens femininas em páginas de internet [...], em capas de revista, propagandas diversas [...]. Imagens de mulheres estão em alta? Seriam frutos de conquistas feministas do último século? Será mesmo? A resposta seria tão simples assim? De que feminino afinal estamos falando? O que aprendemos com estas e outras imagens visuais do feminino? (LOPONTE, 2008, p.13).

Incorporada à intencionalidade, passei também a considerar as imagens como escolhas políticas. Nas muitas vezes que foram somando-se à questão da pesquisa, cada vez mais a afirmativa de que a realidade vai sendo construída por meio dos discursos ganhou mais força e sentido para mim, principalmente no

⁴⁸ Jorge Larrosa (1994) fundamenta em Michel Foucault (1980) a definição de visibilidade como “qualquer forma de sensibilidade, qualquer dispositivo de percepção. O ouvido e o tato na medicina, o exame na pedagogia, a observação sistemática e sistematizada em qualquer aparato disciplinar [...]

contato com as pesquisas e estudos na perspectiva pós-estruturalista. Se somos seres discursivos, cada momento da pesquisa pode ser entendido como uma construção também discursiva.

Estas foram minhas escolhas iniciais, muito motivadas pela minha própria vivência, de reencontro ao que considero como valores importantes para a mulher que vem me constituindo até aqui: força, coragem, resistência e afetividade. Não estou afirmando que tais valores são essenciais ao feminino e à todas as mulheres, para muito além de uma naturalização do que é ser mulher, existe em mim, uma mulher que se subjetiva e dessubjetiva a todo momento, considerando experiências em que força, coragem, resistência e afetividade fizeram sentido. As motivações para que este estudo acontecesse e se materializasse em um texto vem da minha vivência de mulher e as inquietações que as imagens em mim despertavam. Fui uma jovem que se encaixava nos padrões de um corpo aceitável e desejável pela sociedade e, com o passar dos anos, tornei-me uma mulher adulta que se viu trinta quilos mais gorda. A chegada dos muitos quilos fez de mim uma mulher gorda e essa denominação demorou a fazer parte do meu vocabulário, dos meus pensamentos, da minha identificação. Ser gorda como imagem de mim foi um processo demorado e ainda inconcluso de ser o que sou.

Olhar para mim mesma e minhas próprias rotas de fuga para a tentativa de enquadramento a um padrão no qual não pertencia mais também foi uma insistente perturbação. Inicialmente pensei no corpo gordo – no meu corpo gordo - corpo este profundamente marcado por estigmas que o ligam ao preconceito e ao isolamento. Agora, minha imagem de mulher gorda me possibilitou problematizar a construção dos corpos em nossa sociedade que se apresenta machista, androcêntrica e paradoxalmente indiferente e acusatória ao que foge ao padrão imposto, à vigilância dos corpos. Quantas *selfies* de corpo inteiro eu divulguei nos últimos tempos? Esta tem sido uma pergunta recorrente, cuja resposta também move esta investigação. Penso em mim por meio das problematizações que as jovens me trouxeram. As fotos selecionadas por elas, antes de virem a público, passam pelo crivo e aprovação das amigas mais próximas. As jovens possuem grupos paralelos de *WhatsApp* em que trocam fotos, antes destas fotos virem a público. Victória e Raphaela falaram sobre isso no nosso Grupo Focal do dia 28/09/17:

- *Eu tiro um monte de fotos e mando para as meninas que são mais minhas amigas, aí elas vão falando qual o 'look' está melhor e mais bonito. Às vezes eu faço isso quando vou sair, às vezes só para colocar na Internet mesmo* (Raphaela, 28/09/17)

- *Eu tenho uma amiga que é virtual, a gente nunca se encontrou, ela mora em Fortaleza, mas a gente conversa e eu mando fotos pra ela. A gente combina no que achou bonito* (Victória, 28/09/17).

Ana, em nosso encontro de 19/06/18, afirmou que:

- *Antes de tudo eu gosto de saber o que as pessoas acham sobre as minhas fotos e também as outras coisas que eu posto. Isso é importante para mim, gosto quando curtem, comentam que estou "linda"* (Ana, 19/06/18).

Foucault (2014) em *A hermenêutica do sujeito* disse que “a vida com todo seu sistema de provas e de infortúnios, a vida por inteiro, é uma educação” (FOUCAULT, 2014, p. 395) e não são educativas, na perspectiva de aprender algo sobre si, estas conversas que as jovens têm? Elas estão educando-se nas provas e sistema de controle a que se submetem para ter a imagem que consideram ideal de si mesmas, para ser compartilhada com seus pares. Ao relatarem isso para mim, tive claro que era um dado de pesquisa importante. Me chamou a atenção os critérios que adotam na seleção que fazem das fotos que postam. Assim, entendi que há um exercício de poder que umas exercem sobre as outras, que é intercambiante, pois em cada momento a foto de alguém está sendo “avaliada” e isso me levou a entender que existem domínios de uma feminilidade que se constrói em coletividade, via discursos de *WhatsApp* .

Foi um exercício interessante olhar e conviver com as mulheres jovens da minha escola sem automaticamente ligá-las ao movimento da pesquisa. Elas são muito mais que isso... mais que participantes ativas de um processo que leva a problematizações sobre um tema. Elas são um corpo concreto, com suas histórias, desejos e discursos. As conversas que tivemos e ainda temos têm mostrado isso, têm nos aproximado de suas falas tão cheias de significado sobre o que é ser mulher, jovem, moradora da periferia...

Michel Foucault (2009) nos mostra que os sujeitos são produzidos por uma sociedade disciplinar. Em *História da Sexualidade I* ele vai pensar como essa sociedade foi se constituindo para depois entender como os sujeitos foram incorporando essa disciplina para só depois chegar ao que conhecemos como controle. Continuando com Foucault em a *História da Sexualidade I*, me deparo com

o que ele diz sobre a “extensão dos domínios de controle”, o que me deixou bastante atenta para a importância da eficácia do discurso na escolha das imagens *selfies* divulgadas:

[...] o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto refluí em direção ao poder que o cerca (FOUCAULT, 2009, p. 52).

Um dos procedimentos metodológicos desta pesquisa são os encontros, que aconteceram por meio dos Grupos Focais. Por meio deles, conversamos sobre as temáticas que permeiam as páginas pessoais das jovens na internet. Escolho dizer que nestes momentos em que estivemos juntas, pude ouvir delas sobre as maneiras como “administram” e constroem seus perfis on-line. Elegi os encontros porque por meio deles tem sido possível problematizar práticas discursivas, sociais e culturais que estão presentes em nossas formas de viver a vida. Unido às estas questões, também busquei nas inspirações de Michel Foucault, caminhos que subvertem modelos tradicionais de construção do saber. Respeito os encontros e o que eles têm me proporcionado, ou seja, tem provocado deslocamentos em minha forma de pensar e conduzir as questões que me movem dentro desta investigação.

Aos poucos os encontros foram revelando-me relações de amizade entre elas, entretanto, com elementos outros que me levaram a pensar nas relações de poder e saber e, conseqüentemente, modos de subjetivação, a que Foucault se dedicou em seus estudos.

Uma relação de poder [...] se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que o “outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Este exercício do poder a que Foucault se refere eu consigo observar nas relações que as jovens estabelecem entre si, alternando formas de estar mais ou menos dominando ou sendo dominadas em seus próprios processos de amizade. Em 19/06/18, realizamos um encontro e falávamos da importância que a opinião das outras pessoas representa para as publicações das jovens nas Redes Sociais. Letícia disse o seguinte:

- Às vezes eu acho que a selfie ficou perfeita, ficou bonita, aí eu vou perguntar para as minhas amigas se 'tá boa mesmo, se elas falarem que está boa, eu vejo que a foto está mesmo perfeita (Letícia, 19/06/18).

Nas negociações que existem entre as formas que atuam, entre as forças que estão em jogo nestas negociações e produzem efeitos diversos como raiva, admiração, disputa, compreensão e jogo de forças. Importante ressaltar que dispositivo da feminilidade, a que me refiro neste trabalho, é um componente disciplinar que, aliado ao controle existente na censura da imagem, se impõe por meio de adjetivos como bela ou feia, gorda, magra ou sarada. É um discurso e também uma prática. Quando falo de dispositivo de feminilidade, entendo que ele está presente regulando, controlando, ensinando as jovens como serem mulheres. Especificamente em relação às Redes Sociais, este dispositivo atua sendo regulado pela quantidade de *likes*, comentários e compartilhamentos que as imagens delas conseguem disparar. As formas mais ou menos populares que as imagens ganham, apontam para as formas como as futuras publicações serão. Sobre a presença das outras pessoas como resposta às postagens e a importância dada a isto, Victória, no nosso encontro de junho de 2018, disse:

- Eu acho importante a opinião das outras pessoas sobre as minhas fotos porque às vezes elas veem coisas que talvez eu não veja (Victória, 19/06/18).

Entre tantas outras formas de nos definirmos e sermos definidas, as marcas do poder e do saber de si e também do outro traçam contornos comportamentais, escolhas estéticas, gestuais e corporais. Importante destacar Donna Haraway em suas produções, principalmente em 1984 com seu *Manifesto Ciborgue*, para compreensão desta relação do corpo, subjetividade e máquina. Para ela:

As tecnologias das comunicações e as biotecnologias são as ferramentas decisivas para dar novas utilidades a nossos corpos. Estas ferramentas encarnam e colocam em vigor novas relações sociais para as mulheres através do mundo (HARAWAY, 1984, p. 13).

São hormônios, cirurgias, modificações corporais, celulares potentes e filtros para editar imagens, são comprimidos, cremes e implantes para o corpo, assim tem sido nossa vida dentro e fora da internet. Destaco também os escritos de Shirlei

Rezende Sales (2014, 2018), os quais apontam para uma internet que se mostra por sua face disciplinadora que entranha em nossas relações contemporâneas, em nossas fotos, rostos, corpos e uma juventude que contesta e transgride normas. “Elas/es contestavam várias normas, especialmente as que regulam gênero e sexualidade” (SALES, 2018, p. 113). Outro autor que também se dedica a esta discussão, Marco Antônio Sousa Alves (2017) denomina de ciberpoder:

Entendo que as novas tecnologias da informação retomam e modificam os dispositivos disciplinares e biopolíticos, dando forma a uma *nova tecnologia de poder* que chamarei de *ciberpoder*, entendido como uma nova estratégia geral de funcionamento do poder que se vale dos novos meios tecnológicos para ser exercido. (ALVES, 2017, p. 174).

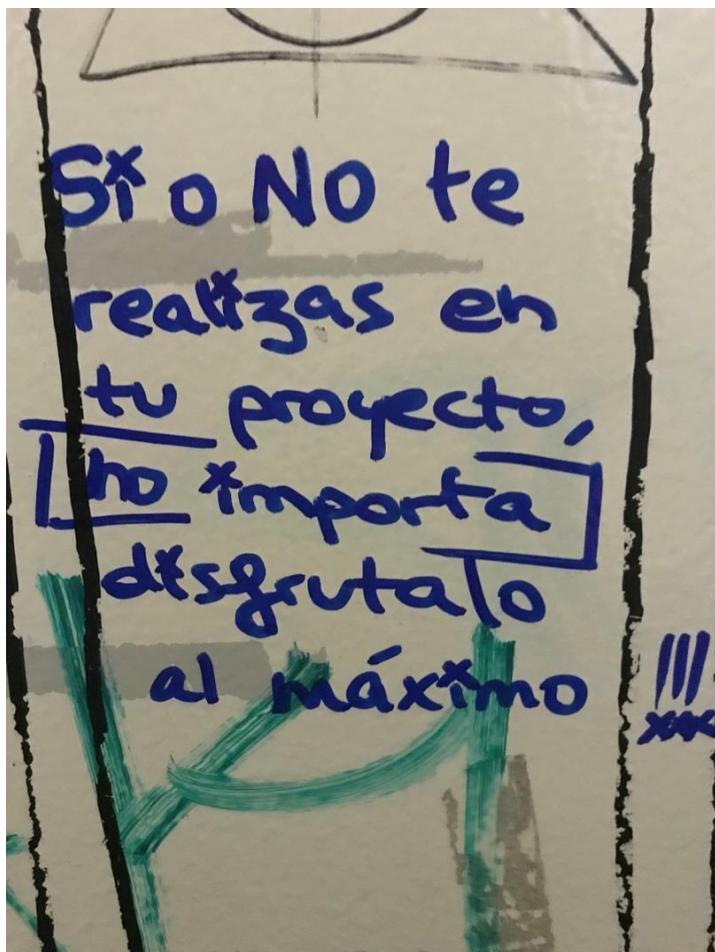
As definições que as jovens produziram me dizem sobre um discurso potente para esta pesquisa sobre *selfies* e subjetividades em que as tecnologias de poder e de controle atuam. VCada uma das jovens, a seu modo, me indicou caminhos para a construção deste estudo e por eles tenho seguido. Neste percurso, alguns atravessamentos viabilizaram a construção deste trabalho, que me revisita e me coloca frente à minha relação com a imagem de mulher que em muitos momentos de forma contingente foi construída e que, hoje, aos poucos sigo rompendo e refazendo. A pesquisa foi além e meu percurso foi ampliado, por meio do Doutorado Sanduíche na Universidade de Barcelona. Esta experiência me proporcionou conhecer e problematizar formas outras de conhecimento com a cultura visual, através de aulas na Faculdade de Belas Artes em turmas com alunas e alunos de muitas áreas de formação.

Além disso, o convívio com as colegas de toda parte do mundo, com suas pesquisas e experiências, bem como a presença e atuação do Professor Fernando Hernández e seus convidados colocaram-me próxima à discussões que ressaltaram o desejo em olhar para o mundo por meio de imagens e narrativas visuais. Outro aspecto importante nesta incursão por Barcelona foi poder participar de palestras, visitas guiadas a espaços culturais, publicações, livrarias e grupos feministas que discutem e problematizam as questões ligadas ao feminino ditas por muitas vozes diferentes. A Cultura Visual também se mostrou como um campo de estudos fundamental neste percurso Esta vivência resultou em dois capítulos para esta escrita denominados: **Cultura visual, feminilidades e imagens e Dispositivo de feminilidade, juventudes e imagens de si: mulheres em constituição.**

Passaremos para o próximo capítulo, que privilegia as discussões acerca da Cultura visual, imagens e feminilidades.

4 CULTURA VISUAL, FEMINILIDADES E IMAGENS

Figura 18 - Porta do banheiro feminino



Fonte: Foto da porta interna do banheiro feminino do Edifício Florença, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona, tirada por mim, no dia 8 de novembro de 2018.

A porta do banheiro feminino da Universidade de Barcelona, em meus primeiros dias de aula, anunciou uma grande provocação: desenvolver o projeto que me propus, me desafiando e disfrutando de um resultado que me satisfizesse. Este escrito na porta do banheiro feminino abre possibilidades de pensamento que nos captura e nos faz refletir: por não ser em qualquer banheiro e sim um banheiro feminino, o recado é explícito para as mulheres. Destinatárias preferenciais de muitas formas de enquadramento em seus comportamentos e vidas, o recado do banheiro feminino faz um convite à vida, ao prazer, à trajetória, ao processo. Assim essa imagem me capturou! Para entender esta forma de captura a que me refiro, recorro à Judith Butler (2018), quando ela afirma que “se a imagem, por sua vez, estrutura a maneira pela qual registramos a realidade, então ela está associada à

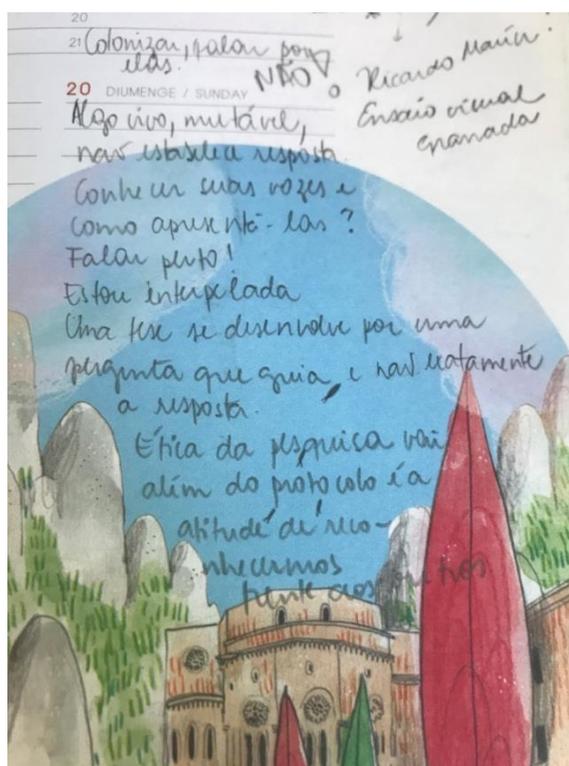
cena interpretativa na qual operamos” (p.110). A cena interpretativa em que operava, naquele momento, era bastante específica. Estava eu, iniciando um período de estudos no exterior, cheia de expectativas, desejos e vontades de que aquele período fosse fértil em sonhos, aprendizagens e realizações.

Escrevi este capítulo da tese durante o período de Doutorado Sanduíche na Faculdade de Belas Artes, UB e, assim, encontro-me subjetivada por questões ligadas à Cultura Visual, cultura de massa, cultura digital, imagem de mulheres, feminismos e o quanto de educação que está presente nestas relações. Sozinha fisicamente em Barcelona, mas atravessada pela companhia virtual, afetiva e curiosa acerca das vidas de Victória, Ayana, Cecília, Letícia, Ísis, Kaylayne e Ana, segui, ou melhor, seguimos.

Este capítulo pretende além de fazer as discussões ligadas à Cultura Visual, feminilidades e educação, apresentar imagens que dialogam com o texto e também com minhas vivências com este campo de estudo e que me subjetivaram no período de escrita deste trabalho e que despertaram curiosidades para com as imagens das mulheres jovens da pesquisa. Pretende desafiar-me para além das palavras e trazer em imagens discursos visuais potentes para a discussão da construção do dispositivo de feminilidade em mulheres jovens, latinas e periféricas de Juiz de Fora, MG. As imagens como discursos visuais, também me fazem pensar as relações entre dispositivos de feminilidades e Cultura Visual e são detonadoras das problematizações que permitiram a escrita desta seção.

Escolhi fazer referência às imagens logo abaixo de sua apresentação, pois acredito que desta forma a leitura do texto torna-se mais fluida, evitando a busca por parte da leitora ou do leitor no final do trabalho para conhecer sobre onde cada imagem foi retirada, produzida, reproduzida ou fotografada. Mais que uma legenda, as referências que escolhi trazer para perto da imagem são as informações imediatas de cada imagem ou grupo de imagens.

Figura 19 - Página da agenda



Fonte: Minha agenda, com anotações sobre a tese. Janeiro de 2019.

Este capítulo foi escrito em Barcelona, mas visto e revisto no Brasil após o segundo exame de qualificação, após conversa com as jovens sobre os caminhos da pesquisa e, também, após idas e vindas com meu orientador no processo de construção conjunta da tese. Neste intervalo, houve uma entrevista com Sebastião Salgado, reconhecido fotógrafo brasileiro, no programa do jornalista Pedro Bial, na Rede Globo de Televisão⁴⁹, que me instigou fortemente.

O fotógrafo fez em sua fala uma diferenciação entre foto e imagem, dizendo que a foto corre o risco de desaparecer, na medida em que pouco nos ocupamos em mantê-la como parte da nossa história e recordação de nossas vidas. Às fotos que constantemente estão no rodeando, Salgado dá o nome de imagem e afirma não conseguir encontrar um valor de memória neste tipo de registro. Dialoguei mentalmente com as questões apresentadas por Salgado e retomei a escrita deste texto em que a foto da minha agenda aparece impressa. Na foto, está uma produção da realidade e uma percepção de um tempo e, ao ler *Quadros de Guerra* de Judith

⁴⁹ O Programa “Conversa com Bial” é exibido nas madrugadas de segunda à sexta-feira. Vi a referida entrevista com Sebastião Salgado na reprise que acontece aos domingos, no Canal Globonews, no dia 27/10/19. Entrevista disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8029698/>

Bultler (2018), me deparei com questões importantes suscitadas pela autora acerca da fotografia: “Todo retrato fotográfico, porém, se expressa em pelo menos dois modos temporais, sendo tanto uma crônica do que foi como a certeza antecipatória sobre o que terá sido”. (Sontag, 2018, p.144). Com esta e com tantas outras imagens, há o desejo de perpetuar um momento e, este movimento, Butler define como “passado absoluto”, ou seja, qualifica um ser vivo, confirma uma vida, dá importância a uma existência, “instituinto certo modo de reconhecimento”. (p.145). Sebastião Salgado diferencia foto de imagem e dá o nome de foto às imagens que nos auxiliam a conhecer a nós mesmos, nossas vidas, nossas memórias, afetos e o que nos subjetiva.

As imagens têm poder ou são completamente vazias, dependendo das intencionalidades. W. J. T. Mitchell (2017) utiliza-se de um exemplo interessante para entendermos esta relação de poder presente nas imagens: a Ovelha Dolly. Observando somente a foto da ovelha, sem a legenda, esta imagem poderia ser considerada banal:

Figura 20 - Ovelha Dolly



Fonte: Ovelha Dolly em imagem veiculada na internet, setembro de 2018. Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/animais/>.

Contudo, ao olharmos a foto com a legenda, a imagem ganha outro sentido e outro valor, produzem outros sentidos. Judith Butler (2018) discute os sentidos da imagem no capítulo *Tortura e ética da fotografia: pensando com Sontag*, no livro *Quadros de Guerra – quando a vida é passível de luto?* e dialoga com as proposições de Susan Sontag em seus dois livros: *Sobre a fotografia* (1977) e *Diante da dor dos outros* (2003), em que a autora transita pelas ideias da necessidade ou não de legendas nas imagens, afirmando que algumas fotos são apresentadas de maneira seletiva e dizem de uma realidade parcial, necessitando, portanto, de interpretação. Butler apresenta o argumento de que a foto ao ser enquadrada já foi determinada interpretativamente, ou seja, já atende a um propósito. Penso que ao apresentar uma foto, uma imagem, estamos nos olhando e nos apresentando às outras, aos outros, estamos contando sobre nós mesmos. As jovens, ao apresentarem-se por meio de *selfies* estão realizando a ação de fotografarem-se e contando histórias sobre si mesmas, construindo narrativas de suas vidas que fazem sentido pela interação que as mídias sociais incentivam.

Voltando à foto da Ovelha Dolly, retomo ao que foi problematizado por Butler, de que a imagem é a prova de que o fato aconteceu. Para referendar a existência do fato, apresentei a imagem e busquei também uma definição simples, veiculada em uma revista comercial de divulgação científica – Revista Galileu - para a sociedade em geral, para mostrar a mudança no entendimento da imagem da Ovelha Dolly que ficou mundialmente conhecida por ser o primeiro clone:

Dolly foi o **primeiro mamífero clonado** a partir de uma **célula somática adulta**. Ou seja, ela é uma cópia perfeita e felpuda de outra ovelha. **Três mães** contribuíram com seu nascimento. Uma forneceu o **ovócito**, a outra, os **chromossomos** que foram inseridos no núcleo desse ovócito. A terceira foi a responsável pela **gestação**. O ovócito é um **óvulo imaturo**, em um **estágio prévio de desenvolvimento** (Revista Galileu, 2016, p.15, grifos do autor).

A Revista Galileu apresentou ao público explicações sobre a clonagem de Dolly que pode ter suprido a curiosidade de muitos leitores. A revista impressa trazendo imagens e também um texto informativo sobre a Ovelha Dolly revela uma materialidade importante para reconhecer o poder da imagem. O texto de W. J. T. Mitchell (2017) defende, com este exemplo da Ovelha Dolly, é que as imagens podem “desejar” ter vida ou poder, entretanto isso não acontece sem reconhecimento. Nas palavras do autor:

Necessitamos ter em conta não só o significado das imagens, mas também seu silêncio, sua reticência, seu estado selvagem e sua obstinação sem sentido. Necessitamos explicar não só o poder das imagens, mas também sua ausência de poder, sua impotência, sua abjeção (MITCHELL, 2017, p.32-3)⁵⁰.

Este exemplo me parece interessante para o trabalho com as *selfies* considerando que as respostas obtidas nas publicações *on line* das jovens conferem importância, poder e reconhecimento em suas esferas de relações. Isto é possível de ser observado no diálogo abaixo:

- *Eu acho que com a luz ideal e a pose perfeita a gente consegue uma boa selfie* (Cecília, 25/10/18).
- *Aham! E quando é uma foto assim boa, muita gente comenta da foto e aí a gente fica sabendo que ficou boa mesmo* (Letícia, 25/10/18).
- *É bom quando sua foto tem comentários assim bons, falando que você tá bonita e etc...* (Cecília, 25/10/18).

Filipe Gabriel Ribeiro França (2019) em sua tese de doutorado intitulada “*Para fazer pensar e entreter*”: *educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades na Revista Júnior (2007-2015)*, faz uma discussão pertinente acerca do que é belo e feio. Nas palavras do autor:

[...] o belo e sua beleza acabam sendo tomados como algo que agrada ou que é bom, construindo desejos. Tal fato abre espaço para que seja estabelecida uma relação com o feio e com a feiura, pois ao apontar o que é belo eu acabo classificando o que é feio. Assim podemos dizer a beleza produz a feiura e vice versa (FRANÇA, 2019, p. 96).

Por meio da leitura do trabalho de Filipe me foi possível situar as formas relacionais de compreender a beleza e a feiura, bem como os padrões que são valorizados e incentivados pela mídia e que rapidamente são aprendidos e reproduzidos pelas pessoas.

Cecília e Letícia me dizem que ter uma boa foto publicada pode trazer comentários positivos que são muito bem vindos para elas. Este movimento de perceber a opinião das outras, dos outros sobre as fotos, as leva a entender os mecanismos que atuam na produção e divulgação desta foto para que os

⁵⁰ Tradução do espanhol, feita por mim. Originalmente o trecho diz: “Necesitamos tener en cuenta no sólo el significado de las imágenes, sino también su silencio, su reticencia, su estado salvaje y su obstinación sin sentido. Necesitamos explicar no sólo el poder de las imágenes sino también su ausencia de poder, su impotencia, su abyección.”

comentários correspondam ao que elas esperam. Isto significa que virtualmente há um código que elas dominam e utilizam para que suas presenças *on line* não sejam em vão. Paula Sibilia (2016), em seu livro *O show do Eu – A intimidade como espetáculo* destaca que os movimentos que nos levam a estarmos tão presentes virtualmente, está intimamente atrelado ao medo da solidão. Ser reconhecida ou reconhecido tira cada vida do ostracismo, da ausência de empatia com os pares, da insignificância de cada uma, de cada um diante do mundo.

Em nossa sociedade, ser sozinha, sozinho não é algo desejado. Ser reconhecida, ter amigas e amigos, uma vida social movimentada com momentos que “rendem” fotos a serem postadas, cria a ideia de uma vida plena, interessante e que vale a pena. Uma vida vivida em plenitude. Estas afirmações me levam às perguntas: Porque as jovens tiram fotos? Porque as jovens tiram fotos em *selfies* e as divulgam em locais na internet em que é possível receber respostas sobre o que se publicou? As vidas delas como mulheres jovens importam e são passíveis de admiração, respeito, carinho, inveja, cobiça e desejo, talvez estas sejam razões pelas quais cada uma delas mantém seus perfis ativos. Para ser alguém, há a necessidade de exposição, de visibilidade: há um investimento no reconhecimento de si e também no valor que existe em ter uma rede de seguidores, fãs e admiradores. Paula Sibilia (2016) nos diz que:

Nem sempre há testemunhas do nosso heroísmo de cada dia, e menos ainda de nossas misérias cotidianas. Com demasiada frequência, alias, ninguém nos olha. Que importa, então, se em algum momento somos bons e belos, únicos, singulares, quase imortais? Ou, então, meramente comuns como *você* e *eu*? Se ninguém nos vê, neste contexto cada vez mais dominado pela lógica da visibilidade, poderíamos pensar que simplesmente não fomos. Ou pior ainda: que não existimos (SIBILIA, 2016, p. 338-339).

A imagem nos persegue, nos inquieta, nos faz pensar, ou, ao contrário disto, podem ser insignificantes aos nossos olhos; podem nos despertar ternura, cuidado, atenção, raiva, repulsa ou medo. A imagem, como disse Georges Didi-Huberman, “arde em seu contato com o real”. (HUBERMAN, 2012, p. 207). Judith Butler (2018) nos leva a pensar que as fotografias possuem capacidade de operar como uma “crônica visual” e desperta em nós a curiosidade acerca do que aconteceu e foi retratado. Ela diz que “se ficamos abalados ou somos “perseguidos” por uma fotografia, é porque ela atua sobre nós em parte sobrevivendo à vida que documenta”. (Butler, 2018, p.145).

Concordo com a afirmação acima de Judith Butler e entendo que, ao atuarem sobre nós, as imagens nos provocam: nos despertam desejos, prazeres, admiração. As jovens presentes neste trabalho me disseram em nossos encontros que seguem na internet blogueiras, *digitais influencers*, Youtubers e, além disso, mantêm grupos paralelos no aplicativo de mensagens *WhatsApp* com o intuito de trocar ideias sobre maquiagens e escolhas de roupas antes de sair, os famosos *looks*. As mulheres que tornam-se famosas via internet são uma espécie de espelho do espelho. Com isto, digo que as redes sociais são espelhos que refletem a vida e, por meio deles, espaços se abrem para personagens que surgiram com o mundo digital. Cada uma destas “celebridades virtuais” ao mostrarem suas vidas consideradas interessantes, inventam formas de vida que são entendidas como merecedoras de serem seguidas e copiadas. Admiração, desejo e curiosidade estão presentes nas fotos que divulgam, produzindo imagens para outras e outros.

Constituir-se mulher passa, portanto, pelo entendimento de que a vida vale a pena e merece ser vivida e mostrada. Quero ressaltar a interseção destes elementos e nas influências da imagem e da Cultura Visual na feminilidade em construção das jovens, um caminho para a compreensão desta relação presente na vida de cada uma delas. De antemão digo que não será um ensaio visual, como nos ensinam Ricardo Marín-Viadel e Joaquín Roldán (2012)⁵¹, da Universidade de Granada, Espanha. O que proponho é um diálogo com as imagens, que são discursos potentes, entretanto, não devo denominar este capítulo de ensaio visual. Penso que para isto teria que dedicar-me todo o Doutorado para fazê-lo, o que não é mais possível. Entretanto, algumas contribuições destes estudos me são muito caras e têm possibilitado uma conversa entre as feminilidades, imagens, educação e cultura visual.

De acordo com Ricardo Marín-Viadel e Joaquín Roldán, as fotografias e as imagens dão forma a um pensamento visual e permitem o surgimento de um pensar com as imagens. Portanto, quando Judith Butler (2018) nos diz que “os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os

⁵¹ Ricardo Marín Viadel e Joaquín Roldán são professores e pesquisadores da Universidade de Granada/Espanha que desenvolvem seu trabalho utilizando a Metodologia de Investigação Baseada nas Artes. Os referidos professores têm na fotografia seu objeto de estudo, seu campo teórico e seu procedimento metodológico e influenciam muitos pesquisadores e professores da Universidade de Barcelona, como o professor Fernando Hernández, que me recebeu durante o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE.

termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos” (p.17), entendo que aprendemos também a educar nosso olhar para as formas como pensamos por meio de imagens. A autora fala de vidas que são passíveis de luto e aquelas que são invisíveis aos olhos e sentimentos de grande parte da população, com os presidiários, imigrantes e eu acrescentaria as/os pobres, negra/os, prostitutas/os, indigentes, indígenas... As imagens nos educam e selecionam nossa forma de olhar. No capítulo chamado *O mundo da imagem*, do livro de Susan Sontag (2018) *Sobre a fotografia*, a autora nos desafia a entender que pelas fotografias temos a oportunidade de ressignificar a realidade, dando outros sentidos às imagens:

A fotografia não se limita a reproduzir o real, o recicla: um procedimento chave da sociedade moderna. Sob a forma de imagens fotográficas, as coisas e os acontecimentos são submetidos a novos usos, recebem novos significados que transcendem as distinções entre o belo e o feio, o verdadeiro e o falso, o útil e o inútil, o bom gosto e o mau gosto (SONTAG, 2018, p. 169).⁵²

Cada foto de Ana, Kaylayne, Letícia, Cecília, Ísis, Victória e Ayana são discursos que se renovam. Por vezes postam a mesma foto, entretanto com legendas diferentes ressignificam a própria imagem, criam outras de si, demonstram que suas vidas e suas formas de viver importam. Elas veem a vida na tela do celular e assim me ensinaram a ver mais delas e mais de mim: reinventando, olhando de novo, estrategicamente observando como ser mulher no mundo.

Considero relevante para este trabalho o olhar fotográfico atento também de minha parte, das minhas autorias, afetos, desejos, incômodos e percepções do mundo. Tenho me indagado constantemente sobre as imagens que me subjetivam, que me capturam e atravessam minha forma de ver a vida e olhar, principalmente as mulheres; este tem sido um exercício potente nas relações que estabeleço com as *selfies* presentes nos diálogos que faço ao longo da pesquisa. Pensar por meio das imagens é um desafio instigante e convidativo para mim, pois pode dizer da temporalidade em que me encontro, da fluidez das imagens, da brevidade das certezas, das construções e desconstruções que permitem que sejamos as pessoas que provisoriamente somos.

⁵² Tradução feita por mim, do original em espanhol. Originalmente o trecho diz: “La fotografía no se limita a reproducir lo real, lo recicla: un procedimineto clave de la sociedade moderna. Em forma de imágenes fotográficas, las cosas y los acontecimientos son cometidos a usos nuevos, reciben nuevos significados que trascienden las distinciones entre lo bello y lo feo, lo verdadeiro y lo falso, lo útil y lo inútil, el buen gusto y el malo”.

Desta forma, as imagens são entendidas como paralelas às palavras, criando relações e sentido ao que escrevo. Assim, sendo, estão presentes para além das ilustrações para as palavras, mas sim, como discursos que também dizem de um contexto importante para as discussões acerca da educação e cultura visual, pois tenho investido na pergunta que quer problematizar quem nos tornamos por meio das imagens com as quais convivemos e compartilhamos.

Figura 21 - Retratos de parede



Fonte: imagens de quadros de fotomontagens antigas, comuns em minha infância, retiradas da internet em janeiro de 2019 e disponível em <http://historiainte.blogspot.com/>.

Figura 22 - *Toilette* de Ernest L. Kirchner



Fonte: Fotografia feita por mim, do quadro de Ernst Ludwig Kirchner, chamado *Toilette – Frau von dem Spiegel*, no *Centre Georges Pompidou*, Paris, em 30 de dezembro de 2018.

Figura 23 - *Send Nudes*



Fonte: fotografia feita por mim, na *Anella Olímpica*, em Barcelona, no dia 17 de dezembro de 2018.

A Cultura Visual encontra-se presente nesta tese na medida em que possibilita o olhar atento para a potência e as relações de poder das imagens e suas funções no cotidiano de cada uma/um de nós. Significa que por meio dos estudos da Cultura Visual, podemos questionar as visualidades que estão em nosso cotidiano e, também, lançar um olhar crítico e argumentador sobre as representações do passado. Podemos dizer que o campo da cultura visual está ligado a temas de interesse da arte e, também, das imagens, como a fotografia, pintura, desenho, televisão, cinema, canais de internet, por exemplo. Refere-se também às mídias tanto impressas quanto *on line*, englobando a educação, na medida em que cada parte deste grande processo nos educa e nos faz pensar a realidade que nos cerca

e nos constitui. A reflexão de Fernando Hernández (2007) acerca da Cultura Visual é importante aqui:

[...] a expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. Desse ponto de vista quando me refiro neste livro à cultura visual, estou falando do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intra-subjetivas de ver o mundo e a si mesmo (HERNÁNDEZ, 2007, p.22).

Penso que a reflexão de Belidson Dias (2012) sobre cultura visual também nos ajuda a pensar sobre as disputas que existem neste campo de conhecimento:

A cultura visual, como um campo emergente de pesquisa transdisciplinar e trans-metodológico, que estuda a construção social da experiência visual, é ainda extraordinariamente fluido, um conceito mutável sujeito a múltiplos conflitos. Entretanto, apesar das disputas em torno dele, há uma compreensão que a cultura visual enfatiza: as experiências diárias do visual e move assim sua atenção das Belas Artes, ou cultura de elite, para a visualização do cotidiano (DIAS, 2012, p. 103).

Estas reflexões sobre cultura visual e esta mirada para o cotidiano, me levaram a entender que a visibilidade das pessoas é algo importante e que a internet é um campo vasto de possibilidades. As narrativas pessoais que pesquiso me possibilitaram ver para além de um sistema hegemônico do que seja ser mulher, do que seja ser jovem, negra, branca, umbandista. Me cerco dos afetos que as imagens me provocam e posso olhar o mundo em uma perspectiva que não segue a linearidade do previsível. Eu aprendo a ser mulher quando ouço, vejo, falo, quando estou em movimento. Kaylayne, Letícia, Ana, Cecília, Ísis, Ayana, Victória também movimentam-se nesta constituição do feminino que é afetada por imagens, afirmações, regras, negações, recusas e críticas. Esta afirmação vale para todas as mulheres, escrevo esta frase pensando naquelas que estão presentes neste estudo.

Figura 24 - Foto de cartaz sobre Cultura Visual,
UB, 2018

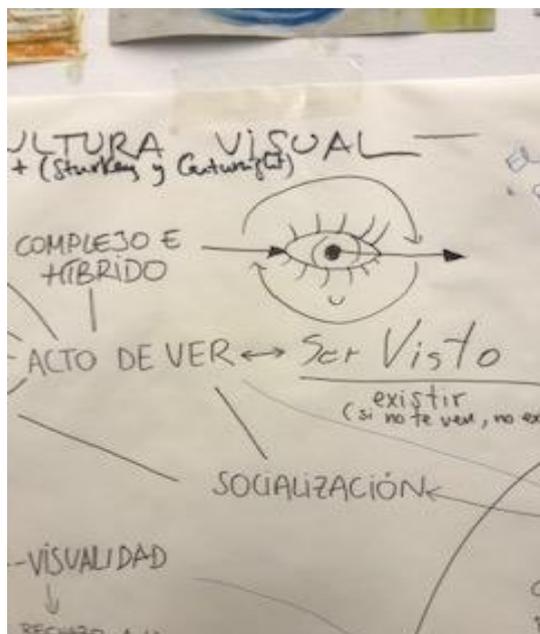
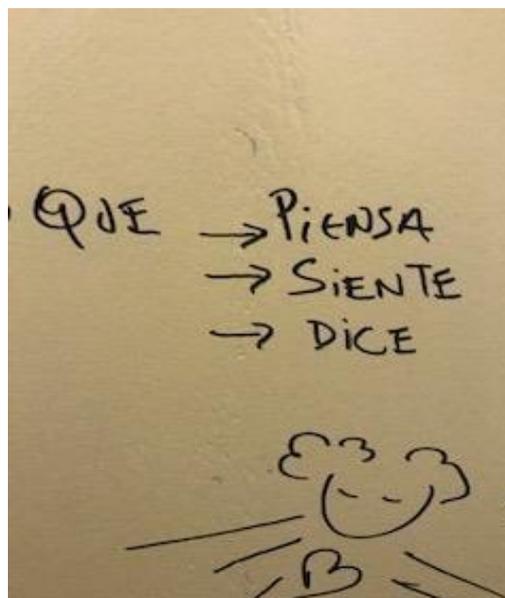


Figura 25 - *Qué piensa, qué siente, qué dice,*
UB, 2018



Fonte: fotos feitas por mim, na Sala de Aula 8, Edifício Florença, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona, no dia 7 de novembro de 2018.

Figura 26 - Diálogos Visuais



Fonte: foto feita por mim, na Sala de Aula 8, Edifício Florença, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona, no dia 7 de novembro de 2018.

Figura 27 - *Iphone na cara*



Fonte: foto feita por mim da porta interna do banheiro feminino Edifício Florença, Faculdade de Belas Artes, Universidade de Barcelona, no dia 9 de novembro de 2018.

As imagens *selfies* são partes do dispositivo de feminilidade que “ensina” as mulheres a tornarem-se mulheres. Desta maneira, movimento-me por entre os temas do feminino e sua constituição como algo ligado à cultura, às subjetividades que se constroem e à performatividade do que é ser mulher, entendendo estes posicionamentos interligados também como processos educativos.

Figura 28 - *Selfie* com Chinelo



Fonte: Foto veiculada pela internet: *selfie com chinelo*, acessada em janeiro de 2019 e disponível em otascomentarios.blogspot.com/2019/05/a-alpercata-da-selfie.html

Figura 29 - *Selfie* não tem idade



Fonte: Mulher tirando *selfie*, foto feita por mim em Barcelona, 18 de janeiro de 2019.

Figura 30 - Ayana



Fonte: Ayana em foto divulgada no *Facebook*, acesso em janeiro de 2019.

Penso, como pesquisadora da área de gênero, mas com os pés pisando firme no terreno da educação, que nossas ações, nos mais diferentes âmbitos, são guiadas por processos de aprendizagem. De acordo com Ruth Sabat (2001), é importante, que nós educadoras/es voltemos “a atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes” (2001, p.30). Estou compreendendo que as imagens não são meras ilustrações de algo, mas sim artefatos potentes para a aprendizagem e a constituição de si: as jovens são resultados disso e fazem estas ideias circularem com suas poses, imagens, fotos e redes sociais. Antes de divulgarem uma foto, uma *selfie* há um enquadramento de

gênero, da ideia de beleza e sucesso que acionam saberes que afetam diretamente a produção das imagens.

Assim, cabe dizer que a educação não está restrita à escola. Acontece em muitos espaços e por meio de diversos dispositivos pedagógicos. Isto também se aplica no que aprendemos sobre gênero, sexualidade, feminilidades, ou seja, são muitos os artefatos utilizados para construir e reforçar estereótipos e padrões, tanto para homens como para mulheres e que faz com que produzamos imagens de nós mesmos. Importante destacar que este pensamento que busca ser hegemônico, não captura a todas e todos, visto que há pessoas que exercem suas liberdades, buscando viver como de fato se sentem melhor, buscando romper o estabelecimento como certo, bonito, confiável, desejável.

4.1 A ESCOLA E A CULTURA VISUAL: QUE SUJEITOS ESTAMOS CONSTITUINDO?

Como já foi dito anteriormente, esta pesquisa nasceu de mim, mas também nasceu da escola, pois lá grande parte do meu investimento em conhecer o mundo acontece. Foi assim como aluna, tem sido assim como profissional e, em relação às imagens, corroboro com o que nos diz Fernando Hernández (2007) em *Catadores da cultura visual: propostas para uma nova narrativa educacional* a necessidade que a escola tem de se reinventar e conhecer sobre a cultura visual como uma forma de expressão, como discurso que tem a subjetividade como centralidade. Deslocar a pergunta “o que vemos” para entendermos sobre “quem é o que vê” (p.18). A escola não pode ficar alheia ao que acontece no mundo, talvez essa seja uma frase do senso comum que ainda faça sentido. A partir das constantes transformações de um mundo imerso nos universos da ciência, das tecnologias e das informações, isso se torna mais complexo, pois passa-se a ter uma geração multimídia, que lê, escuta, olha, pensa, produz tudo ao mesmo tempo, ou seja, acessa um grande número de operações mentais, observa, absorve, entende, reconhece, busca, escolhe, elabora e interage. As mudanças culturais advindas destes processos abriram novas possibilidades aos usuários de ambientes virtuais, nos quais os jovens estão inseridos.

Pierre Lévy (1999) sugere que “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, se sociabilidade, de

organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento”. As jovens que fazem parte deste estudo sabem utilizar a luz, editar imagens, estudam o melhor horário para postarem suas fotos, redirecionam comentários, conseguem curtidas “fake” para popularizarem suas páginas pessoais. (LÉVY, 1999, p. 32). Considerando o que diz Levy, entendemos que o conhecimento também circula em vários ambientes, virtuais ou não, transformando nossa relação entre ver, ser visto, ensinar, aprender, estar longe, estar perto.

Fernando Hernández (2007) nos permite entender um pouco sobre esta relação entre imagem, dispositivos visuais e escola:

Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais atuam como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas. Experiências que permitam aos estudantes como aponta Nancy Pauly (2003), terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio-históricos (HERNÁNDEZ, 2007, p.25).

Ao falarmos de cultura visual, estamos falando de hábitos, costumes, visualidades, narrativas visuais que nos ajudam a entender de que maneira estes aspectos, aliados à presença maciça das imagens no nosso cotidiano, interferem e nos educam em processos que auxiliam nosso entendimento da realidade. Tais movimentos, ao combinarem os aspectos visuais presentes e em ação na nossa vida, criam processos de identificação que nos subjetivam, nos fazem pensar a vida de uma ou de outra maneira. Marlucy Alves Paraíso (2006) realizou uma pesquisa em que investigou os processos subjetivos suscitados em professoras e professores por meio da formação televisiva, em canais educativos. Neste estudo, a professora discutiu que uma das formas de educarmos o nosso olhar se dá por meio de ações repetitivas que causam a identificação entre os pares. Neste processo, portanto, importam ações, atitudes e discursos. Ela diz:

Trata-se de um discurso que coloca em ação diferentes estratégias para fixar papéis, para conduzir condutas, subjetivar e governar. Trata-se também de técnicas acionadas para administrar as/os docentes, para torná-las/os sujeitos de um tipo específico, para propagar e fixar determinado tipo de subjetividade (PARAÍSO, 2006, p. 100).

Este trabalho da Professora Marlucy me auxiliou a pensar sobre minha pesquisa, me provocando a olhar as mídias e as personagens que nela circulam

como partes que existem em colaboração. A subjetividade das jovens movimenta-se em contato com as blogueiras, as *youtubers*, as amigas mais velhas, as amigas que se destacam em popularidade na escola, por exemplo. Assim, as Redes Sociais destas pessoas, aliadas aos artefatos culturais que elas se utilizam como músicas, cenários, linguagens, entre outras criam identificações, ampliando redes de contatos, de colaboração e também de competição, rusgas, inimizades. Alguns elementos da Cultura Visual agem de maneira a alterar as subjetividades individuais, que podem modificar-se por meio de técnicas de si como: “esclarecer-se, avaliar-se, dedicar-se e mudar-se, em seu conjunto” (PARAÍSO, 2016, p.110).

A Cultura Visual como um campo de estudos nos permite compreender que há um aprendizado nas artes, nas imagens, nos textos orais, escritos, corporais, tecnológicos que circulam em nossa vida diariamente. Sobre Cultura Visual, Raimundo Martins (2010) destaca:

[...] não estuda apenas um setor, uma parcela ou recorte desse mundo simbólico denominado “arte”, mas se preocupa com as possibilidades de percepção que se irradiam através de imagens de arte, de informação, de publicidade e de ficção, traspassando o mundo simbólico em muitas direções. Deslocando-se através do espaço, como artefatos prenes de sentidos e significados, objetos e imagens de arte se oferecem para conexões rizomáticas potencialmente abertas para uma diversidade de interpretações e aprendizagens (MARTINS, 2010, p.23).

Ao ligarmos tais questões à subjetividade, entenderemos que alguns desses elementos nos afetam em maior ou menor intensidade, nos impactam mais ou menos, alteram nossos sentimentos em maior ou menor grau, nos movimentam em direção ao que é importante para nós. Trarei o evento “XV da Yayah”⁵³ para potencializar estas discussões. Ayana fez quinze anos em 28/10/19 e seu aniversário modificou seu lugar na escola. Da aluna colaborativa, mas um tanto tímida e reticente acerca de seus posicionamentos na escola, passou a ser uma das pessoas mais acionadas em rodas de conversa, discussões de *WhatsApp* e outras mídias sociais. A comemoração de seu aniversário aconteceu em um sábado, dia 26/10/19, em um salão de festas do bairro vizinho ao da escola, tendo o horário de 21h para começar. Faltando um mês para a festa, Ayana iniciou a distribuição dos

⁵³ Ayana criou nos *stories* de seu Instagram uma contagem regressiva para a chegada de sua festa de aniversário de 15 anos. Há um mês da comemoração, Ayana iniciou a contagem de dias, horas e minutos por meio de uma ferramenta oferecida pelo próprio aplicativo. Com este evento, Ayana interagiu com muitas pessoas, convidadas e não convidadas para seu aniversário.

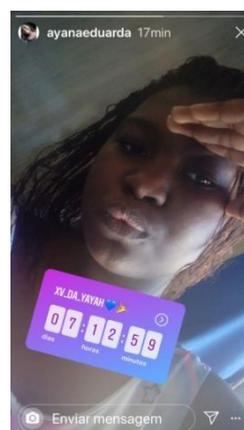
convites entre suas amigas, amigos, professoras e professores. Ela escolheu quem convidaria e não foi a escola toda, tampouco sua sala toda. Este evento alterou o lugar que Ayana ocupa na escola e transformou suas ações dentro da escola: o lugar da jovem que completa quinze anos e faz uma festa para comemorar com as pessoas importantes em sua vida. A jovem negra, bastante tímida e que entende as dificuldades que uma mulher negra e periférica enfrenta em nossos dias, escolhe quem fará parte deste momento junto com ela. Ela decide, ela tem o poder de dizer com quem quer celebrar, entretanto, não esconde nas redes sociais. Sua festa também foi acontecendo em suas redes sociais.

Figura 31 - Contagem regressiva para os quinze anos de Ayana



Fonte: *Stories do Instagram de Ayana*, imagem salva por mim, em setembro de 2019.

Figura 32 - Uma semana para a festa de Ayana



Fonte: *Stories do Instagram de Ayana*, imagem salva por mim, em outubro de 2019.

Figura 33 - *Selfie* de Letícia com Ayana



Fonte: *Stories do Instagram de Letícia*, imagem salva por mim, em outubro de 2019.

Figura 34 - Dia de festa: XV da Yayah



Fonte: *Stories do Instagram de Ayana*, imagem salva por mim, em 26/10/2019.

Figura 35 - Ayana e eu



Fonte: Foto feita com meu celular durante a festa de Ayana, 26/10/2019.

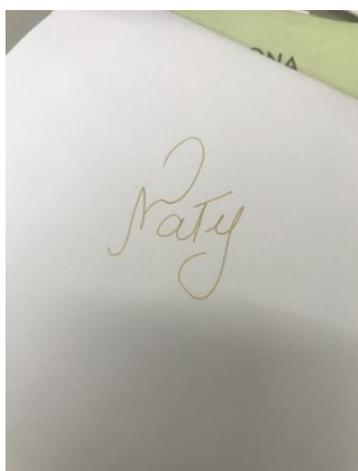
Figura 36 - Princesa



Fonte: foto publicada por Ayana em seu Facebook após a sua festa, 27/10/2019.

A festa de Ayana mobilizou a escola, criou desejos nas outras e nos outros de serem convidadas/os, de fazerem uma comemoração de aniversário igual ou completamente diferente a partir do que viram o que foi feito por Ayana. Ao não serem convidadas, algumas pessoas se chatearam e até mesmo ficaram com raiva da jovem, que sabendo das consequências em não chamar todas e todos de sua sala e da escola para a festa, exercitou o poder que existe em escolher, pois seguramente já passou por situações em que também foi preterida.

Figura 37 - Convidada Naty



Fonte: Foto feita com meu celular do convite recebido para o aniversário de Ayana, setembro de 2019.

Figura 38 - Convite do aniversário de Ayana



Fonte: Foto feita com meu celular da parte interna do convite de aniversário de Ayana, setembro de 2019.

Ao me entregar o convite, conversamos um pouco sobre o que ela esperava para aquele momento e como estava sendo para ela comemorar aquela data. Isso aconteceu na escola mesmo e eu saía da sala do 6º ano quando fui abordada por Ayana e várias amigas junto com ela, auxiliando na entrega dos convites. Eu e ela nos afastamos um pouco das outras e começamos a conversar.

- *Naty, eu quero te entregar meu convite de aniversário.*
- *Claro que vou Ayana. Você sabe que é a primeira vez que sou convidada para uma festa de quinze anos de alguém aqui da escola.*
- *Então te espero lá.*
- *Vai ter muita gente aqui da escola, 'tô vendo você junto com as meninas entregando convite para um monte de gente...*
- *Não, eu não vou convidar todo mundo. Nem da minha sala vai ser todo mundo. Sabe, as coisas mudaram depois que as pessoas ficaram sabendo desta festa. Gente que nem olhava na minha cara passou a puxar meu saco querendo convite. Teve gente que me pediu! Pediu convite!*
- *E como você resolveu isso?*
- *Eu convidei quem eu queria. Para algumas pessoas que me pediram e eu achei chato falar que não eram minhas escolhas, falei que os convites tinham acabado (Ayana e Nathalye, setembro de 2019).*

Ciente de suas escolhas e das consequências que elas acarretariam, Ayana seguiu comemorando sua entrada nos quinze anos. Ela personificou uma princesa em sua festa e podemos ver isso na foto em que está com seu vestido azul, olhando com confiança diretamente para a câmera. As relações de poder são exercidas em diversos momentos do nosso cotidiano, em várias instâncias sociais. Utilizei o evento “XV da Yayah” para potencializar as discussões sobre poder e subjetivação. Fazer quinze anos na periferia, com uma festa em um salão de festas, convites, presença de um *DJ* e fotos de princesa representam uma forma de exercitar esse poder, que embora transitório, é bastante significativo. Há um feminino em construção nestes acontecimentos pelos quais Ayana passou: escolher comemorar esta idade – significativa para algumas jovens e completamente insignificante para outras - , escolher quem seriam as pessoas a estar junto com ela, que imagem passar para as/os convidados... Este feminino em construção é compartilhado com outras meninas e é bastante diferente da construção da masculinidade por parte dos meninos, por exemplo.

Dizer que aprendemos por meio de imagens significa considerar que há um poder entre ver e ser visto que cotidianamente estamos em contato: as imagens educam nosso olhar e o olhar do outro. Assim Ayana fez, educou seu olhar e o olhar de quem observava seus passos nas Redes Sociais. O poder de ver e ser vista

deslocou seu lugar dentro e fora da escola, modificando decisivamente seu lugar naquele contexto. A festa de Ayana aconteceu dentro e fora da escola, o tempo todo, inclusive concorrendo com o que estava sendo trabalhado em sala de aula, com o que estava sendo ensinado em sala de aula.

Um mês antes de tudo acontecer, nas redes sociais as imagens já indicavam os caminhos e escolhas de Ayana. Tudo o que vemos e tudo o que produzimos de conteúdo para que nos conheçam, como vemos, somos vistas e as maneiras como nos subjetivamos neste processo são práticas construídas social e culturalmente. Por isso insisto na ideia da imagem que nos constitui e também nas experiências escolares que considero tão profundas no universo juvenil. Além disso, considero relevante destacar que as contribuições da cultura visual nos permitem conhecer o que está implicado nessas experiências de ver e ser vista nos nossos dias.

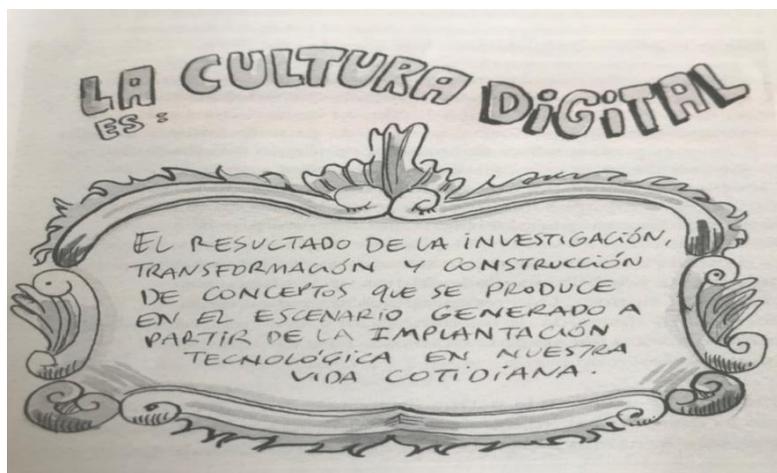
As redes sociais, bem como as mídias digitais, investem em modelos a serem seguidos, que repetidos de forma constante, constroem imagens que são tidas como ideais ou verdadeiras. As *selfies* são lidas com o olhar de quem vê, demonstrando o seu processo relevante e potente de aprendizagem. Em que momento as mulheres jovens que fazem parte deste estudo atentaram-se para o fato de que ao se retratarem revelam algo sobre si que gostariam que outras pessoas vissem? Penso que no momento em que atentaram-se para o fato de que o feminino é precário e, dentro desta precariedade do feminino, existem algumas feminilidades ainda mais precárias, tiveram possibilidades de problematizar que a sobrevivência de cada uma de nós depende das/os outros. Judith Butler (2018) diz que “a precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro.” (BUTLER, 2018, p. 31). Inclusive na Internet é imperativa a participação das/os outras/os para que haja reconhecimento de si mesma.

Ampliando esta questão: em que momento as imagens pessoais, que são produzidas e divulgadas começaram a fazer sentido e ganharam tanta popularidade? Estou afirmando que as relações entre imagem, dispositivo de feminilidade e Cultura Visual são processos educativos amplos que invadem e ocupam espaços indicando modelos e tendências que existem bem antes do fenômeno da Internet e das Redes Sociais. Fernando Hernández (2007) nos chama a atenção para a dimensão cotidiana da cultura visual e seu poder em nossas relações:

[...] na atualidade, a cultura visual é importante, não apenas como objeto de estudo ou como um tema fundamental a ser abordado na escola. Por ocupar uma parte significativa da experiência cotidiana das pessoas, é importante em termos da economia e das novas tecnologias, de forma que tanto produtores como receptores podem beneficiar-se de seu estudo. Tal perspectiva, que vai além das experiências de apreciação, de prazer estético ou de consumo que a cultura visual pode proporcionar, suscita uma compreensão crítica do papel das práticas sociais e das relações de poder às quais se vincula (HERNÁNDEZ, 2017, p. 41).

Com os meios digitais e, até antes deles, com a televisão e as revistas, por exemplo, aprendemos formas de ser aceitáveis e desejadas, com posturas, com corpos, roupas e impressões que vão construindo o feminino por meio de processos educativos que silenciaram durante muito tempo, formas outras de existência. Durante muito tempo um mercado sedento por boas imagens e bons consumidores funcionou para a padronização de modos de ser e viver. Embora haja tendências hegemônicas, a chegada da cultura digital possibilitou a circulação rápida de formas divergentes de vida, aparência e conduta.

Figura 39 - Cultura Digital



Fonte: Foto tirada por mim, com o celular, da página 15 do livro *La rue del percebe de la cultura y la niebla de la cultura digital*, de Mery Cuesta, fevereiro de 2019.

Concordo quando Mery Cuesta (2015) afirma que o termo Cultura Digital configura-se importante para entender as transformações pelas quais a circulação e consumo de bens culturais passou a acontecer. A imagem de si passou a ser também um produto, que pensado, produzido e publicado, oferece possibilidades várias de se construir uma personagem na Internet. Não são poucas as pessoas públicas que possuem assessores de imagem que as guiam por entre caminhos da

grande rede. Com as jovens deste estudo não é errado dizer que também possuem suas redes de apoio e colaboração que sustentam um ou outro tipo de escolha na imagem.

- *Eu tenho uma amiga que vê as minhas fotos antes que eu coloque na Internet* (Victória, 30/11/2017).
- *Eu também, eu também. Mando a foto e aí elas dizem se 'tá boa* (Kaylayne, 30/11/2017).
- *Às vezes a gente coloca até no grupo do WhatsApp.*(Ana, 30/11/17).
- *Vocês acham que é necessário mostrar nos grupos menores antes de postar?* (Nathalye, 30/11/2017).
- *Eu acho que sim. As amigas estão acostumadas a dar esse tipo de opinião* (Kaylayne, 30/11/2017).

As jovens criam grupos, perguntam sobre a roupa, a maquiagem e o cabelo e só a partir daí colocam em circulação a imagem produzida, construída e que seja possivelmente exitosa para as/os seguidores de uma forma geral.

Podemos entender as imagens como discursos. E Foucault em *Ditos e Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema* nos diz que:

O tipo de análise que eu pratico não se ocupa do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso cumpre uma função dentro de um sistema estratégico onde o poder está implicado e pelo qual o poder funciona. O poder não está, pois, fora do discurso. O poder não é nem fonte nem origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é, ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder (FOUCAULT, 2009, p.465).

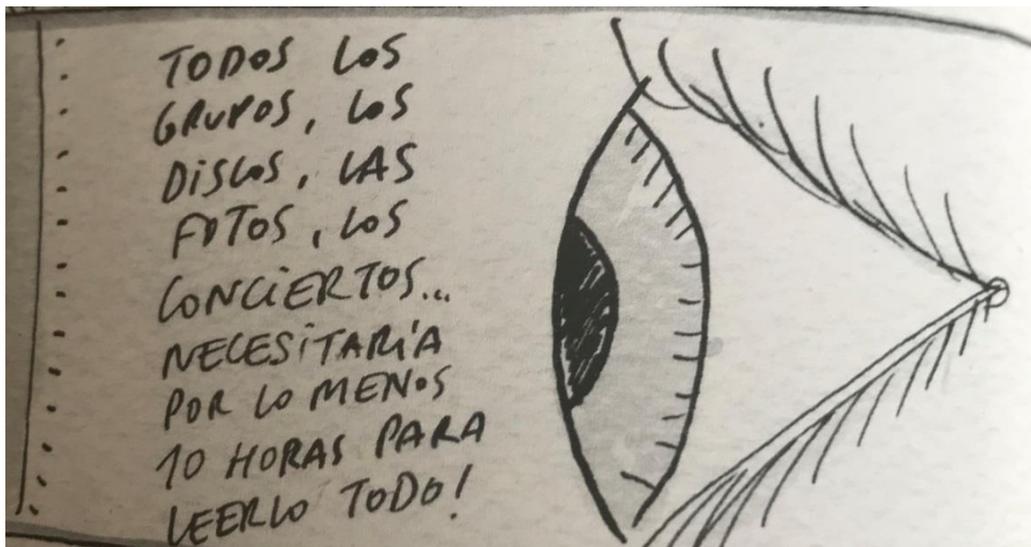
Entendendo as imagens como discursos e cheias de poder, cabe dizer que elas podem suscitar e ser lugar para questionamentos e também investigação. Estão presentes na construção de significados tanto de jovens, quanto de adultos, apontando para formas de se apresentar diante da vida, o que significa dizer que nos ensina e nos move subjetivamente.

Conforme já exposto antes, este capítulo foi escrito em Barcelona durante o Doutorado Sanduíche e, neste período pude rever e pensar sobre o processo da pesquisa. Assim, este caminho tem sido percorrido: com encontros com as jovens, com reflexões solitárias que faço, com conversas com meu orientador e com o grupo de pesquisa que componho. O caminho também se percorre por meio da escrita que traço e dos tantos textos que leio. A pergunta que guia esta tese não sai da minha

cabeça; é um pensar constante, é um compromisso que tenho comigo mesma e que me leva a olhar o mundo com os olhos de quem pergunta, de quem quer saber.

Em Barcelona, às vezes, dormia exausta de tanto pensar: nas ruas fotografo o que pode ser importante para minhas reflexões e minhas escritas e em casa, nas aulas escrevo incansavelmente sobre o que tem sido dito...

Figura 40 - Olho



Fonte: Foto tirada por mim, com o celular, da página 15 do livro *La rue del percebe de la cultura y la niebla de la cultura digital*, de Mery Cuesta, fevereiro de 2019.

Talvez a pesquisa seja isso mesmo, escrevo sobre minha vivência, pois esta é a forma que encontrei de tornar possível o que investigo, ou seja, transformar uma inquietação, uma pergunta, um questionamento, em um texto acadêmico. Assim, cada momento me faz pensar sobre as *selfies*, sobre as mulheres, sobre as Redes Sociais, a mídia, a cultura visual e, principalmente, sobre a urgência da imagem ser algo tão precioso. Em Régis Debray (1994), no seu livro *Vida e morte da imagem*, há uma passagem que nos permite pensar sobre estes questionamentos: Representar é tornar presente o ausente. Portanto, não é somente evocar, mas substituir. Como se a imagem estivesse aí para preencher uma carência, aliviar um desgosto. (DEBRAY, 1994, p. 38). Ao fazerem suas *selfies*, as jovens reafirmam a importância de suas existências e, nesta relação com vida e morte que a fotografia suscita, Judith Butler apresenta um argumento interessante:

As fotos não são apenas mostradas, são também nomeadas; a forma como são mostradas, o modo como são enquadradas e as palavras usadas para

descrever o que é mostrado atuam em conjunto para produzir uma matriz interpretativa para aquilo que é visto (BUTLER, 2018, p.121).

As jovens não fotografam apenas para satisfazerem seus egos, elas dizem de suas vidas, suas expectativas, suas formas de existir. Fernando Hernández (2007) ao fazer referência a Régis Debray (1994)- nos explica que a relação entre educação e cultura visual deriva do que Debray considerou o estudo da midialogia. Nas palavras de Hernández (2007) “isso significa explorar as vias e os meios de ‘eficácia simbólica’, centrando-se no papel mediador dos diferentes artefatos culturais e de objetos ‘reais’ e virtuais”. (p.41).

Em um mundo de urgências e solicitações de todas as ordens, talvez o ditado antigo que diz “quem não é visto, não é lembrado”, nunca esteve tão atual. As visualidades e os contatos virtuais podem de certa forma suprir ausências e trazer sensações de pertencimento, tão caras aos seres humanos. E pelo reconhecimento da outra, do outro, acontece o pertencimento que nos é tão caro. As jovens fazem esse movimento o tempo todo, de serem reconhecidas e o feminino é posta em cheque em muitos momentos, ou seja, reafirmam suas condições como mulheres e se constituem no coletivo.

Quando falo de mulheres jovens que estão em um processo constante de constituir-se e, para isto, pertencer é mais que um verbo, é uma estratégia de sobrevivência, estou dizendo que estar *on line* com fotos e imagens que sejam de destaque em seu círculo social faz diferença entre ser querida e não ser parte de nenhum grupo. Estou apostando em uma estética da periferia que atua evidenciando algumas formas de ser mulher e que conjuntamente as jovens deste estudo foram me apontando.

Trarei parte do encontro que fizemos em 26 de abril de 2018 com Victória, Ana, Ísis, Kaylayne, Cecília e Ayana. Falamos sobre como estavam as Redes Sociais delas. Kaylayne, solteira na ocasião disse, comemorando:

- *Graças a Deus meu WhatsApp está muito movimentado, tá todo mundo falando comigo* (Kaylayne, 26/04/2018).
- *O meu deu uma parada porque tô namorando* (Ana, 26/04/2018).
- *É, ninguém fala com a gente quando estamos namorando* (Ísis, 26/04/18).
- *Ué, e dá uma parada por quê?* (Nathalye, 26/04/2018).
- *Ah, quando a gente é solteira a gente tem mais conversa, tem mais foto e assunto... A gente publica no Facebook que está em um relacionamento sério, aí né, as pessoas param...* (Ana, 26/04/2018).

O reconhecimento da importância da/o outra/o na vida delas fica bastante evidente neste diálogo que apresento; nele há elementos que nos dizem que para elas a opinião de quem são importantes, são procuradas pelo *WhatsApp* é muito válida e festejada. Quando se é solteira, o ideal é que as Redes Sociais sejam movimentadas, cheias de fotos, conversas, convites e investidas. Com Ana e Ísis, que têm um relacionamento, a situação é um pouco distinta: se resguardam, falam menos, postam menos, porém isto não significa ser um problema, uma vez que o amor as coloca em outro lugar, o lugar de quem já se estabeleceu, de quem já foi salva pelo sentimento que nos tira da multidão e alivia a sensação de solidão.

Figura 41 - Família de Ana



Fonte: *Stories* do *Instagram* de Ana, imagem salva por mim, em 15/09/2019.

É importante que pensemos o amor como algo que é construído pelas sociedades e que muda ao longo da história. Nem sempre pensamos sobre o amor como pensamos hoje em dia... Anderson Ferrari, Filipe Gabriel Ribeiro França e Danilo Araújo de Oliveira (2018) problematizaram sobre o amor em um texto publicado na Revista *Debates Insubmissos*:

queremos partir do entendimento de que “o amor” é uma construção. [...] O amor foi inventado como tantas outras ideias e objetos que povoam nossa realidade e nos constituem. O amor continua sendo um investimento social realizado pelos mais diferentes artefatos culturais, tais como o cinema, as

telenovelas, os romances, as poesias, as propagandas de publicidades, dentre outros (FERRARI; FRANÇA; OLIVEIRA, 2018, p. 105).

Há por parte das jovens uma valorização e investimento no relacionamento amoroso, nos moldes que circulam nas mídias. Ana fala da publicação do *status* de relacionamento e com seu discurso as problematizações anteriores ganham mais sentido. Desta maneira fica evidente que deixar público que se está em um relacionamento tornou-se objeto de desejo e necessidade em nossa sociedade, uma vez que junto aos corpos perfeitos, carreiras de sucesso, ter uma companhia completa a aspiração de vida perfeita que pode ser estampada nas Redes Sociais.

Observei que as jovens lidam de maneira naturalizada a esta mudança em suas interações quando estão namorando. O *WhatsApp* não estar movimentado é reflexo de um relacionamento com *status* de sério, de comprometimento e fidelidade. Significa que elas não devem mostrar-se disponíveis para eventuais investidas de outras pessoas, de outros homens ou outras mulheres e que eles ou elas não devem abordá-las. Esta conversa me leva a refletir o quanto estas mulheres, tão jovens, já conhecem os códigos das relações de gênero e de efetividades que circulam em nossa sociedade, modelando e naturalizando comportamentos. Guacira Lopes Louro (2017) nos ensina que

[...] as mais diversas instâncias da cultura (o cinema, a televisão, a mídia, a internet, entre outras) exercem pedagogias, ou seja, participam na construção dos sujeitos (como sujeitos de um dado gênero e sexualidade, de uma determinada raça/etnia, nacionalidade...) (LOURO, 2017, p. 37).

Figura 42 - *Selfie* de Letícia



Fonte: *Facebook* de Letícia, imagem salva por mim, em 14/11/2017.

Figura 43 - *Selfie* de Victória



Fonte: *Facebook* de Victória, imagem salva por mim, em 14/11/2017.

Figura 44 - *Selfie* de Letícia e Victória

Fonte: *Facebook* de Victória, imagem salva por mim, em 12/12/2017

Figura 45 - *Selfie* de Ísis e Kaylayne

Fonte: *Facebook* de Kaylayne, imagem salva por mim, em 12/12/2017.

Este silenciamento que querem nos impor vem, muitas vezes, maquiado de conselhos de comportamento ou formas aceitáveis de se estar em um relacionamento afetivo sendo mulher, pois com os homens não é assim que tem acontecido. São discursos que estão por aí rondando nossas existências e capturando muitas de nós. Laurie Penny⁵⁴ (2017) fala sobre isso de maneira muito direta:

Desde que aprendemos a falar, às mulheres se pede que não falemos. Quando uma menina fala livremente ou exige respeito ao que já foi ganho, dizem que está tentando chamar a atenção e isso uma mulher não deve fazer nunca. Quando um menino faz o mesmo, se diz que ele é assertivo, seguro de si e com capacidade de liderança. Como consequência, um homem que usa os espaços públicos não está tentando chamar a atenção, seja famoso ou político, estrela de rock, locutor de rádio, ator, ativista ou acadêmico. [...] Que um homem queira chamar a atenção não é um pecado: chamar a atenção é algo inerente ao homem. Ao contrário, as mulheres devem ser silenciosas. A nós, não se pressupõe o direito de falar em público. Por toda a vida somos "meninas que estão tentando chamar a atenção" e sempre tem alguém para nos colocar em nosso lugar (PENNY, 2017, p. 23-4).

⁵⁴ Tradução do espanhol para português, feita por mim. Originalmente o trecho diz "Desde que aprendemos a hablar, a las mujeres se nos pide que no lo hagamos. Cuando una niña habla libremente o exige el respeto que se haganado, se disse que está intentando llamar la atención, y eso es justamente lo que una mujer no debe hacer nunca. Cuando un niño hace lo próprio se disse que es assertivo, seguro de sí mismo y com capacidad de liderazgo. En consecuencia, un hombre que usa los espacios públicos no está intentando llamar la atención, sea famoso o político, estrela del rock o locutor de radio, actor, activista o académico. [...] Que un hombre quiera llamar la atención no es un pecado: llamar la atención es inherente al varón. Por el contrario, las mujeres deben ser silenciosas. A nosotras no se nos presupone el derecho a hablar em público. Toda nuestra vidas somos 'niñas intentando llamar la intención' y hay alguien que nos tiene que poner en nuestro sitio".

Figura 46 - Não abusar da Internet



Fonte: Foto feita por mim na Ciutat Vella, Barcelona, em 9 de fevereiro de 2019.

Não nascemos sabendo que a nós cabe o silêncio. E grande parte das mulheres não aceitou o silêncio e continua não aceitando. Na impossibilidade da essência de um modo de ser mulher, ou seja, na inexistência de uma totalidade do que é ser do gênero feminino, vamos observando traços de identidade que nos aproximam ou nos repelem. Para Ana e Ísis, que em abril de 2018 estavam namorando, silenciar suas redes sociais é algo aceitável e esperado. Recordo da moral cristã, dita por Michel Foucault (1994) em seus *Ditos e escritos V*, e as benesses de uma vida conjugal regrada pelo sexo no matrimônio: monogâmico, sem prazer e para procriação. O que Foucault julgava importante, ao escrever sobre a história da sexualidade, é que esse tema fascinou – e ainda fascina – um número significativo de pessoas. Saber sobre a sexualidade, especular sobre a sexualidade, tem relação direta com o controle que se pretende a respeito das sexualidades.

Figura 47 - Diário de uma feminista



Fonte: Postagem de Victòria, do dia 16 de fevereiro em seu *Facebook*;

Figura 48 - Eles tem medo das mulheres bruxas



Fonte: Postagem de Victòria, do dia 15 de fevereiro também em seu *Facebook*;

Figura 49 - Quem decidiu seu gênero?



Fonte: Adesivo colado em muitos locais da Faculdade de Belas Artes, UB, foto feita por mim em 29 de janeiro de 2019.

Quando utilizo o exemplo da conversa das jovens, estou dizendo, que ao adotarem um comportamento “padrão” em relação ao que muitos ainda esperam de uma mulher, elas estão justamente colaborando para este controle. Incorporaram discursos e guardaram para suas vidas uma verdade que se liga ao tema da felicidade monogâmica que seria um dos objetivos do casamento cristão. Recorro à Foucault (1994) em seus *Ditos e Escritos V*, para entender que:

quando se quer caracterizar a moral cristã quanto à sexualidade, e se quer opô-la à moral pagã, à moral grega ou romana, se propõem as seguintes características: em primeiro lugar, o cristianismo teria imposto às sociedades antigas a regra da monogamia; em segundo, o cristianismo teria atribuído como função exclusiva, como única função da sexualidade, a reprodução – somente fazer amor com a finalidade de ter filhos. Finalmente, em terceiro lugar – eu teria podido, aliás, começar por aí-, há uma desqualificação geral do prazer sexual. O prazer sexual é um mal – mal que precisa ser evitado e ao qual, conseqüentemente, é preciso atribuir a menor importância possível (FOUCAULT, 1994, p.63-4).

A fala das mulheres sobre suas posturas na internet quando estão namorando chegam até mim de forma incômoda e provocadora. Este modo de agir guiando-se por um olhar marcado pelas relações de gênero fez parte de muitos momentos da minha vida e hoje, me causa estranhamento. Não vamos nos constituindo apenas pelas imagens físicas que nos povoam, mas como estas imagens mentalmente criam um imaginário do que é bom ou ruim, certo ou errado, entre tantas outras maneiras de julgamento.

As imagens trazidas de postagens de Victória e da imagem do banheiro feminino da Universidade me fazem pensar nas imagens como resistência e oposição ao que nos impõem. Elas me fazem entender que há outro código ético e moral em posicionamentos de algumas mulheres. A descontinuidade das imagens do feminino padrão em Victória reforça a ideia da não existência de uma essência feminina que deva ser naturalizada. Falar de útero, ausência de vontade de ter filhos e de comportamentos indesejáveis para uma mulher vista como bruxa mostra que o espaço de contestação está vivo e grita no mundo físico e virtual.

Em um trabalho feito com e por mulheres, imagens e dispositivos de feminilidade, ter um olhar sensível para as formas como estas mulheres se posicionam em suas redes foi muito importante. A maneira como se apresentam ao mundo representa também um olhar político e problematizador para os jogos de poder que estão presentes em cada uma das histórias que são comigo

compartilhadas. Pensar em si como sujeito ético e estético (Foucault, 2004, p.14) é “preciso converter o olhar, exterior, dos outros, do mundo para ‘si mesmo’”.

Problematizar as imagens como potentes na trama discursiva que afeta as subjetividades dialoga com o entendimento de que as produções das jovens, como exemplos de cultura visual, possuem um poder educativo. Representar-se ou ver algo representado por meio de imagens faz parte de um campo discursivo; os artefatos dão suporte para que representações possam ser vistas como verdadeiras, aceitáveis, daí a intensa repetição de alguns deles: intensamente repetidos criam a sensação de verdade da qual a mídia e a indústria do entretenimento tanto se utiliza.

Figura 50 - Monalisa funkeira



Fonte: Grafite de Monalisa retirado do Grupo Fechado Bolsistas Capes, em janeiro de 2019.

Figura 51 - Amo Internet



Fonte: Foto feita por mim, fachada de loja fechada, ponto de ônibus Montjuic, Barcelona, em 09 de fevereiro de 2019;

Figura 52 - Olhos do Rei do Pop



Fonte: Foto feita por mim, com celular, na Exposição *Michael Jackson: On The Wall*, Gran Palais, Paris, 30 de dezembro de 2018.

Figura 53 - Grafite de Mulher Gorda



Fonte: Foto feita por mim, com celular, de parede grafitada em Barcelona, 4 de fevereiro de 2019.

Neste mundo superpovoado de imagens, o questionamento do que é real e daquilo que é representação se faz muito presente. Fotos modificadas, rostos alterados e filtros para imagem que são oferecidos constantemente via internet tornaram a rotina de fotografar-se, em grande parte, em um simulacro. As jovens afirmam apagar algumas imagens e eu, em nossos encontros, presenciei várias vezes esta cena: quando não se sentem bem, descartam a imagem. Além de poderem apagar, o uso dos filtros é bastante utilizado como uma ferramenta útil para deixar a foto como elas desejam mostrá-la. Assim aconteceu em um de nossos encontros em que, ao final, me pediram meu telefone para fazerem *selfies*. Elas têm verdadeira fixação pelos aparelhos da empresa Apple, os famosos Iphones. Nenhuma delas possui este aparelho, então, quando há oportunidade dizem querer fotografarem-se com meu telefone porque segundo elas as fotos saem melhores.

- *Nathalye, a gente quer fazer fotos com seu telefone, pode?* (Kaylayne, 07/06/2018).

- *Pode, claro...* (Nathalye, 07/06/2018).

- *Então eu vou tirar as fotos, tá gente? Vocês ficam aí que vou bater* (Kaylayne, 07/06/2018).

Tiram uma foto e todas querem ver. Discutem sobre qual foto vai ficar arquivada no celular.

- *Ah não, pode apagar isso daí, você ficou boa, mas eu tô horrível Kaylayne!* (Ísis, 07/06/2018).

Figura 54 - *Selfie* em grupo



Fonte: *selfie* feita por Kaylayne com o meu celular, em 07/06/2018.

Apagam, fazem de novo, posam, retocam... As modificações vão acontecendo até que a imagens chegue ao enquadramento que lhes seja aceitável. A cultura visual nos permite entender que esta mudança nas formas de

apresentação e divulgação de imagens faz mudar também a relação com o que olhamos. Roger Debray (1994) nos faz a seguinte reflexão:

Somos a primeira civilização que pode julgar-se autorizada por seus aparelhos a *acreditar em seus olhos*. A primeira a ter colocado um sinal de igualdade entre visibilidade, realidade e verdade. [...] Agora, vale como prova (DEBRAY, 1994, p. 358).

Podemos argumentar que a questão das *selfies* está presente desde os autorretratos dos grandes mestres da pintura, que tiveram seus retratos produzidos e divulgados em contextos de divulgação de suas obras para exposições e comercialização⁵⁵.

Entretanto este não é contexto em que as imagens de si surgiram para mim. Obviamente que entender que autorretratar-se não configura uma prática nova entre os seres humanos, me interessa, como na contemporaneidade e na fluidez que estamos vivenciando, o quanto de efêmero cada imagem carrega. Um autorretrato de pintores que se consagraram e que fazem parte da história da arte, certamente não apresenta esta característica. W. J. T. Mitchell (2017) fala sobre os vários sentidos da imagem:

As imagens importam em mais de um sentido. Quer dizer, marcam uma diferença, são relevantes e produzem demandas. Mas elas mesmas são matérias, no sentido em que sempre estão encarnadas em objetos materiais, em cosas, seja pedra, metal, pano, papel ou em um labirinto do corpo vivo e suas memórias, fantasias e experiências (MITCHELL, 2017, p. 145).⁵⁶

Podemos recorrer à representação de nós mesmos, com diferentes intenções e talvez seja esta a origem da *selfie*. As pessoas no mundo encontram novas formas de se relacionar e relacionar-se em suas experiências, por meio das Redes Sociais, isso é inegável. Neste capítulo faz-se necessário dizer que as jovens, ao representarem-se “produzem efeitos sobre as práticas de subjetivização que os indivíduos constroem para corporificar o seu sentido de “ser” (subjetividade) a partir dos outros e consigo mesmos.” (Hernández, 2007, p.31).

⁵⁵ Notas do encontro de tutoria com o Professor Fernando Hernández, no dia 18/01/2019.

⁵⁶ Tradução do espanhol, feita por mim. Originalmente o trecho diz: “Las imágenes importan en más de un sentido. Es decir, marcan una diferencia, son relevantes y hacen demandas. Pero ellas mismas son materia, en el sentido en el que siempre están encarnadas en objetos materiales, en cosas, sea en piedra, metal, lienzo, celuloide o en labirinto del cuerpo vivo y sus memorias, fantasias y experiencias.

A relevância deste capítulo, escrito sob a forte influência das imagens que me capturavam o tempo inteiro durante o período do Doutorado Sanduíche, se deve ao fato de que para mim, o entendimento da cultura visual como campo vasto e recente de conhecimento me auxiliou na compreensão de que as imagens das jovens que participaram da escrita desta tese não são imagens vazias. Discuti sobre o poder que às imagens é conferido, dependendo da autoria e também de quem a visualiza; busquei relacionar meu olhar com as formas de expressão que para mim comunicavam algo importante para este diálogo entre ser mulher na internet, produzir e publicar imagens de si. Entendi que os artefatos culturais dominados pela grande mídia insistem em circular com modelos hegemônicos e estruturantes da vida em sociedade, principalmente no que diz respeito à vida e existência das mulheres. Esta compreensão me impulsionou a olhar as postagens das jovens, mas também a problematizar seus discursos em nossos encontros presenciais.

Figura 55 - Muitas de uma



Fonte: sucessão fotográfica representando o esboço para o quadro *La Blouse roumaine*, de Matisse – imagem feita por mim no Centre Georges Pompidou, Paris, 30/12/18).

Figura 56 - Cecília



Fonte: Postagem de Cecília, 20 de dezembro de 2018 em seu *Facebook*.

Figura 57 - Ana



Fonte: *stories* de Ana no *Facebook*, 18 de outubro de 2018.

Foi prazeroso escrever este capítulo, que para mim inaugurou uma forma outra de escrita, amparada por imagens que compuseram a análise deste período extremamente fecundo em que estive na Europa. Não se trata de colocar aquele

Continente em evidência, desqualificando a experiência brasileira: jamais! Esta escrita, subjetivada por muitos momentos vividos, foi possível porque durante o período do Doutorado Sanduíche eu vivi esta tese mais do que nunca. Inicialmente, a ideia era de que este capítulo fosse uma bricolagem de muito do que fotografei em minhas andanças, entretanto, em orientação tanto no Brasil, quanto em Barcelona, concluímos que seria mais prudente uma escrita em diálogo, uma caminhada “desenhada” por muitas vivências.

Figura 58 - Os olhos



Fonte: grafites fotografados por mim na Place Émile Goudeau, Paris, dezembro de 2018.

O próximo capítulo, chamado **Dispositivo de feminilidade, juventudes e imagens de si: mulheres em constituição**, também foi escrito durante o Doutorado Sanduíche e pretendeu uma discussão acerca da vivência da juventude feminina, sua subjetivações por meio dos dispositivos, seus corpos que se constituem e das imagens que atravessam este processo.

5 DISPOSITIVO DE FEMINILIDADE, JUVENTUDES E IMAGENS DE SI: MULHERES EM CONSTITUIÇÃO

Figura 59 - Clara Averbuck



Fonte: publicação de Clara Averbuck em seu *Facebook*, 27/08/2017.

Sou louca por uma *selfie*. Tiramos *selfies* quando estamos nos sentindo gatas, e se sentir gata num mundo que insiste que você não é bonita se não for magra e branca e lisa é uma vitória (Clara Averbuck)⁵⁷.

Esta imagem de Clara Averbuck e amigas, seguida da frase em que diz ser “louca por *selfies*”, me pareceu provocadora para iniciar este capítulo que discutirá dispositivos de feminilidades, imagens de si, juventudes e mulheres em constituição. É provocadora porque trata-se da declaração de uma mulher de 40 anos, independente, conhecida e reconhecida por seu trabalho, afirmando o poder que está contido na divulgação de uma *selfie* para aquelas que não são brancas, nem magras, nem lisas.

⁵⁷ Clara Averbuck é feminista e escritora gaúcha radicada em São Paulo. Publicou *Máquina de Pinball*, Editora Conrad, 2002; *Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante*, editora 7 Letras, 2003; *Vida de Gato*, Editora Planeta, 2004; *Nossa Senhora da Pequena Morte* (coautoria com Eva Uviedo), Editora do Bispo, 2008; *Cidade Grande no Escuro*, Editora 7Letras, 2012; *Eu Quero Ser Eu*, Editora 7 Letras, 2014; *Toureando o Diabo* (coautoria com Eva Uviedo), Editora Averbucks, 2016. Conheci Clara por meio de seu blog “Brazileira! Preta” no início dos anos 2000. Atualmente sigo suas Redes Sociais e leio suas publicações na Carta Capital.

O capítulo anterior teve como referência a cultura visual para o entendimento das fotos *selfies* como parte deste movimento que nos educa e nos enquadra por meio das imagens. Entendi, que no emaranhado de mensagens imagéticas que nos rodeiam, vamos nos constituindo e construindo imagens sobre nós, sobre os outros e sobre o mundo. Não ser branca, não ser magra e não ser lisa nos coloca em lugar e em um entendimento que nem tudo nos é conveniente; assim as mensagens por meio de imagens nos fazem pensar e crer. Neste capítulo, cujo nome é **Dispositivo de feminilidade, juventudes e imagens de si: mulheres em constituição**; pretendo conversar com as possibilidades que existem pela presença de dispositivos na nossa vida. Michel Foucault (1988) trabalhou com o conceito de dispositivo para que entendêssemos as maneiras pelas quais as coisas no mundo vão nos afetando, nos transformando e, muitas vezes, nos adequando e/ou modificando.

A internet, os aparelhos eletrônicos, a quase universalidade de acesso aos dados móveis possibilitou o fenômeno que vivenciamos de exposição, publicações e compartilhamentos. Na internet todos podem dizer, todos podem aparecer, todos têm seu espaço, assim entendemos em princípio. Ronaldo Henn (2018) nos diz que

Hoje, as narrativas de si vinculam-se a outras narrativas sobre o mundo que se espalham em processos transnarrativos de múltiplas camadas. Através das *selfies*, multiplicaram-se espelhos mediáticos que reinventam o campo e contracampo: quando se olha para a tela que reflete nossa imagem no monitor dos aparelhos, desvia-se um pouco o olhar do centro do ponto de fuga e não se objetiva de forma tão contundente os potenciais compartilhadores da experiência: objetivamo-nos, mais que tudo, a nós mesmos nessa bricolagem do lago de Narciso (HENN, 2018, p. 87).

Por meio de nossas imagens é possível vincular-se às causas, assuntos, interesses e grupos com os quais existe identificação. Por meio das *selfies* as mulheres jovens desta pesquisa exploram o que consideram o melhor de si, fazem da imagem um espelho e do que divulgam, a verdade que criaram para si e para quem as vê. Quando selecionam para publicar o que consideram o “melhor de si” as jovens já dizem da relação com as outras e outros, com os sentidos, saberes e com o mundo. Entretanto, assim como na vida off-line, existem preferências, popularidade, ansiedade, depressão e solidão na Rede. Este capítulo tem como objetivo discutir os dispositivos de feminilidade que atuam sobre esta juventude por meio de suas imagens.

Para este entendimento, será necessário trazer a discussão acerca do que seja dispositivo. Aliado a esta discussão, com base nas proposições de Michel Foucault acerca deste conceito e a relação com as discussões sobre juventude e juventude ciborgue de Donna Haraway, Shirley Sales, Tânia Navarro Swain, Paulo Carrano, entre outras/os autores que possibilitarão este diálogo, que também acontece por meio das imagens que estão presentes. As jovens mulheres que fazem parte deste trabalho produzem e são produzidas pelas feminilidades, entendendo feminilidades como dispositivo que muitas vezes as define, molda, limita e/ou expande. Nem todas são brancas, nem todas são magras, nem todas são heterossexuais, tampouco cristãs. São múltiplas, entretanto digo que a juventude, a classe social e o gênero feminino as unem e os dispositivos de feminilidade atuam em suas existências de formas diferentes, todavia de maneira efetiva.

5.1 DISPOSITIVO DE FEMINILIDADE

Os dispositivos atuam na nossa vida, nos organizando e nos constituindo. Foucault (2018) em *Microfísica do poder* nos fala de maneira direta que os discursos, as leis, construções arquitetônicas, práticas médicas e jurídicas, postulados científicos são componentes do dispositivo. Ao entendermos isto, torna-se possível problematizar que os discursos e também outras formas não discursivas de organização da sociedade, contribuem para a construção deste mecanismo. Entender que as feminilidades em construção são afetadas pelo dispositivo, significa pensar a feminilidade como algo que pouco a pouco tende a passar pela função dominante. Ou seja, os discursos, as regras, a mídia, as leis, as instituições seguem uma maneira de formação, que de acordo com Foucault (2018) serve a uma urgência (p.365).

Neste trabalho, que tem nas imagens *selfies* um disparador para as problematizações acerca dos dispositivos, das juventudes, das subjetividades e das feminilidades, estou compreendendo este tipo de imagem – e todo o processo de produção, discussão, divulgação, aceitação e/ou rejeição que dele advém – como parte dos dispositivos de feminilidade que atuam na constituição destas mulheres jovens. O conceito de dispositivo inclui em sua composição formas discursivas e não discursivas, também alia instância de saber e de poder que atuam sobre as

pessoas, constituindo-as. As Redes Sociais são dispositivos na vida destas mulheres jovens.

Liz Rideal (2018) intitulou *El sueño de Warhol: la multiplicación del yo* para fazer a Introdução do livro *500 Autorretratos*. No trecho que escolhi citar, ela fala de uma artista que criou uma personagem para o *Instagram* e esta personagem teve grande repercussão na Rede, com muitos seguidores e *likes*. Este texto, assim como todo o livro que traz autorretratos de diversos artistas ao longo da história, muito me auxilia nas interlocuções com o que tenho discutido nesta investigação.

Amalia Ulman utilizou o Instagram para criar um *alter ego* fictício que atuava como uma visualização moderna porque sua “realidade” dependia de seu crédito no marco temporal do mundo virtual e digital que habitava. Sua personagem acumulou um grande número de seguidores na vida real, mas só existiu no ciberespaço e durante o tempo que seu projeto artístico durou. A metodologia irônica de Ulman concede novas capas de complexidade a seu retrato e amplia a originalidade e a intenção artística que caracterizam e tensionam o gênero. Esta ideia de colocar o eu em cena conta com uma larga tradição em autorretrato, mas se utiliza de forma incessante em fotografia devido à imediata resposta deste meio (RIDEAL, 2018, p. 9-10).⁵⁸

Amalia Ulman criou uma personagem para o *Instagram* e o esperado para um perfil aconteceu: teve muitos seguidores. Me questiono como as jovens desta pesquisa também organizam suas páginas pessoais com elementos que conhecem sobre a vida virtual, de modo que também lhes seja conferido sucesso e apreciação. A criação desta personagem me leva a pensar sobre as pessoas reais que interagem conosco diariamente. Estou discutindo dispositivos de feminilidade na internet e utilizei como exemplo a personagem de Amalia Ulman (foto abaixo) que intencionalmente criou uma personagem que contempla vários estereótipos femininos valorizados em nossa sociedade. É magra, branca e lisa, como diria Clara Averbuck. Entretanto é uma ficção. As mulheres desta pesquisa embora reais vão constituindo-se atravessadas por modelos de como devem ser, agir, se apresentar. Aprendem a ser mulher, descobrem-se negras, constituem-se como homossexuais, experimentam ser o que é possível. Há mundos que são retratados em imagens e

⁵⁸ Tradução do espanhol, feita por mim. Originalmente o trecho diz: “Amalia Ulman utilizó Instagram para crear un *alter ego* ficticio que actuaba como una visualización moderna porque su ‘realidad’ dependia de su crédito em el marco temporal del mundo virtual y digital que habitaba. Su personaje acumuló un gran número de seguidores en la vida real, pero solo existió em el ciberespacio y durento el tempo que duró su proyecto artístico. La metodología irónica y escueta de Ulman otorga nuevas capas de complejidad a su retrato u amplía la originalidad y la intención artística que caracterizan y tensan el género. Esta idea de puesta en encena del yo cuenta con una larga tradición en el autorretrato, pero se utiliza de forma incesante em fotografía debido a la inmediatez del médio”.

quando digo mundos, estou referindo-me a realidades e ficções de realidade que são criadas na definição do que se pretende sobre si mesmas.

Figura 60 - Amalia Ulman



Fonte: Reprodução de uma publicação de Amália Ulman nas Redes Sociais. Captura de tela feita por mim, em 13 de outubro de 2019. Disponível em <http://revistacontinente.com.br/secoes/arquivo/digital-arte-que-atua-em-rede>.

Citarei Alejandra Castillo (2015) pois parece ir além nesta discussão sobre as imagens:

A imagem afeta, a imagem toca. Este poder de afetação permite discorrer e explicitar os marcos de clausura da imagem em uma interpretação, em uma descrição somente. Sempre há mais de uma imagem na imagem, uma que subverte, altera, o registro do visível (CASTILLO, 2015, p. 61).⁵⁹

Assim, quando a imagem de Amália Ulman cumpre o papel de conseguir muitos seguidores nas Redes Sociais, ultrapassa o poder que tem em si, de retratar uma artista em *performance*. Como Alejandra Castillo nos alertou, uma imagem se desdobra em muitas outras imagens.

O projeto de Amália Ulman potencializou a crença que venho construindo a respeito dos dispositivos de feminilidades que nos contituem. Caso a personagem criada para o projeto artístico de Amália trouxesse outras características físicas que

⁵⁹ Tradução feita por mim do espanhol para português. Originalmente o trecho diz: “La imagen afecta, la imagen toca. Este poder de afectación permite descorrer y explicitar los marcos de clausura de la imagen em una interpretación, em una sola descripción. Siempre hay más de una imagen em la imagen, una que subvierte, altera, el registro de lo visible”.

não a magreza e branquitude, por exemplo, conseguiria tantos seguidores em seu *Instagram*? O exemplo de Amália não pode ser tomado como resposta absoluta sobre o que se passa nas Redes Sociais, entretanto ele potencializa as discussões que tenho feito e me coloca diante da importância que estas interações virtuais são importantes na vida das jovens.

Figura 61 - *Facebook* de Ana



Fonte: Página Inicial do *Facebook* de Ana.
Captura de tela feita por mim em 17/11/2018.

Figura 62 - *Facebook* de Letícia



Fonte: Página Inicial do *Facebook* de Letícia.
Captura de tela feita por mim em 17/11/2018.

Figura 63 - *Facebook* de Victória



Fonte: Página Inicial do *Facebook* de Victória.
Captura de tela feita por mim em 17/11/2018.

Figura 64 - *Facebook* de Kaylayne



Fonte: Página Inicial do *Facebook* de Kaylayne.
Captura de tela feita por mim em 17/11/2018.

Figura 65 - Facebook de Ísis



Fonte: Página Inicial do Facebook de Ísis. Captura de tela feita por mim em 17/11/2018.

Figura 66 - Facebook de Ayana



Fonte: Referência: Página Inicial do Facebook de Ayana. Captura de tela feita por mim em 17/11/2018.

Figura 67 - Facebook de Cecília



Fonte: Referência: Página Inicial do Facebook de Cecília. Captura de tela feita por mim em 17/11/2018.

Para além da pesquisa, em minha função como coordenadora da escola, já ouvi mais de uma vez, as alunas fazendo referência ao que foi postado em Redes Sociais. Inclusive, durante a pesquisa, no dia 28/09/17, as jovens me falaram sobre os *status*⁶⁰ do *WhatsApp* como um espaço de “mandar recado” para as “amigas e inimigas”. Este espaço captura a atenção e faz a vigilância ser uma constante entre as jovens. Manter-se ativa nas Redes Sociais significa ter uma boa foto, com uma luz adequada, saber o horário adequado para inseri-la, ter muitos contatos.

Quando Cecília me diz em nosso encontro do dia 19 junho de 2018 que “a reação das pessoas às minhas fotos é importante porque me sinto especial”, consigo ter a dimensão da relevância que a reação de uma outra/um outro possui nesta feminilidade em construção. Recorro a *Breve história da fotografia*, de Walter Benjamin (2011) para dialogar com esta urgência do presente que acontece pela aprovação da/o outra/o em uma imagem:

⁶⁰ *Status* do *WhatsApp* é uma ferramenta do aplicativo que permite a postagem de uma foto, frase, poesia, para ficar ativa durante 24 horas, permitindo ao usuário saber quem visualizou a publicação. Este recurso é oriundo do *SnapChat* e também está disponível no *Instagram* e *Facebook*.

Emprestamos nossa energia atual e todos nossos registros de imagens, necessariamente tirados do presente. Os adaptamos às nossas simpatias e nossas antipatias; construímos também sistemas de acontecimentos, e, de acordo com nosso coração e a potência do nosso pensamento, conferimos uma maneira de existir e uma sustentação aos personagens, às instituições, aos assuntos ou dramas, dos quais não mais nos propõem um argumento verbal, em ocasiões mais rasas (BENJAMIN, 2011, p. 53).⁶¹

Emprestar energia a uma imagem diz de um esforço que existe em se ver representada/o, em uma rede de significações que criam personagens mais ou menos populares nas Redes Sociais. Sentir-se especial nas Redes Sociais tem a ver com ser gostado, possuir uma imagem que seja simpática às/aos demais, significa ser aprovada/o. E, para ser aprovada/o, a pessoa - neste caso específico as jovens - vai balizando suas condutas com base em uma ou outra maneira que lhes seja satisfatória.

Cecília me possibilita pensar sobre a imagem nas Redes Sociais ao ter em sua capa do *Facebook* uma foto de seu aniversário de 15 anos. Entre tantas coisas que se pode dizer sobre ela mesma, Cecília escolheu a imagem em que está representada por elementos que a colocam em um padrão aceitável para si e para as outras e outros, uma mulher feminina. Entende que usar maquiagem, acessórios, trajar um vestido e salto alto a colocam em um lugar que talvez seja o aceitável, desejável. O dispositivo de feminilidade acionado no caso de Cecília em sua festa de 15 anos teve a ver com a padronização desta feminilidade que conhecemos. Assim como Ayana, que vimos no capítulo anterior, o dia de princesa também aconteceu com Cecília.

Esta mulher jovem, que se constitui dia a dia em meio a dificuldades como, por exemplo, ter sido abandonada pela mãe, necessitou encontrar seu lugar na nova família formada pelo pai e irmãs, ocupando a posição de irmã mais velha. Significou reinventar-se, encontrar a si mesma depois de um caos em que nada ficou no lugar, após a mãe ter ido embora de casa, sem explicações... Esta mulher jovem, de um bairro vizinho ao da escola, de uma classe média baixa, de uma família até então

⁶¹ Tradução deste trecho feita por mim, do livro *Breve história de la fotografía*. Originalmente o trecho diz: "Tomamos prestada nuestra energía actual y todos nuestros registros de imágenes, necesariamente tomados del presente. Los adaptamos a nuestras simpatías y antipatías; También construimos sistemas de eventos, y de acuerdo con nuestro corazón y el poder de nuestro pensamiento, proporcionamos una forma de personajes, instituciones, temas o dramas existentes y sostenibles, a partir de los cuales ya no hacemos una discusión verbal, en Ocasiones menos profundas".

tranquila, veio experimentando muitas de si ao longo do tempo em que a conheço. Minha história com ela começa desde sua matrícula na escola, ainda uma menina pequena que chegou para estudar conosco e tinha os cabelos cortados bem curtos e foi motivo de chacota entre os colegas, passando pelo início da juventude em que se declarava apaixonada pelo menino mais inteligente da sala e por ele era hostilizada e ridicularizada. Cecília também mostrou-se sonhadora e se dizia aspirante a modelo, sendo também presidente de *Fan Pages* na Internet ⁶² de suas atrizes preferidas da televisão. Hoje encontrou-se como jogadora de basquete e apresenta-se como atleta, treina, compete, faz parte de um time em Juiz de Fora.

Shirley Sales (2018) diz que as condutas juvenis “passam pelo julgamento das/os outras/os internautas que avaliam constantemente a conduta dos pares, em um ciclo permanente de práticas de governo de si e das/os outras/os”. (SALES, 2018, p. 117). A internet é um território de existência e as fotos *selfies* possibilitam que as jovens façam contato, interajam, se expressem e dividam o conhecimento acerca de si e de como é ser mulher. Ao experimentarem o poder que a imagem representa, estão construindo e compartilhando saberes.

Cecília está atenta ao que passa em suas redes, observo isso por meio de *memes*⁶³ que posta em sua *timeline*. Esta constatação de que há um código de aceitação que também circula na internet foi percebido por Cecília. Ela entendeu que há uma certa hegemonia nas imagens publicadas, nas mensagens postadas e utiliza este conhecimento como balizador de sua figura *on line*. Este tipo de aprendizagem que as redes sociais ensinaram à Cecília, possibilitou que ela se aventurasse em testar sua aceitação ou popularidade por meio de *memes* que necessitam respostas sobre ela.

⁶² *Fan Pages* são páginas dedicadas a algum artista, empresas ou causas.

⁶³ *Memes* são piadas, ou formas divertidas de falar sobre determinado assunto que tornou-se muito popular na Internet. É um termo oriundo do grego que significa Imitação.

Figura 68 - Meme compartilhado por Cecília



Fonte: Meme compartilhado no Facebook de Cecília. Captura de tela feita por mim em 16/12/2018.

Figura 69 - Meme compartilhado por Cecília II



Fonte: Meme compartilhado no Facebook de Cecília. Captura de tela feita por mim em 16/12/2018.

O código da popularidade também passa pela aceitação do que é postado, mesmo que não seja imagem da própria pessoa. Ser popular também passa por postar bons *memes*, estar atenta às novidades musicais e das celebridades da TV e da Internet.

- Eu gosto muito do BTS⁶⁴ e na escola não é todo mundo que gosta. Eu sigo a página deles e tudo que existe para saber mais sobre eles. Às vezes quem gosta das coisas que eu posto nem é gente daqui, porque aqui na minha sala o povo gosta mais de funk (Cecília, 26/04/18).

Cecília diz que o grupo musical do qual é fã não é o mesmo da maioria de suas/eus companheiras/os da escola, entretanto na Internet este tipo de postagem confere a ela popularidade e aceitação. Ser popular e aceita têm sentido de pertencimento e permanência na Internet, nas Redes Sociais e isso modifica as formas como cada uma das jovens se movimenta no espaço virtual, de maneira que tornam-se espelho daquilo que admiram.

Sustentar uma imagem na internet significa lidar com a vigilância, que de acordo com Foucault (2009) tem ligação com a vontade de saber: é uma forma de dispositivo muito utilizado pela sociedade. A vigilância em torno da sexualidade funciona como um dispositivo, ou seja:

⁶⁴ BTS ou Bangtan Boys é um grupo musical sul-coreano composto por homens jovens. Tornou-se um fenômeno mundial no ano de 2013.

[...] o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer (FOUCAULT, 2009, p. 81).

O dispositivo da sexualidade auxilia no controle dos corpos e na manutenção de uma ordem sobre o corpo, o desejo e as vontades. A vontade de conhecer sobre estes desejos, estes segredos fazem circular o discurso da verdade que caminha próximo à disciplina proporcionada pela confissão. Saber sobre o outro, o que este outro faz, como faz e como orienta suas práticas sexuais e seus desejos “trata-se de definir as estratégias de poder imanentes a essa vontade de saber.” (FOUCAULT, 2009, p. 83).

Percebo que as Redes Sociais são locais de visibilidade e também de discurso no nosso cotidiano. Fazer-se mulher passa de maneira mais ou menos intensa, por produzir como tal, espelhar-se como tal, entender-se como tal, discursivamente entendendo-se como tal. Com isto quero dizer que não há uma identidade ou subjetividade fixa nesta construção de ser mulher e ser jovem. Como observei Cecília neste movimento! Não só ela, mas também as outras mu | 147 incessantemente estão construindo-se e desconstruindo-se de acordo com os discursos que lhes afetam. A transformação de Kaylayne ao entrar em um relacionamento sério, tomando como verdade o discurso da fidelidade e do amor eterno, referendado também por Ísis, que desde o início de nossa pesquisa já possuía um anel de compromisso no dedo anelar direito. Acompanhei também as subjetivações pelas quais passou Letícia, ao mudar de escola e ingressar no Ensino Médio em uma escola maior. As questões ligadas ao corpo gordo que antes não apareciam em suas falas e que muito me chamavam a atenção passaram a fazer parte de um discurso mais presente na vida dela:

- *Nathalye, você viu que a Kaylayne ‘tava falando que ‘tá gorda?* (Letícia, agosto de 2019).

- *Claro que ouvi!* [risos]. *Pensei em mim na hora!* (Nathalye, agosto de 2019).

- *Já pensou se a Kaylayne for gorda? Se ela for gorda nem sei o que eu sou!* (Letícia, agosto de 2019).

- *E eu engordei mesmo, gente! Desde que comecei com o Igor eu aumentei cinco quilos* (Kaylayne, agosto de 2019).

Em nossos encontros anteriores, Letícia não sinalizou nenhum incômodo ou fez qualquer referência à obesidade. Nas Redes Sociais também não se coloca

como pessoa gorda. Isso me faz pensar que os dispositivos de feminilidade acionados por padrões podem estar capturando Letícia no entendimento de que um corpo bonito é um corpo magro. Na fala dela encontro a sedução que um corpo magro desperta em nossa sociedade. Ela se utiliza da comparação ao corpo magro de Kaylayne como referência para o corpo obeso dela e meu... E nesse jogo de sedução que nos enquadra e nos diminui, embora sejamos grandes em tamanho, também captura Kaylayne, que não deseja ficar maior do que já está, mesmo sendo este ganho de peso, resultado da calmaria de um namoro que vem acompanhado de lanches e mais comida junto ao namorado.

Subjetivamo-nos de maneira mais ou menos intensa tendo os dispositivos de feminilidade como componentes nesta tarefa que é tornar-se alguém, neste caso, tornar-se mulher. “É o dispositivo que comporta linhas de forças, compostas pelo saber e pelo poder” assim Rosimeri de Oliveira Dias (2012, p. 36) nos ajuda a pensar nesta relação que nos atravessa e nos transforma.

5.2 CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE NO DISPOSITIVO DA FEMINILIDADE

Margareth Rago (2009) faz uma reflexão que corresponde ao que entendo como importante para reconhecer a vida com suas surpresas:

Há momentos na vida em que é importante decidir se continuamos ou desistimos, se ficamos ou partimos. Se partimos do bairro, da cidade, do país, da casa, do trabalho, das amizades ou do casamento, entre tantas outras relações. Momentos de encruzilhada, difíceis, angustiantes, dolorosos em que pesam todas as minuciosas avaliações, os infundáveis balanços, as desoladas comparações entre o que fizemos e o que deixamos de lado. Contudo, se decidimos ficar, convém que a opção seja clara e verdadeira, para que se possa viver com alegria e com humor, pois rir é fundamental (RAGO, 2009, p. 253).

Tantas coisas se cumpriram, tantas outras ficaram para trás! Volto para as jovens. Recorro à apresentação que Ísis fez de si em nossa oficina de autorretratos feita por meio de colagens e escrita:

- Olá, eu sou a Ísis: as pessoas dizem que sou muito legal, humilde e gostam muito de mim. Tenho um defeito de ser muito ciumenta, mas penso que se tenho ciúmes é porque gosto e cuido, também depende ciúmes possessivo não é legal (sic). Tenho muita autoconfiança e autoestima e é isso (Ísis, 31/10/17).

Assim Ísis fala de si e esta sua forma de apresentar-se me faz olhar para a imagem que construí dela. Ísis inicia sua fala remetendo ao que o “outro” diz dela, “as pessoas dizem que sou”. Foucault (1996) em *A arqueologia do saber* diz que “os discursos formam sistematicamente os objetos de que falam”, o autor não nos deixa esquecer que a linguagem é a instância que nos permite significar, nomear e dizer do mundo, de nós mesmos e dos outros. Se o discurso cria os sujeitos podemos pensar na importância de remeter ao outro para falar de si, quase que procurando no outro a confirmação do que é. A aprovação do outro é importante, de maneira que ela afirma “gostam muito de mim”. O que o outro diz e o que Ísis é capaz de falar de si vão se inscrevendo no que é positivo e negativo. Em Foucault (1996) discurso é uma prática, é onde produzimos verdades dos sujeitos e de nós mesmos. Não é à toa que para Foucault aposta no aspecto de positividade do discurso e sua potencialidade em fabricar e construir coisas e sujeitos.

Penso que existe a Ísis que é política e a Ísis que é biográfica. Quando Ísis diz de si, nesta autobiografia breve, pensa sobre o que se passa com ela, como se apresenta para o mundo. Revejo como politicamente a situei: Ísis, quieta, tímida e orgulhosa de portar uma aliança de prata na mão direita. Compromissada, adulta antes da hora, responsável, presa, enquadrada, na minha limitada e preconceituosa forma de ver... Assim a vi inicialmente, mas não é assim que esta jovem se apresenta! A definição de si de Ísis me faz voltar no tempo: sou eu com quinze anos e um ideal de vida marcado por um relacionamento sério. E elas? Que imagens fazem de si neste momento da vida? Elas não são de cidade pequena, mas convivem num universo social limitado, estão restritas a locais da cidade e pouco conhecem de Juiz de Fora, já conversamos sobre isso e me disseram que não conhecem o Parque da Lajinha⁶⁵, por exemplo. Retomo aos encontros que tivemos e vejo Ana, grávida, esperando sua filha Emanuely para janeiro de 2019. Pergunto como ela está em relação à gravidez e ela fala:

- *‘Tô ansiosa, ‘tô com medo, ‘tô com tudo. Mas também é uma sensação muito boa, às vezes eu me estresso muuuuito (sic), mas agora consigo me controlar mais um pouco; é porque tem muito hormônio (Ana, 25/10/18).*
 - *Daqui uns dias a Emanuely vai estar aqui com a gente [na escola] correndo com quatro anos. Nem acredito, parece que sou avó, porque te vi aqui Ana com quatro anos (Nathalye, 25/10/18).*

⁶⁵ Parque da Lajinha é um pequeno espaço verde situado no bairro Teixeiras, em Juiz de Fora. É um local para caminhada, visitas, prática de esportes e locação para fotografias. Geograficamente longe da região do bairro Três Moinhos, onde moram, socialmente longe dos espaços em que frequentam.

- *Tem horas que nem eu acredito (Ana, 25/10/18).*

A gravidez de Ana a desloca dentro da própria juventude e confere a ela um lugar outro que não seja somente de jovem, estudante, compromissada, periférica, negra. Ela também é a mãe da Emanuely e isso fica muito evidente nas muitas imagens da filha que divulga nas Redes Sociais, das quais estas logo abaixo fazem parte. Ana também vem construindo a imagem de Emanuely na Internet: divulga fotos, faz postagens, declarações e publicações sobre a filha. A criança e o discurso de maternidade conferem a Ana uma nova subjetividade: a de mãe jovem. O discurso além de uma prática de produção de sujeitos é também uma prática social que controla a produção, circulação e apropriação dos enunciados, como explora Foucault (1986). Nas palavras do autor, discursos são:

[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Discursivamente Ana vai tornando-se mãe. A gravidez, na medida em que ocorre, ela também se transforma em investimento nas redes sociais. Ana passa a postar imagens de si na transformação do corpo e assim, vai se subjetivando como mulher jovem grávida para depois investir em imagens de si como mulher, negra, jovem mãe. Para isso é fundamental imagens da filha seguida de mensagens como "Amor que não se mede", "filha", "apaixonada". Pensando a partir de Foucault podemos pensar que Ana não constrói sentidos de ser mãe de maneira livre, mas ela é subjetivada como mãe a partir de sistemas de restrição e incitação a ser mãe, como aquela que ama incondicionalmente, que está apaixonada pela filha. O saber-poder de ser mãe em sua positividade vai produzindo verdades para Ana mãe.

Figura 70 - Emanuelly, bebê *Instagram*

Fonte: Foto divulgada no *Facebook* de Ana.
Captura de tela feita por mim em 11/08/2019.

Figura 71 - Emanuelly



Fonte: Foto compartilhada nos *stories* do *Facebook* de Ana. Captura de tela feita por mim em 05/02/2018.

Considero interessante destacar a Figura 70 como possibilidade de problematizar as Redes Sociais em processos de subjetivação. Emanuelly está crescendo e sendo educada por meio de imagens que são divulgadas de si mesma, ainda que não tenha consciência disto, o macacão que Ana escolhe para vestir Emanuelly, com a estampa do *Instagram* já demonstra que a inserção neste mundo conectado inicia antes mesmo que a pessoa tenha escolha para dele participar. Este lugar outro da mulher jovem, pobre e grávida foi problematizado por Régia Cristina Oliveira (2008) em uma pesquisa qualitativa sobre gravidez e trabalho realizada com 13 jovens em São Paulo. Uma parte dos escritos desta autora me possibilitou pensar sobre Ana:

Ainda que a gravidez seja processada no corpo das mulheres, seus significados são construídos com base na experiência social e cultural e variam conforme a classe social, a idade, o sexo, dentre outros fatores. Nesse sentido, o entendimento de como as jovens das camadas populares percebem a si próprias, a partir da vivência da gravidez e da maternidade, passa pela necessidade de compreensão do entorno, ou seja, da apreensão de um conjunto de práticas e valores mais amplos existentes nesses grupos, dentre os quais, a divisão de papéis dentro de casa (OLIVEIRA, 2008, p.4).

Agora ela também é mãe: a única mãe do nosso grupo. Helena Altmann já em 2007 problematizava sobre gravidez e juventude. Em um texto chamado *A*

sexualidade adolescente como foco de investimento político-social a autora destaca a questão do biopoder de Michel Foucault como mecanismo de controle e dominação dos corpos. Altmann (2007) faz uma análise em que nos coloca em contato com o senso comum para compreender que circula na sociedade a ideia de que uma jovem grávida encerra possibilidades na vida. Partindo desta questão, problematiza a ideia de que tanto a juventude quanto a gravidez são construções sociais que sofrem mudanças ao longo da história. Não é natural e essencial que a mulher queira ser mãe. Entretanto o que observei com Ana e as demais jovens é que esta condição alterou seu lugar no grupo. Considerando esta mudança de Ana dentro do grupo e também das outras jovens em relação a ela, a gravidez e a maternidade, concordo quando Régia Oliveira (2008) diz que “a gravidez e a maternidade são fenômenos biológicos, que abrangem dimensões culturais, históricas, sociais e afetivas” (p.3).

Este entendimento de que Ana teve sua subjetividade alterada com a chegada de Emanuely, outra mulher que se apresenta nesta pesquisa, nos deixa perceber que este acontecimento trouxe elementos para o discurso de Ana, até então ausentes. Quando ela diz que *tá ansiosa, tá com medo* e as outras escutam com atenção e respeito, isso vai dando um sentido de mulher não só para Ana, mas para todas, inclusive eu, que não sou mãe. O discurso da gravidez de que toda mulher deve passar, foi vivido por mim, sem problematização. Assim eu pensava que deveria ser e tanto sou subjetivada por esta questão da maternidade, que me coloco como “avó de Emanuely”, uma vez que conheço Ana desde sua primeira infância. Os discursos de maternidade, em nossa sociedade, vão constituindo o lugar do feminino, de tal maneira que é “esperado” que mulheres tenham filhos fazendo o discurso de maternidade ser uma prática social que só existe como ato. Daí o sentimento de completude que é experimentado por aquelas (não todas) que se descobrem grávidas e o sentido de incompletude quando não se consegue engravidar. A maternidade está inscrita em um tipo de saber-poder que produz mulheres grávidas e não grávidas, que divide, inclui e exclui, que só entendida em meio a essas relações entre os gêneros e no interior do gênero feminino.

Este discurso circulante no nosso grupo contribui para a construção do gênero, entre nós, mulheres que estamos vivenciando a maternidade de Ana de perto. No interior do próprio gênero, vamos nos entendendo como mulheres que podemos escolher entre maternar ou não: isso é muito revolucionário! Ainda no

interior do gênero formamos uma rede que é o dispositivo: a gravidez, a juventude, a escola que nos acolhe e as performatividades que estão presentes nestes elementos.

Ana me traz muitos sentidos para o dispositivo da feminilidade que circula entre nós e me atravessa de maneira contundente. Volto olhar para a moça da cidade pequena, talvez a expectativa fosse de que para mim o projeto de casamento e filhos se cumprisse. Não se cumpriu, não foi assim... Chamei aqui de projeto, mas o que percebo é que este nome dado é o dispositivo da feminilidade operando em mim, na forma como criei e planejei a história da minha vida. O imponderável fez de mim outra mulher, entretanto aquela outra também existiu e mesmo que tenha sido uma verdade momentânea, gerada por um discurso que me parecia verossímil para aquele momento dos vinte e poucos anos, ainda guarda lugar no que sou hoje. A gravidez de Ana aciona em mim o dispositivo da feminilidade que me permite olhar para mim por meio dela. Isso também acontece com as outras, em certa parte, principalmente com Kaylayne e Ísis, que acolheram a gravidez de Ana de maneira mais próxima. Penso que encontrar beleza nas transformações, no cotidiano e na história de vida, fazendo da vida uma “obra de arte”. Michel Foucault, em *História da Sexualidade III* (2007), reflete sobre esses processos de transformação dos sujeitos:

[...] práticas reflexivas e voluntárias pelas quais os homens não somente se fixam regras de conduta, mas procuram se transformar a si próprios, se modificar em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que sustente certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2007, p. 16-17).

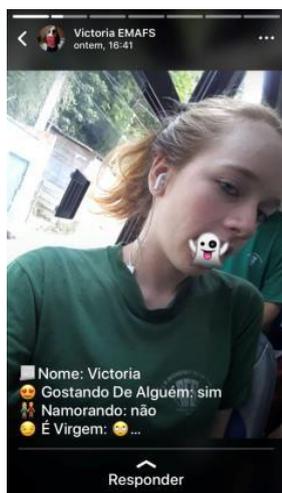
E quais não foram os acontecimentos que vieram e mudaram meu modo de pensar, como as novidades, como práticas históricas, irromperam a linearidade de um destino? Estes acontecimentos afetam as formas com as quais nos subjetivamos, nos força a não sermos mais as mesmas ou os mesmos. Ouço Victória narrar-se e o que ela diz de si talvez não abranja a potência de sua existência, ainda:

- *Eu sou muito calada quando não estou em casa ou perto de alguém que não converso muito, mas na Internet eu compartilho e falo muita coisa, muita coisa mesmo [dá risada]. Nesse nosso grupo, por exemplo, eu converso muito com a Ayana, peguei amizade com ela este ano e com a Letícia que já tenho 15 anos de amizade. Eu penso no meu futuro em ter uma condição boa, quero ter minha casa e meus gatinhos. Eu não acho*

necessário casar e ter filhos... vai de cada mulher escolher seu futuro, né? Eu pelo menos não quero casar e nem ter filhos (Victória, 25/10/2018).

Recorro às lembranças que tenho de Victória pequena, com sua mãe Michele e seus irmãos na escola. Vejo agora uma mulher jovem, decidida e corajosa afirmando sua religiosidade como umbandista, sua sexualidade como mulher bissexual, seus encontros. Ela se olha e seleciona de si o que pensa ser importante destacar, mas seu discurso vai além das palavras, ela é ativa por seus posicionamentos, defesas e vivências, aprende de si em contato com as demais e reconhece as potencialidades do que publica na Internet. Victória admite a existência de dois espaços em que circula e que exigem dela duas posturas distintas. Diz ela fazendo uma diferença entre suas características no mundo real e no virtual: “eu sou muito calada... mas na internet eu compartilho e falo muita coisa, muita coisa mesmo”. Ao produzir diferentes versões de si a fala de Victória também produz a própria Victória, como essa que não se limita em uma única forma de ser, que circula e é diferente em espaços distintos. Não é possível exigir dos sujeitos uma coerência, uma centralidade, uma forma de ser e estar no mundo fixa. Os sujeitos experimentam e se exercitam diferentes formas de ser e estar nos diversos grupos e espaços em que circulam. Se o sujeito é resultado de saber-poder como tenho defendido aqui a partir da perspectiva foucaultiana, posso considerar que o poder é uma estratégia, uma arte de explorar condições favoráveis para conseguir determinados objetivos.

Figura 72 - *Selfie* de Victória



Fonte: *Selfie* compartilhada nos *stories* do Facebook de Vicória. Captura de tela feita por mim em 18/11/2018.

Figura 73 - “Você é bonita, garota!”



Fonte: Imagem compartilhada nos *stories* do Facebook de Vicória. Captura de tela feita por mim em 18/11/2018.

Vejo Cecília destacando-se no basquete e construindo conhecimentos em História, rompendo com um ciclo de abandono pela mãe. Encontro-me no corpo gordo de Letícia e entendo um pouco mais sobre coragem. Este capítulo é sobre nossos encontros, mas, sobretudo, sobre o que em mim estas jovens despertam. Quais foram as continuidades e descontinuidades que me fizeram esta mulher que hoje preza pela liberdade, pelo conhecimento, mas também pela poesia, pelo trabalho, pela companhia, pelo estar no mundo compartilhando a vida?

[...] Sou professora de quê? De meus profundos desejos. Quantos anos eu tenho? [...] A multidão dos meus erros me torna clarividente. Clôdina, Fôstina, Morício, o povo fala francês. Sou capioia de Minas Gerais. [...] É pecado ou não é? [...] o que faço mais bonito é dançar. Mais um pouco e o vento levanta a saia desta senhora pudica (PRADO, 2006, 138-9).

O percurso me parece a parte mais interessante deste caminho. Não fossem os anos todos, as ideias de pecado, as culpas, as alegrias pequenas e as felicidades sem rastro, bem como as tristezas próprias das montanhas e entranhas de Minas Gerais, talvez eu não chegasse até aqui com olhos tão curiosos sobre como as imagens podem nos subjetivar. Estas regras de existência que damos a nós mesmos, vão ganhando contornos morais e éticos que fazem parte do processo de subjetivação. Foucault (1994) entende que esta ética como cuidado de si existe porque cada um de nós reflete sobre si mesmo de acordo com regras que vão dando contorno às existências, na medida em que o “cuidado de si atravessou verdadeiramente todo o pensamento moral”⁶⁶. (FOUCAULT, 1994, p.262). Esta relação existente entre moral e ética atravessa a constituição dos sujeitos e esta relação passa, inevitavelmente pela presença das outras. Assim, é potente perceber que a outra é alguém que contribui para que sejamos o que somos, uma vez que desestabiliza nossas certezas. O sujeito ético entende que dar sentido à própria vida significa trabalhar sobre si mesmo e interagir com as/os demais; cuidar de si é uma maneira de enfrentar as opressões e posicionar-se em resistência contra os poderes políticos que ameaçam novas formas de subjetividade.

Questionar-se eticamente frente às desigualdades e preconceitos do mundo, não aceitar a vida em sua forma limitada e estreita: não se conformar, assim entendo a estética da existência presente no pensamento de Michel Foucault e que

⁶⁶ Ditos e escritos V – Ética, Sexualidade, Política. São Paulo: Forense Editora, 1994.

me guia na maneira como enxergo os posicionamentos de Ayana. Estou atenta aos olhos curiosos de Ayana, que ainda se descobre com uma jovem mulher negra, que questiona a ausência de variedade em cosmética para o seu tipo de pele:

- É difícil encontrar coisas para minha pele, por exemplo. Até o filtro solar é para pele de pessoas brancas, mas eu uso mesmo assim. Algumas pessoas pensam que por eu ser negra não preciso usar filtro solar, mas eu também me queimo!" (Ayana, 26/04/18).

Vejo nos olhos da Cecília, a curiosidade ainda infantil de quem assiste às novelas para crianças e se deslumbra com a ingenuidade da vida. Estou com cada uma dessas jovens, nelas me vejo, com elas me revisito. Eu sou parte desta investigação e vou me inspirando na questão da performatividade de gênero de Judith Butler (2018), em que características biológicas são descartadas no entendimento de como nos tornamos mulheres, homens ou nenhum dos.

A feminilidade e seu dispositivo estão em atuação nesta construção e atuam principalmente no entendimento de uma "identidade primária" ou original que tende a ser entendida por uma grande maioria de pessoas como estável. Na relação entre nós, que somos iguais, vamos construindo nosso gênero. O dispositivo da feminilidade nos une e é acionado na construção do gênero e no interior do próprio gênero, é algo que nos precede e faz parte de uma norma cultural a que estamos expostas. Judith Butler (2018) nos diz que:

O fato de que as normas agem sobre nós implica que somos suscetíveis à sua ação, vulneráveis a uma certa nomeação desde o início. E isso se inscreve em um nível que antecede qualquer possibilidade de volição. [...] A performatividade de gênero não caracteriza apenas o que fazemos, mas como o discurso e o poder institucional nos afetam, nos restringindo e nos movendo em relação ao que passamos a chamar de a nossa "própria" ação (BUTLER, 2018, p. 71, grifo da autora).

Cada existência pode ser percebida como uma criação discursiva, uma invenção dos sujeitos na movimentada tarefa que é constituir-se. As normas vão sendo incorporadas pelo discurso, que existem antes mesmo de habitarmos este mundo, ou seja, já chegamos ao mundo organizado discursivamente. Entretanto, a arte de viver nos desafia e possibilita que alguns acontecimentos tornem-se fortes o bastante para mudar uma trajetória, um pensamento, uma forma de ver a vida. Em *A ordem do discurso* (2012) Michel Foucault esclarece

Certamente o acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material (FOUCAULT, 2012, p.54).

Estas subjetivações dão suporte aos dispositivos de feminilidade que constituem o sujeito em espaços de ação. Dispositivo de feminilidade é um conceito e investimento neste trabalho, tendo como fundamento o conceito de dispositivo de Michel Foucault (1988), que nos indica haver uma rede que interliga vários aspectos da vida social, agindo em cada um de nós, individualmente ou em conjunto, de maneira a interferir na ação dos outros sobre mim e de mim sobre mim mesmo, acionando os campos de saber, de poder e subjetividade⁶⁷. Fabiana de Amorim Marcello (2004) discute a presença do dispositivo na experiência da maternidade, entretanto faz uma discussão a respeito do conceito, que foi muito útil para a escrita deste trabalho. Nas palavras da autora:

Já que Foucault se refere tão explicitamente a elementos tais como discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, podemos entender que as práticas discursivas e não-discursivas contribuem para a construção do dispositivo e, tendo estes presentes, é possível afirmar ainda que o conceito em questão reúne as instâncias do “poder e [do] saber numa grade específica de análise” (MARCELLO, 2004, p. 200, grifo do autor).

A emergência do dispositivo da feminilidade pôde ser vista por mim na relação entre as jovens mulheres e suas muitas *selfies* publicadas nas Redes Sociais. Além disso, também se apresentava como uma produção cotidiana de imagens feitas por meio de celulares como parte da realidade de cada uma delas e que faz parte das suas relações interpessoais. Apropriam-se do discurso, da imagem e da representação do poder de uma foto e assim vão construindo suas subjetividades narradas *on line*. Nas narrativas de si, em que cada história é vista como uma forma de se colocar frente ao mundo com suas pressões, opressões e naturalizações, fomos buscando nossas formas de entendermos, por meio de nossas palavras. Fomos construindo nossos discursos. Foucault (2007) nos diz que

⁶⁷ Notas da disciplina *Estudos Foucautianos* ministrada pelo Professor Dr. Anderson Ferrari em 18/05/17.

Trata-se, então, de constituir-se e reconhecer-se enquanto sujeito de suas próprias ações, não através de um sistema de signos marcando poder sobre os outros, mas através de uma relação tanto quanto possível independente do status e de suas forças exteriores, já que ela se realiza na soberania que se exerce sobre si próprio (FOUCAULT, 2007, p.92).

É o que sou capaz de construir discursivamente que vai constituindo minha subjetividade. Foucault trabalha com o que vem à tona, e, quando direciono meu olhar para as mulheres jovens e as maneiras como constroem suas páginas, entendo que elas estão dando vidas as suas vivências, estão construindo-se discursivamente. E isso nunca é igual, assim como as juventudes também não são. Ao falar brevemente de mim e da importância que a imagem se fez presente na minha vida, não perco de vista as jovens e que estão comigo neste texto. As subjetividades destas pessoas possivelmente passam pelas imagens que também as constitui.

Olho para Kaylayne e suas interações no grupo, sua liderança, coragem e ousadia em mostrar-se uma mulher com atitude e recorro à descrição de si feita por ela:

- Eu sou muito comunicativa com todos, na vida e na rede social falo muito também, converso com muitas meninas. Eu quero ter meus estudos completos, ter dois filhos, me casar e dar um futuro melhor para minha família (Kaylayne, 26/04/18).

Recordo do tanto que isso se modificou com a chegada do namorado Igor: outros comportamentos, mais enquadrados com o que se espera de uma namorada, como ela mesma diz. O livro *Por qué duele el amor*, de Eva Illouz (2012), traz uma reflexão que considerei importante para entender que o relacionamento amoroso para Kaylayne é um valor, um reconhecimento de seu esforço para a felicidade, entretanto, este modelo presente até hoje e decorrente da Modernidade, tem sofrido alterações. A autora diz o seguinte:

A busca de uma pessoa com que fazer um contrato emocional, leva a pensar que se deve maximizar a gratificação e o reconhecimento ou valia mútua, e minimizar o sofrimento. Os modelos de abnegação, sacrifício e entrega total ao outro, que era explicitado por um antigo romantismo, é considerado como uma ameaça a autonomia e por onde se diminui as possibilidades de cada um, em sua individualidade. Se chegou a conclusão de que a relação amorosa não deve comprometer e tampouco mobilizar as experiências pessoais de cada um (ILLOUZ, 2012, p.216).

Pensei nas transformações desta jovem mulher quando encontrei os escritos de Eva Illouz e afirmo para mim que o amor não necessita ser um fardo, o relacionamento não precisa ser limitador para as vivências pessoais de qualquer um das/os envolvidas/os. Kaylayne fala em nosso grupo que:

- Às vezes eu até quero marcar alguma coisa no fim de semana com vocês, o nosso piquenique no Jardim Botânico, mas é que no final de semana eu não posso mesmo. Quando chega a sexta eu já vou para a casa do Igor e fico lá o final de semana inteiro com ele. O trabalho dele mudou, ele não está mais no quartel, agora trabalha na oficina e então eu fico lá (Kaylayne, via WhatsApp em agosto de 2019)

A jovem líder do grupo de dança na escola mostra-se preocupada com o relacionamento e também com o futuro, que inclui dois filhos, estudo e vida melhor para sua família.

Figura 74 - Mãos de noivos



Fonte: Imagem compartilhada nos *stories* do Facebook de Kaylayne. Captura de tela feita por mim em 18/11/2018.

Figura 75 - Crush



Fonte: Imagem compartilhada nos *stories* do Facebook de Kaylayne. Captura de tela feita por mim em 18/11/2018.

Antes mesmo das Redes Sociais, a questão da imagem e subjetivação já se faziam presentes para mim. Imagens que me educaram como filha, como mulher, como jovem, como aluna, como adulta... Falo de um antes e depois que possibilita uma relação temporal de constituição de si entre o passado e presente. Essas jovens mulheres são capazes disso? Ou a juventude é uma parte da vida que não permite isso? Às vezes vejo Ana observando seu passado, agora com a nova responsabilidade de ser mãe. Diz-se “ansiosa, preocupada mais do que antes”, entende a mudança da vida. Elas são mulheres jovens que já se subjetivaram e dessubjetivaram em aspectos vários, como, por exemplo, a chegada do bebê de Ana e o compromisso de namoro firmado entre Kaylayne e Igor.

5.3 DISPOSITIVO DAS JUVENTUDES

As jovens se transformam por meio dos discursos que se materializam em objetificações que são mais ou menos próximas ao que elas entendem como verdade em suas vidas. Para mim foi interessante perceber que o dispositivo de feminilidade atuou em Cecília de maneira a padroniza-la como a moça dos contos de fada. Nestas observações da atuação do dispositivo, utilizei como referência a comemoração de 15 anos dela e, também, as experimentações várias de encontrar-se como mulher e como jovem, que permanecem ativas. Esta forma de Cecília se apresentar ao mundo em sua comemoração de 15 anos estabelece a relação entre juventude e feminilidade. Estes dois dispositivos atuam na maneira como esta jovem mulher compreende e é atravessada por regras, imagens, discursos... Estabelece-se, na vida de Cecília, um discurso potente em que o poder de ser vista e admirada por todas e todos toma *status* protocolar. Às vezes é sutil, outras incisivo, entretanto presente: “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2009, p.103).

A imagem de Cecília em sua festa de 15 anos tem pouca relação com a maneira em que apresenta-se cotidianamente. Foucault dizia que “o poder, longe de impedir o saber, o produz” (1999, p. 148). Penso que saber quais são os padrões femininos valorizados socialmente veio de um poder que muitas vezes se impõe sobre as mulheres. Ser obediente, cuidadosa com a aparência, ter poucos parceiros sexuais e afetivos – desconsiderava-se a ideia de lesbianidade, transgeneridade,

bissexualidade, por exemplo – foi um imperativo durante anos e reflete até os nossos dias.

Figura 76 - As mulheres e os homens



Figura 77 - Gaiola



Fonte: Imagens do livro *As mulheres e os homens*, de Equipo Plantel com ilustrações de Luci Gutiérrez, Editora Boitatá, 2016. Fotografias feitas por mim.

A ciência, a televisão, as revistas femininas como as fotonovelas⁶⁸, *Capricho*, *Atrevida*, *Nova*, *Marie Claire* entre outras que circularam e ainda circulam entre nós, traziam um modelo de feminilidade que era ensinado e perseguido por muitas mulheres. Aquelas que se atreviam ser dissidentes sofriam a indiferença, o desprezo e também o descrédito acerca da sua feminilidade. Estes dispositivos produzem saberes sobre o que é ser mulher e atuam de maneira diferente em cada uma de nós.

Esta representação de uma imagem de si dirige meu olhar para o que Foucault chamou de “tecnologias do poder”. Estas tecnologias atuam nas maneiras como agimos e somos disciplinados por meio do entendimento de que podemos ser punidos. Em *Vigiar e Punir – nascimento da prisão* (2016) Michel Foucault fala de um poder disciplinar que veio se constituindo com o nascimento da prisão, que “educou” os corpos. Observo que as tecnologias de poder atuam na construção das imagens de si, pois cerceiam o que pode e o que não pode vir a público, sob o risco do escárnio, do deboche e do isolamento que daí pode surgir. O dispositivo age nesta fresta: atuam ensinando modos de ser e viver, assim sendo podemos dizer que muitas vezes representamos, jogamos e inventamos um sujeito.

⁶⁸ Publicações dos anos 1970, 1980, 1990 e anos 2000. Algumas ainda existem impressas e em versões virtuais.

Compreender isso e utilizar-se deste saber para entender-se é algo fascinante quer seja para viver nesta sociedade, quer seja para “enfrentar” uma festa de 15 anos, em que todas e todos te miram, te avaliam, te admiram, te enquadram.

Victória, ao contrário de Cecília e Ayana, comemorou seu aniversário de 15 anos com poucas referências ao mundo cor de rosa dos contos de princesa. Umbandista e torcedora do time Flamengo do Rio de Janeiro, a referência de Victória foram as cores vermelho e preto em sua festa: cores do seu time de coração e também de entidades da Umbanda chamadas Pomba Gira, ou Pombogira⁶⁹.

O dispositivo de feminilidade atua de diferentes formas em Cecília, Ayana e em Victória. Entretanto, estão presentes, pois as três comemoram a data dos 15 anos, que tradicionalmente é o marco da entrada da “moça” na sociedade. De maneiras distintas comemoram esta data, talvez desimportante para os jovens da mesma idade, o que me leva a compreender que o dispositivo da feminilidade atua construindo formas de ser mulher, todavia de maneiras distintas, sem uma categoria homogênea.

A maneira de vestir é acionada por um dispositivo que coloca as jovens em lugares diferentes de entendimento de suas construções como mulheres. A produção da “moça debutante” é construída por meio de múltiplos discursos e tanto Ayana, quanto Cecília e Victória se apropriam daquele que lhes parece mais conveniente. Na diferença vão aprendendo mais sobre si mesmas.

Proponho uma reflexão acerca das diferenças, entendendo que por elas vamos construindo formas de saber, de conhecer. Fabiana de Amorim Marcello (2004) diz que a diferença é

“produtiva”: produz (pre)conceitos, nomes, (novas) diferenças e singularizações; produz efeitos e formas de espetáculo. A diferença produz padrões, modelos, regras de como agir. A diferença é processo de subjetivação: ensina modos de ser e de agir. A diferença produz e é fruto das relações de poder (MARCELLO, 2004, p. 205).

⁶⁹ Na definição de Francineide Marques da Conceição Santos e Denise Botelho: A Pomba-Gira é a representação de uma mulher que está fora dos padrões da sociedade calcada no racismo e no machismo. É uma mulher que tem autonomia, acesso às ruas e encruzilhadas, tem acesso a sexualidades, inclusive como meio de vida e controla a sua própria existência. Pomba-gira é uma entidade, um espírito da Umbanda. Disponível em: http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499475630_ARQUIVO_DePombagiraPretaVelhaFortalecimentodeidentidadesemmulheresnegras.pdf

A diferença, portanto, produz práticas e indica formas de agir. As diferenças entre Cecília e Victória apontam para formas de ser que experimentam a feminilidade sob pontos de vista distintos. Sob expectativas distintas, formas singulares de estar e de se apresentarem ao mundo. A construção desse “eu” que povoa os perfis de Redes Sociais como o *Facebook* e o *Instagram* nos permite visualizar as maneiras como cada uma delas vai constituindo-se, de maneira mais ou menos afetadas pelos dispositivos. Entendo que nos dispositivos existem elementos vários que atuam concretamente nos indivíduos, entretanto não são estáveis, tampouco fixos.

Figura 78 - Cecília, quinze anos



Fonte: Imagem compartilhada no *Facebook* de Cecília. Captura de tela feita por mim em 18/12/2018.

Figura 79 - Victória, quinze anos



Fonte: Imagem compartilhada no *Facebook* de Victória. Captura de tela feita por mim em 17/03/2019.

Figura 80 - Ayana, quinze anos



Fonte: Imagem compartilhada no *Facebook* de Ayana. Captura de tela feita por mim em 27/10/2019.

O dispositivo da feminilidade aparece também na forma de constituir-se como jovem, como namorada, como mulher. Com Ana tem sido assim. Conversamos sobre relacionamento em quase todos os nossos encontros, entretanto, destaco o dia 31/10/17. Ela disse que nem sempre estava disposta para encontrar o namorado e que às vezes queria só ficar em casa sozinha.

- Ele não entende. Às vezes eu falo: - Anderson fica aí na sua casa, amanhã a gente encontra. Mas ele acha que eu não quero ficar com ele.

Uma vez que eu falei isso, a mãe dele me contou que ele saiu de casa e voltou três horas da madrugada (Ana, 31/10/17).

Namoro, compromisso, idas e vindas na construção do relacionamento e a gravidez que chega irrompendo sem pedir licença na vida de Ana. Agora, o dispositivo da maternidade age nessa mãe/mulher/jovem. A autora Fabiana de Amorim Marcello (2005) discute o dispositivo da maternidade a partir de imagens que circulam em revistas de celebridades, como a Revista Caras.

No conjunto de materiais analisados, foi possível evidenciar que uma das formas de constituir o par normalidade/anormalidade é dar visibilidade e enunciabilidade aos sujeitos mães-adolescentes e, conseqüentemente, à modalidade materna “mãe-adolescente”. Considerado como um dos elementos centrais para a produtividade da norma no dispositivo da maternidade, o sujeito-mulher adolescente, da forma como enunciado, evidencia características não condizentes com uma noção de maternidade hegemônica, normativa. É válido compreender sua produtividade em relação à colocação em discurso de aspectos normativos da maternidade. Ou seja, é válido, portanto, caracterizar a dinâmica que o dispositivo suscita ao fazer destas peculiaridades do sujeito-mulher a sua condição de produção de um sujeito-mãe “anormal” (MARCELLO, 2005, p.85).

Neste texto, intitulado *Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas*, Fabiana apresenta o argumento de que a maternagem, ou a maternidade, também segue modelos hegemônicos nas publicações analisadas, em que a “mãe adolescente” é vista como alguém despreparada tanto física como emocionalmente para ter uma criança.

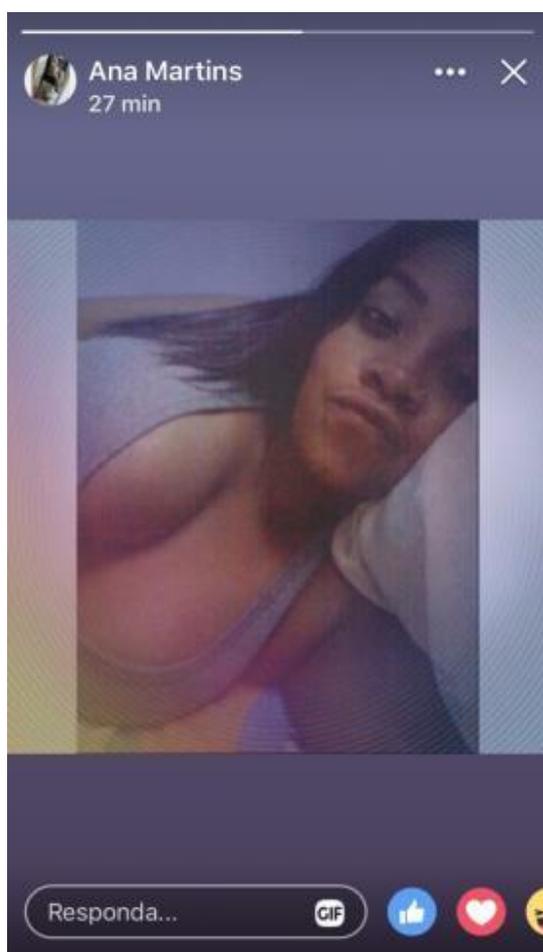
No primeiro capítulo deste texto, relato uma frase dita por ela que acredito ser forte o bastante para voltar agora: - *Tem horas que nem eu acredito!* Assim Ana se expressou frente a realidade tão nova que significava a chegada de Emanuely em sua vida. Fabiana de Amorim Marcello (2004), ao problematizar sobre o dispositivo aponta para uma questão que me parece fundamental para olharmos a atuação do dispositivo: o acontecimento.

Edgardo Castro (2005) diz em *Vocabulário de Foucault*, que para o filósofo francês, o conceito de acontecimento “podem-se distinguir dois sentidos desse termo: o acontecimento como novidade ou diferença e o acontecimento como prática histórica.” (CASTRO, 2005, p.24). Esta mudança ocorrida com Ana certamente alterou sua maneira de viver. Nas palavras de Fabiana:

[...] ao trabalharmos com o conceito de “dispositivo”, não estaremos lidando com uma estrutura fechada, organizada, cujos elementos em jogo estão previamente dados, mas, antes, com aquilo que é da ordem do imprevisível, da ordem da criação: o acontecimento (MARCELLO, 204, p. 211).

Emanuely surgiu como o “acontecimento” que tirou Ana de um lugar de mulher, jovem, namorada, estudante e a levou para outro, desconhecido, que é o lugar de mãe.

Figura 81 - Ana em *selfie*



Fonte: Imagem compartilhada nos *stories* do *Facebook* de Ana. Captura de tela feita por mim em 18/12/2018.

Figura 82 - Emanuely em foto com filtro do *Instagram*



Fonte: Imagem compartilhada no *Instagram* de Ana. Captura de tela feita por mim em 18/12/2018.

Ana segue sendo mulher, jovem, namorada, estudante e mãe jovem. Sem essencializar a maternidade, ou seja, sem entender a maternidade como universal, natural e desejável por todas as mulheres, vejo Ana dessubjetivando-se e assumindo outra identidade. Emanuely já nasceu nas Redes Sociais, Ana subjetiva

a filha e a si mesma. Sigo observando as Redes Sociais de Ana, e vejo que Emanuely já faz parte de sua rotina. Foi incorporada ao cotidiano. Emanuely diz de uma Ana que agora também é mãe. Esta visão não essencialista do ser humano é importante para entender a juventude em uma visão ampla e cheia de nuances. Paulo Carrano (2018) e Juarez Dayrell (2007) entre outras autoras e autores já discutiram sobre a inexistência de uma única forma de ser jovem.

Existe a jovem mãe, a jovem umbandista, a jovem jogadora de basquete, a negra, a bissexual, a gorda, a solteira, a compromissada, e, junto a tudo isto, ainda existem interseccionalidades⁷⁰ que tencionam estas identidades sociais. Assim, viver a juventude não elimina características que colocam as mulheres ora em um lugar e ora em outro.

Trarei Victória para esta conversa. A jovem branca e ruiva, bissexual e umbandista aponta para mim a questão de que onde há poder, há resistência. Para Foucault (2018) em *Microfísica do Poder* diz que o poder não é apenas repressivo, mas que também produz algo.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2018, p. 45).

Onde há o poder quase hegemônico do cristianismo em sua sala de aula, Victória aponta sua religiosidade e sua fé, resistindo ao poder que circula nos discursos de ódio e intolerância em relação às religiões de matriz africana. A resistência que vejo nesta situação tem a ver com o entendimento de Victória de que é possível dizer sua verdade, mesmo que muitas pessoas não pensem como ela. Foucault (2018) aponta que

[...] em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que essas relações de poder podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade do exercício do poder sem certa economia dos discursos de

⁷⁰ Carla Akotirene explica que o conceito de interseccionalidade foi criado por uma jurista estadunidense – Kimberlé Crenshaw – para tentar metodologicamente pensar que não existe separação entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. A entrevista completa da pesquisadora baiana encontra-se em <https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>

verdade que funcione segundo essa dupla exigência a partir dela. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade (FOUCAULT, 2018, p.278-279).

Poder e resistência em dizer que frequenta terreiro e namora meninas e meninos, assim releio a citação de Foucault, entendendo a relação de poder e discurso. A hegemonia de uma fé – e também de uma bissexualidade, também no caso de Victória – existe por meio de um atravessamento com o que esta jovem representa. Entender que o poder só existe pelo fato de também existirem as fissuras, as resistências, as frestas, caso contrário seria o autoritarismo que impõe o silêncio.

Observo o peso do dispositivo da “confissão” que desde jovem Victória enfrentou. Kleber Prado Filho (2006) diz que “a confissão é também um tipo de relação com os outros e consigo mesmo que implica imediatamente poder.” (FILHO, 2006, p.144). Ainda sobre a confissão, Jean-François Bert (2013) diz que:

[...] é insistindo na verbalização sempre mais importante dos indivíduos, em particular no desvelamento de sua sexualidade, que Foucault descreve o modo como o poder obtém a participação sempre mais ativa dos indivíduos em sua própria disciplinarização (BERT, 2013, p. 112).

Seu corpo, suas escolhas, a verbalização de sua sexualidade e religiosidade me fazem pensar que “não há práticas sem discursos, não há corpos sem técnica” (CASTILLO, 2015, p.7). Assim como as outras jovens, Victória constrói sua prática por meio de discursos, entende-se, projeta-se, vai ao encontro do que percebe ser importante para sua representação, torna-se alguém que tem o que dizer por meio de um corpo que traduz suas verdades. Foucault (2009) em *História da Sexualidade I – a vontade de saber* fala sobre a confissão:

[...] a confissão é um ritual do discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 2009, p.70-71).

Não só Victória, mas as outras mulheres jovens: Ana, Cecília, Letícia, Kaylayne, Ayana, Ísis vão dizendo de si por meio de imagens e, principalmente, por meio do que constroem sobre estas imagens. Há o corpo, o discurso e as escolhas sobre as formas de apresentarem-se ao mundo. Cada indivíduo, como nos mostra Foucault

É, sem dúvida, o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que chamamos de disciplina (FOUCAULT, 2014, p.189).

Figura 83 - Victória na Umbanda



Fonte: Imagem compartilhada no Facebook de Victória.

Captura de tela feita por mim em 07/04/2019.

Figura 84 - Meme sobre ser umbandista



Fonte: Imagem compartilhada no Facebook de Victória.

Captura de tela feita por mim em 10/05/2019.

Figura 85 - Meme sobre ser umbandista II



Fonte: Imagem compartilhada no Facebook de Victória.

Captura de tela feita por mim em 10/05/2019.

Estou escapando neste trabalho, da visão de juventude como etapa biológica de rebeldia e mudanças. Paulo Carrano (2018) define juventude da seguinte maneira e esclarece o uso da palavra no plural:

[...] juventude é um conceito variável que varia entre os países e conforme os arranjos societários relacionados com as representações sociais sobre as idades e as classes sociais. [...] “Juventudes” é a noção que diz que não há uma maneira única de ser jovem. O pluralismo que o “s” traz é importante no campo dos estudos da juventude para evitar a homogeneização, ou seja, a compreensão sobre os jovens de uma maneira única (CARRANO, 2018, p. 57).

O que esta pesquisa tem me mostrado é que no cotidiano em que nos encontramos, os discursos sobre juventude circulam de maneiras distintas, dissonantes, contraditórias. Há um discurso médico, psicológico, educacional, sociológico, midiático e também o discurso dito pelas/os próprias/os jovens, que tentam enquadrar a pessoa jovem neste ou naquele formato de ser, de viver, de se relacionar, de constituir-se. Juarez Dayrell (2007) nos fala sobre a pluralidade de juventudes e aponta para o fato de que devemos negar quaisquer conceitos homogeneizadores:

[...] a qualquer homogeneização, mas, ao contrário, à pluralidade e às circunstâncias que marcam a vida juvenil, considerando a diversidade e as múltiplas possibilidades inerentes ao sentido de ser jovem” (DAYRELL, 2007, p. 38).

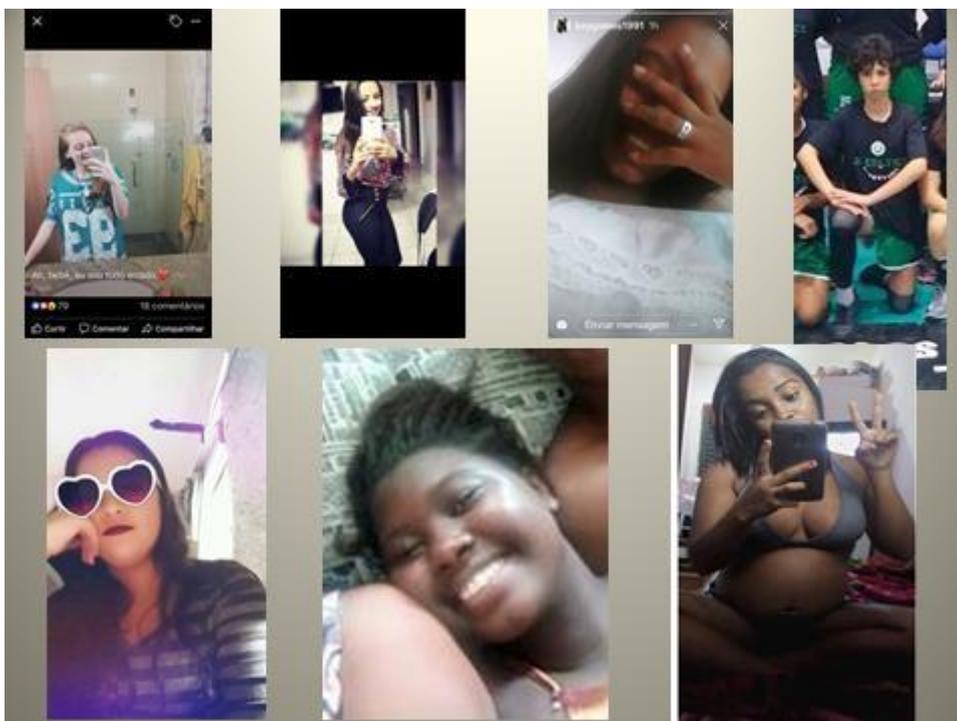
Juarez Dayrell (2007) fala da multiplicidade como própria ao sentido da juventude. Nas mulheres deste estudo, observo possibilidades variadas de experimentar a vida juvenil. Em um grupo pequeno, com sete jovens (já não conto mais com Raphaela, que se desvinculou do nosso grupo) e sete vidas muito distintas, sete maneiras muito diferentes de viver. Entendo que há elementos comuns a todas, entretanto não posso dizer de uma unidade neste grupo. A reflexão feita por Tânia Navarro Swain (2006) me auxilia na compreensão deste movimento que coloca a juventude em um lugar heterogêneo, múltiplo, plural, desigual:

O que é esta juventude, tão rápida, tão fugaz, tão fluida, cujas margens se alongam ou se retraem, segundo as condições de imaginação, de enunciação, das representações sociais do mundo, dos corpos, do humano? Em certas regiões do Brasil, uma criança de 12 anos é uma mulher pronta para o casamento; aos 25 é uma “velha”, enrugada, desfeita pelos partos e/ou abortos sucessivos (ilegais, clandestinos para a hipocrisia sociais, mas que se contam aos milhões), dobrada pelo peso dos dias, ainda tão poucos, de sua vida (SWAIN, 2006, p. 264).

Ísis, Kaylayne, Ayana, Cecília, Letícia, Victória e Ana me levam a ver sete juventudes, compreender que entendê-las sob o mesmo ponto de vista é impossível e desonesto. Como priorizar uma vivência em detrimento da outra? Como escolher qual delas representa melhor ou com mais fidedignidade o que conhecemos como juventude? Não posso e não quero. Ouço Letícia dizer coisas como: - *Além da*

escola, faço cursinho à tarde. Não sei se quero fazer a prova para o Jesuítas⁷¹ ou para o IF/MG⁷²... Ouça Ana dizer: - Estou louca para ver a Emanuely estudando aqui nesta escola.

Figura 86 - Quadro de *selfies*



Fonte: Montagem feita por mim a partir de *selfies* divulgadas nas Redes Sociais das jovens. Maio de 2019.

Vejo Kaylayne usando aliança de compromisso com seu namorado Ygor e alterar sua maneira de comportar na escola, ficando mais séria. Escuto Ísis dizendo: - *Eu sei que muitas meninas vão “no” (sic) meu Face pra olhar as fotos com meu namorado. Eu até coloquei um recado lá pra quem for fuxicar.* Reconheço em Cecília e na sua fala sobre ter um *crush* mais velho, como uma tentativa de estar mais próxima às colegas do nosso grupo. Ela disse:

- *É uma pena que vocês não vão poder conhecer ele. A gente se conheceu em um jogo de basquete meu, quando eu fui jogar lá em Belo Horizonte. Ele*

⁷¹ Letícia se referiu ao tradicional colégio católico de Juiz de Fora, MG, frequentado pela classe média e média alta da cidade. Há uma seleção para alunas e alunos da escola pública, que por meio de uma avaliação podem conseguir estudar gratuitamente, com bolsas de estudos.

⁷² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. Letícia referia-se à seleção que as alunas e alunos oriundos do Ensino Fundamental fazem neste colégio para ingressarem no Ensino Médio. Tanto para o Colégio dos Jesuítas quanto para o IF/MG há uma disputa para as vagas o que leva a muitas estudantes procurarem por cursinhos preparatórios para tais seleções.

foi o juiz, acho que ele tem mais de trinta anos. Eu gostei dele porque foi a única pessoa que veio me ajudar quando minha tia caiu na arquibancada lá no ginásio de Belo Horizonte (Cecília, 25/10/18).

Destaco e valorizo a indignação de Ayana por não ter muitas ofertas de maquiagem para peles negras como a dela. – *às vezes eu só passo o filtro solar mesmo, porque mesmo sendo negra eu me queimo, então, como não tem muita coisa pra minha pele eu acabo usando isso.* Fico curiosa com os relatos de Victória sobre a Umbanda e me orgulho da sua dedicação:

- Tem dias que demora muito lá no barracão. E tem gente de todo jeito que vai lá, se você for para pedir amarração pra namorada, namorado, talvez a entidade vai passar uma bronca em você (Victória, 26/04/18).

Observo, também, que nas vivências juvenis há muitas discontinuidades ao padrão vigente que são experimentadas pelas mulheres desta pesquisa, por exemplo. Não podemos dizer de uma forma de ser jovem, tampouco de ser jovem na internet. Com as imagens que produzem de si, não é diferente. Paula Sibilia (2016) nos diz que

Os canais interativos da internet hoje são utilizados, com graus de frequência e intensidade, para que cada um possa criar e manter a sua obra mais preciosa: um eu visível. De frente e perfil, sem limites de espaço nem de tempo, um barulhento festival de personalidades alterdirigidas, sempre em exposição e interconectadas (SIBILIA, 2016, p. 305).

Os tantos “eus” visíveis nestes espaços virtuais que conheci com estas jovens me mostraram que a imagem de cada uma delas é cuidada e pensada sobre o que querem dizer de si mesmas. Estas pessoas que habitam a internet, constroem seus discursos, confessam sobre suas vidas e particularmente vão sendo afetadas por dispositivos, a meu ver estão em busca de suas verdades, de construírem-se e saberem mais suas existências.

5.4 IMAGENS DE SI

As imagens de si, presentes nas Redes Sociais destas jovens retratam para além de si mesmas, dizem de uma “curadoria” de suas próprias personagens, de seus eus variados que se compõem por imagens e representações.

Vão narrando suas vidas, construindo a história que fica registrada na “nuvem”, no espaço virtual que cada página pessoal na Internet possui. Voltarei à Liz

Rideal (2018, p. 05) quando ela diz que a “perspectiva sobre a representação visual do eu modificou desde a data da aparição dos telefones móveis com câmera e as Redes Sociais, com a chegada das onipresentes *selfies*.”. A autora também afirma que o ser humano possui o desejo de representar-se e que desde o Egito Antigo há a presença deste tipo de imagem.

No entendimento do que são as imagens de si, tomarei como referência o *cuidado de si*, discutido por Michel Foucault em *A hermenêutica do sujeito* (2014) e *História da Sexualidade III – o cuidado de si* (2007). Assim, nas palavras do filósofo francês, entendemos que

[...] é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. É nesse âmbito, como que no limite desse cuidado, que aparece e se formula a regra “conhece-te a ti mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 6, grifo do autor).

Cuidar de si, nesta perspectiva, tem a ver com conhecer-se “o cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar”. (FOUCAULT, 2014, p.9). Isso tem a ver com inquietar-se, é uma atitude reflexiva sobre si e sobre as outras, os outros. A relação que estabeleço com as imagens das jovens e o cuidar-se parte da compreensão de que ao inquietar-se, ao movimentar a vida, estão caminhando na compreensão do que é importante para elas. Os dispositivos que atuam nestas vidas fazem com quem sejam quem são, únicas, plurais, que tenham atitudes gentis para com suas existências.

Possuir atitudes gentis para si mesmas é uma forma de autocuidado neste universo de curtidas, compartilhamentos, comentários nem sempre amigáveis que recebem sobre suas imagens. E estas imagens de si são representações pensadas sobre como querem ser vistas e conhecidas, portanto, não são banais. Relacionando cuidado de si, imagens de si e escritas de si – que aqui são entendidas como as próprias imagens – entendemos que há um entrelugar nas imagens que são publicadas e o que acontece com quem as vê. Esta movimentação que acontece neste entrelugar, o lugar de quem publica e o lugar de quem vê, comenta, curte e cria subjetividades altera a maneira como a imagem originalmente foi postada.

Figura 87 - ¿Qué sabes de mí?



Fonte: Foto tirada por mim nas ruas de Barcelona, 12/02/19.

Figura 88 - Maquiagem



Fonte: Ísis em seu Facebook, 10/02/19.

Figura 89 - Fuck likes



Fonte: Foto tirada por mim nas ruas de Barcelona, em 12/02/19.

¿Que sabes de mí? A relação das jovens com suas imagens é potente, criativa, curiosa e contribui para o entendimento de que os dispositivos agem na maneira como nos tornamos o que somos. As feminilidades estão em construção e fotografar-se pode ser uma maneira de reconhecer-se neste mundo de pouco reflexivo sobre as interioridades dos sujeitos. Percebo que as jovens, em suas imagens de si mesmas, se descobrem, se movimentam e, neste contexto, venho construindo a ideia de que esse eu mostrado não é algo fragmentado ou estanque. Não é algo longe, inatingível; é uma criação, invenção, uma bricolagem sobre a vida, sobre ser, ver e participar da vida. Luiza Batista Amaral (2019) disse que

A produção e a coleta de imagens feitas por usuários de redes sociais como o Instagram é um potencial arquivo do cotidiano, um mosaico de impressões composto pelo que resta da experiência, a fotografia. Coletar essas imagens e dispô-las em coleção, assim como o trapeiro coleta o que restou no ambiente urbano, traz uma possibilidade de lermos a atual atmosfera de ruína que vivenciamos marcada pela proliferação de imagens de museus incendiados, desastres ambientais e construções e projetos paralisados. Coletar é um exercício de fazer ver (AMARAL, 2019, p. 12).

Colecionam momentos de si, produzem imagens que elegem ser mais interessantes para dizerem de suas vidas, criam laços, desavenças, enfrentam críticas, perseguem elogios. A fluidez da vida talvez peça por eternizar momentos. Mesmo que esses momentos durem a “eternidade” de 24 horas. Talvez elas não queiram que a vida escape, que o momento passe, que a foto envelheça. Talvez.

Caminho um pouco mais e percebo que o conceito de escrita de si de Michel Foucault pode ser entendido na leitura das imagens que estas jovens produzem de si mesmas. Produzir, divulgar e comentar as imagens de si seria também uma variante da escrita de si, que consiste em fazer da própria vida uma obra de arte, ou “apropriação de espaços de liberdade”. (FERRARI, 2012, p.50).

As imagens são uma forma de falar de si, repito. Ao produzirem, publicarem e fazerem circular suas imagens, as jovens estão falando de si, tomando-se como objetos do discurso. A imagem que cada uma das jovens produz e divulga em suas Redes representa um desafio para que sejam capazes de cuidarem-se. Gostaria que os dispositivos de feminilidade que atuam em suas vidas representassem práticas que possam contribuir com a constituição do que cada uma espera para si. Desta forma, acredito que, ao conhecerem-se mais intimamente, poderão escapar dos discursos normativos, das normas fixas que insistem em aprisionar, achatar, estigmatizar. Que possam refletir sobre si com suas imagens e suas interações.

6 PARA DIZER ATÉ BREVE: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM PERCURSO QUE POR ORA SE ENCERRA

Vou mostrando como sou
 E vou sendo como posso,
 jogando meu corpo no mundo,
 andando por todos os cantos
 E pela lei natural dos encontros
 Eu deixo e recebo um tanto
 E passo aos olhos nus
 Ou vestidos de lunetas,
 Passado, presente,
 Participo sendo o mistério do planeta.
(Mistério do Planeta – Novos Baianos, Acabou Chorare).

Esta última parte, aquela que muitos denominam Considerações Finais, não se aplica a este trabalho. Esta seção torna-se necessária porque há a necessidade de, neste momento, terminar. Sou dessas pessoas que possuem dificuldade em encerrar ciclos, dizer adeus e finalizar. Assim, considero este encerramento como protocolar, necessário, porém instigador e potente para seguir comigo vida afora. Eu sou outra depois deste trabalho. Outra mulher, outra professora, outra coordenadora: sou outra! Estudar com mulheres e sobre mulheres me subjetivou de maneira forte, densa e corajosa.

Estas mulheres: Ísis, Cecília, Ana, Kaylayne, Letícia, Ayana e Victória me ensinaram sobre o amor, as resistências, as brigas e arrisco dizer que me ensinaram sobre a vida. Eu não posso ser a mesma depois de vivenciado a gravidez de Ana; também não posso esquecer o dia em que levei Ana e Emanuely de carro até a casa delas e ver onde moram. Para subir até lá foi difícil, chovia e eu não conhecia o caminho. Não consegui chegar até a porta da casa dela porque a rua é estreita e tinha tanta lama que seria perigoso cair na ribanceira...

Não posso ser a mesma depois de estar sozinha com Kaylayne após o nosso penúltimo encontro e receber a confidência de que seu pai está preso e ela nunca soube o motivo porque sua mãe prefere preservá-la desta história. Senti a confiança e cumplicidade entre nós, em olhares, palavras e entendimentos.

Não posso ser a mesma depois de conviver com o corpo gordo de Letícia e sua forma corajosa de mostrá-lo, assim como não posso ser a mesma depois de ser convidada para o aniversário de quinze anos de Ayana e entender um pouco mais sobre o valor desta comemoração e do tanto que ser princesa, mesmo que apenas por um dia, alimenta o sonho e possibilita deslocar-se dentro da própria existência.

Não posso ser a mesma depois de conviver com a timidez de Ísis e seus cuidados intensos com nosso grupo, deslocando-se de um outro bairro para estar conosco nos encontros, ponderando, mostrando-se aos poucos, me confrontando com meu próprio passado de “moça que namora sério” e me perturbando com essas lembranças.

Não posso ser a mesma depois de acompanhar as transformações de Cecília e suas muitas tentativas de enquadrar-se em padrões aceitos pelas próprias jovens do nosso grupo e também da sociedade de forma mais ampla. Vi nesta jovem coragem e enfrentamentos de várias ordens, em manter seu cabelo curto, em declarar seu amor ao menino mais popular da escola e ser rechaçada, seguir em frente e se encontrar como jogadora de basquete, coroinha de sua igreja, representante de turma no colégio em que agora cursa o Ensino Médio.

Não posso ser a mesma depois de Victória e sua devoção à umbanda e sua firmeza em seguir seus desejos, em viver sua bissexualidade e apaixonar-se várias vezes por meninas e depois por Arthur, com quem vive um amor tranquilo.

Não posso ser a mesma profissional da educação depois do seguinte diálogo que aconteceu no dia 14 de novembro de 2019, penúltima⁷³ vez que nos encontramos, de maneira mais informal, fazendo uma oficina de bijuterias pedida por elas:

- Gente eu vou defender o doutorado dia 18 de dezembro agora e queria agradecer demais a vocês por estarem comigo neste caminho! (Nathalye, 14/11/2019).

- A gente fica feliz, mas tem uma coisa que não é boa né? Depois que você acabar a gente não vai se encontrar assim mais! (Ana, 14/11/2019).

Para mim é impossível atuar sem considerar o valor destas palavras, sem repensar o papel da escola pública e periférica que, muitas vezes, silencia, apaga e desconsidera os saberes juvenis, femininos, negros, gordos, homossexuais. Como ignorar a fala desta jovem que na escola pública não participa de momentos em que diz de si, faz trocas, aprende e ensina junto com outras mulheres? Não posso e não consigo! Tenho o compromisso de reconhecer o privilégio que possuo como professora, branca, heterossexual e de classe média que estudou com recursos de contribuintes do país em que vive. Que, por estes mesmos recursos, teve a

⁷³ Metodologicamente os encontros de novembro e dezembro de 2019 não foram considerados como Grupos Focais. Representaram uma espécie de despedida da pesquisa.

oportunidade de consolidar sua formação em uma Universidade fora do país, através do Programa Doutorado Sanduíche no Exterior, que é integrante de um grupo de pesquisa que fortalece, acolhe e solidifica os conhecimentos, impedindo a imobilidade frente ao mundo. Impossível não reconhecer a dádiva que é ter um encontro com o orientador que te nutre, te escuta, respeita e te ensina: que reconhece seus avanços, não desconsidera suas fraquezas, porém não te deixa no mesmo lugar... Não consigo ficar parada diante das desigualdades, quero mais para minhas alunas e meus alunos e isso só é possível ao reconhecer meus privilégios.

Busquei, ao pesquisar e ao escrever esta tese, problematizar a relação entre as imagens *selfies* e as constituições de subjetividades em mulheres jovens. Neste processo, aprendi sobre os dispositivos que atuam sobre nós, nos modificando, forjando outras dentro de nós mesmas. Rosimeri de Oliveira Dias (2019) apresenta um conceito de dispositivo que me pareceu fundamental para ser destacado nestas páginas finais do trabalho. Para ela:

Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação, de fissuras, de brechas, de fronteiras, entrecruzando-se e se misturando para suscitar outras linhas por meio de variações ou transformações nos encontros (DIAS, 2019, p.89).

Foi importante observar os nossos deslocamentos, os dispositivos que nos atravessaram e continuando nos atravessando. Somos oito mulheres que se refizeram em quatro anos. Subjetivamo-nos e dessubjetivamo-nos muitas vezes e assim seguiremos, porque não estaremos prontas jamais!

Ao longo deste trabalho, as jovens Ísis, Cecília, Ana, Kaylayne, Letícia, Ayana, Victória vieram para dialogar sobre imagens, dispositivos, feminilidades, constituição e imagens de si. Fizemos isso e tantas coisas mais! Nos gostamos, nos conhecemos e reconhecemos nossas fragilidades, nossas forças, nossas vulnerabilidades. Nos vimos uma na outra e isso foi lindo!

Escrever esta tese foi um encontro comigo, um acerto de contas com o passado, com as mulheres da minha vida e com os homens que também dela fizeram parte. As imagens, os enquadramentos, os desvios de rota e os encontros com mulheres tão jovens me proporcionaram fazer outra de mim. Termina com a sensação prazerosa proporcionada pelas surpresas do caminho, pelos momentos

incertos e subjetivada a continuar me surpreendendo com o mundo e com os seres humanos, entendendo que posso ir além quando não estou sozinha.

Figura 90 - Gangorra



Fonte: foto feita por mim da: gangorra localizada na entrada da rua onde Ana vive, no alto do bairro Três Moinhos, 14/11/2019.

Por agora saio da gangorra que me movimentou na escrita desta tese e deixo o assento livre para as próximas que poderão fazer destas palavras elos que nos façam mais fortes, mais juntas e mais colaborativas. Não gostaria de me distanciar deste propósito, agora que a tese está pronta. Quero seguir ciente do meu inacabamento e com olhos curiosos para o que virá. As imagens me trouxeram até aqui e com ela me despeço deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**, n. 46, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200012. Acesso em: 12 nov. 2019.
- ALVES, Marco Antônio Sousa. A cibercultura e as transformações em nossas maneiras de ser, pensar e agir. In: LIMA, Nádia Laguárdia de (Org.). **Juventude e Cultura Digital: diálogos interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã, 2017.
- AMARAL, Luiza Batista. O que o ato de colecionar nos fala sobre o presente? **Revista Brasileira de Cultura**, São Paulo, ano 22, maio. 2019.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- BENJAMIN, Walter. **Breve história de la fotografía**. Madrid: Casimiro Livros, 2011.
- BERT, Jean-François. **Pensar com Michel Foucault**. São Paulo: Parábola, 2013.
- BIALER, Marina; VOLTOLINI, Rinaldo. Internet e subjetividade contemporânea: entre o fascínio e o horror. In: LIMA, Nádia Laguárdia de (Org.). **Juventude e Cultura Digital: diálogos interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã, 2017.
- BOYD, Danah. Entendendo a vida adolescente: estratégias para coleta de dados etnográficos em uma era conectada. In: LIMA, Nádia Laguárdia de (Org.). **Juventude e Cultura Digital: diálogos interdisciplinares**. Belo Horizonte: Artesã, 2017.
- BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.
- BURMESTER, Ana Maria de Oliveira. Foucault e o Império. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 155-167, 2002.
- _____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- _____. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRANO, Paulo. Por uma ação socioeducativa orientada para a reflexividade e a emancipação de adolescentes. **Revista SocioEducação**, ano 2, n. 2 beta, 2018.

CASTILLO, Alejandra. **Imagen, cuerpo**. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia**. 2014. Tese (Doutorado em educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

_____. Formação docente, subjetividades e experiência: problematizações a partir dos percursos, pela pesquisa e pela docência. In: FERRARI, Anderson (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano**. Salvador: EDUFBA, 2012.

CRUZ, Maria Angélica; REYS, M. J.; CORNEJO, M. **Conocimineto situado y el problema de la subjetividade del investigador/a**. 2012. Disponível em www.moebio.ucjile.cl/45/cruz.html. Acesso em 23 mar. 2019.

CUESTA, Mery. **La rue del percebe de la cultura y la niebla de la Cultura Digital**. Bilbao: Edición Consonni, 2015.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 28, v. 100, 2007.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. **El pliegue: Leibniz y el Barroco**. Buenos Aires: Paidós, 2014.

DIAS, Belidson. Acoitamentos: os locais da sexualidade e gênero na arte/educação contemporânea. **Visualidades**, v. 4, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/vis.v4i1ei2.18001>. Acesso em: 23 out. 2019.

DIAS, Rosimeri de Oliveira (Org). **Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

_____. **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2012.

EQUIPO PLANTEL. **As mulheres e os homens**. Ilustrações de Luci Gutiérrez. São Paulo: Editora Boitató (Boitempo Editorial), 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

FAVACHO, André Márcio Picanço. Currículo, subjetivação e experiência de si: contra os humanismos, os modismos e os relatos obtusos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 488-508, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/favacho.pdf#page=7&zoom=auto,-13,481>. Acesso em 05/12/18.

FELIPE, Jane. **Infância, gênero e sexualidade**. **Revista Educação & Realidade**, jun. 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/48688/30332>. Acesso em: 14 out. 2019.

FERRARI, Anderson; FRANÇA, Filipe G. R.; OLIVEIRA, Danilo Araújo de. Num piscar de olhos, o amor: Educação dos sentidos e dos sujeitos no filme de animação "IN A HEARBEAT". **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE, jan./jun. 2018. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/236378/29046>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FERRARI, Anderson. **Sujeitos, subjetividades e educação**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010.

FILHO, Kleber Prado. Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico das mídias: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, 2002.

_____. Problematização sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 20, Editores Associados/Anped, maio/jun./jul./ago. 2002, p. 83-94.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Ditos e Escritos III – Estética**: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **Ditos e escritos IV: Estratégia, Poder-Saber.** 3. ed. São Paulo: Forense Editora, 2012.

_____. **Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política.** São Paulo: Forense Editora, 1994.

_____. **Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** 9 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

_____. **Microfísica do poder.** 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **O cuidado com a verdade.** In: *Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **O que é um autor?** 10. ed. Lisboa: Nova Veja Passagens, 2018.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 2014.

FRANÇA, Filipe Gabriel Ribeiro. **“Para fazer pensar e entreter”:** educação, produção corporal, sujeitos e masculinidades na Revista Júnior (2007-2015). 2019. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

GASTALDO, Denise. Prefácio de Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação. In: Dagmar Estermann Meyer, Marlucy Alves Paraíso (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005. (Série Pesquisa em Educação).

GONTIJO, Fabiano. Carioquice ou carioquicidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, Mírian (Org.) **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborge – El sueño irónico de un lenguaje común para las mujeres em el circuito integrado.** 1984. In: https://xenero.webs.uvigo.es/profesorado/beatriz_suarez/ciborg.pdf. Acesso em 06 dez. 2018.

HENN, Ronaldo. Mosaicos de espelhos e invenções de si: um aqui e agora sem fim. In: MONTARDO, Sandra Portella. **Selfies: subjetividade e tecnologia**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Elementos para uma génesis de un campo de estudio de las prácticas culturales de la mirada y la representación**. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/17998/10726>. Acesso em 28 ago. 2017.

HUBERMAN, Georges Didi. Quando as imagens tocam o real. In: **Pós**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, 2012. Disponível em: www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/download/60/62. Acesso em: 12 dez. 2019.

ILLOUZ, Eva. **Por qué duele el amor: una explicación sociológica**. Espanha: Capital Intelectual, 2012.

LARROSA, Jorge. **Estudar = Estudiar**. Edição Bilingue. Tradução Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LEITE, Marcos Vinícius. Entre a construção de um tipo e a experiência do pensamento em aulas de Filosofia. In: FERRARI, Anderson (Org.). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Conhecer, pesquisar, escrever...** Revista **Educação, Sociedade e Culturas**, 2007, p. 235-245. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/Arquivo.pdf>. Acesso em 25 ago. 2017.

_____. **Flor de açafão: takes Cuts Close-ups**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica: 2004.

LOPONTE, Luciana. Pedagogias visuais do feminino: arte, imagens e docência. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 148-164, jul./dez. 2008. Acesso 06 ago. 2015.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Dispositivo da maternidade: mídia e produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. In: **Revista Educar**. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

_____. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Revista Educação e Realidade**, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

MARÍN-VADEL, Ricardo & ROLDÁN, Joaquín. Territórios de las metodologías artísticas de investigación con un fotoensayo a partir de Buñel. **Revista Academia.edu**, 2012. Disponível em https://www.academia.edu/22576377/Territorios_de_las_metodolog%C3%ADas_art%C3%ADsticas_de_investigaci%C3%B3n_con_un_fotoensayo_a_partir_de_Bu%C3%B1el. Acesso em 19 dez. 2019.

MARSHALL, James. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, M.A.; BESLEY, T. (Org.). **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, Raimundo. Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. **Educação e Linguagem**, v. 13, n. 22, jul./dez. 2010.

MEIRELES, Gabriela Silveira. **Tecnologia da formação docente no currículo dos blogs sobre alfabetização criados por professoras-alfabetizadoras: saberes divulgados, relações de poder acionadas e sujeitos demandados**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-AQRGG5/tese_gabriela_versao_final_14_mar_2017.pdf?sequence=1. Acesso em: 18 nov. 2019.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 49-64.

MISKOLCI, Richard. Abjeção e desejo: afinidades e tensões entre a Teoria Queer e a obra de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Estética da existência e pânico moral. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MITCHELL, W. J. T. **¿Qué quieren las imágenes?** Buenos Aires: Sans Soleil Ediciones, 2017.

OLIVEIRA, Régia Cristina. Adolescência, gravidez e maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 04, out./dez. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000400010. Acesso em 12 nov. 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CARDOSO, Livia Rezende. Possibilidades de uma Metodologia Alquimista para pesquisar em Educação e em Currículo. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.11, n. 01, abr. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/8121/11303>. Acesso em 23 out. 2019.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

_____. Política da subjetividade docente no currículo da mídia educativa. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 91-115, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a05v27n94.pdf>. Acesso em 13 out. 2019.

PENNY, Laurie. **Cibersexismo: sexo, poder y género em internet**. Continta me Tienes: Madrid, 2017.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Adolescente, feminino, plural: um corpo em construção. **Revista Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p. 151-168, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/issue/view/17/showToc>. Acesso em 13 nov. 2019.

PEREIRA, Evelyn Santos; GUZZO, Bianca Salazar; ZAGO, Luiz Felipe. Juventudes e pedagogias culturais: experimentações de si e (re)produção de feminilidades nas práticas de tirar selfies. **Revista Momento: diálogos em educação**, v. 26, n. 02, jan./jul. 2017.

PRADO, Adélia. **Miserere**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **Os componentes da banda**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **Poesia Reunida**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução Mônica Costa Neto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

REVISTA GALILEU, Editora Globo, 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/07/como-foi-clonagem-da-ovelha-dolly.html>.

RIDEAL, Liz. El sueño de Wharol: la multiplicación del yo. In: **500 autorretratos**. London: Phaidon Press Limited, 2018.

RITTI, Rosalinda Carneiro de Oliveira. **A gente cria todo dia! A gente cria vida! Pesquisando com mulheres mães na periferia**. 2015. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ROSE, Nikolas. **Como se deve fazer a história do eu?** Porto Alegre: Educação e Realidade, 2001.

SABAT, Ruth. Gênero e Sexualidade para Consumo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade**. Florianópolis: Revista dos Estudos Feministas, 2001, p. 9-21.

SALES, Shirlei Rezende. Juventude ciborgue. In: LIMA, Nádia Laguárdia de. (et al). **Desafios para o currículo escolar**. Belo Horizonte: Quixote+Do Editoras Associadas, 2018.

_____. Juventude e sexualidade ciborgue no aplicativo de namoro de Black Mirror. In: RIBEIRO, Paula R. C. (et al.). **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaço de educação**. Rio Grande: Editora da FURG, 2018.

_____. **Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil**. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução Guacira Lopes Louro. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SONTAG, Susan. **Sobre la fotografia**. 4. ed. Barcelona: Penguin Randon House Grupo Editorial, 2018.

_____. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, Margareth & VEIGANETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: VORRABER, Marisa Costa (Org.). **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Porto Alegre: Mediação, 2007.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvig. Petrópolis: Vozes, 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

APÊNDICE E - Autorização de Ana

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PPGE

TEL: 021 2512 3000 FAX: 021 2512 3005

Presença de Estudante em Educação
 Título da pesquisa: "Defeitos, atitudes e comportamentos: imagens que fazem"
 Orientador: Anderson Farari
 Coordenadora: Natália Kallin Machado

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Presença de Ana

Declaro de que sou o/uma dos sujeitos da pesquisa e que concordo em participar da pesquisa "Defeitos, atitudes e comportamentos: imagens que fazem", a ser realizada nos dependências do Centro Municipal André Faria da Silva, a saber: pesquisa com depoimentos no Conselho de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e em outros espaços culturais de forma livre e sem qualquer obrigação, comprometendo-me a manter sigilo sobre os dados coletados.

A participação desta pessoa é livre e voluntária e não há qualquer tipo de pressão, de natureza nenhuma, em seu período de participação. Esta pessoa poderá ser gravada em áudio, em vídeo e em imagens e não há comprometimento nenhum. Contudo, esta pessoa não poderá ser identificada em nenhuma das imagens, vídeos ou áudio produzidos durante a pesquisa, podendo ser usado livre e voluntariamente para a pesquisa. Poderão também produzir outros dados no momento da coleta de dados.

Entendo que a participação desta pessoa é totalmente voluntária, podendo não participar de nenhum dos pontos e deixar de participar de qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer tipo de prejuízo e não há, portanto, qualquer tipo de obrigação desta pessoa com os pesquisadores neste momento para os fins desta pesquisa ou para não a fazer participar e não participar com o mesmo objetivo da pesquisa, o que significa que as imagens serão utilizadas somente a partir da autorização dada livre e voluntariamente.

Entendo, ainda, que não sou obrigado a não participar com as responsabilidades próprias de esta participação.

Com este termo, autorizo o(a) pesquisador(a) a usar todos os dados coletados para os fins desta pesquisa no mundo acadêmico.

Informo que esta pesquisa possui o registro no Conselho Nacional de Ética e de Pesquisas (CNEP), Lei Federal nº 13061 de 12 de julho de 2014, sendo sob o nº 1.040.1.0/2014, e aprovação, a elaboração do relatório de pesquisa, a publicação da pesquisa, a divulgação do relatório, a divulgação e a divulgação da pesquisa e a divulgação. O presente termo que está assinado e datado de 12 de julho de 2017.

ECA: "É dever de todos atuar pela dignidade da criança e do adolescente, proibindo-se a todos de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor."

Caso não tenhamos tido dúvidas ou receio de nenhum esclarecimento poder-se-ia contatar Natália Kallin Machado - [e-mail: nat@ppge.ufrj.br](mailto:nat@ppge.ufrj.br) ou Anderson Farari [e-mail: anderson@ppge.ufrj.br](mailto:anderson@ppge.ufrj.br)

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devolvida preenchida, assinada e entregue ao(s) autor(es).

12 de Julho, junho de 2017

Natália Kallin Machado

Ana Maria Gonçalves de Jesus NOME POR EXTENSO DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE DA PESQUISA, sendo que declaro estar ciente sobre os procedimentos da pesquisa, incluindo com a participação voluntária de Ana Maria Gonçalves de Jesus para os fins desta participação na pesquisa descrita acima.

Assinatura **Ana Maria Gonçalves de Jesus**
 Data: 12/07/17

Assinatura Livre e Esclarecida desta pessoa **Ana Maria** NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA, sendo que declaro estar ciente sobre os procedimentos da pesquisa, incluindo com a participação voluntária de Ana Maria Gonçalves de Jesus para os fins desta participação na pesquisa descrita acima.

Assinatura **Ana Maria Gonçalves de Jesus**
 Data: 12/07/17

APÊNDICE F - Autorização de Letícia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

PPGE

TEL: 021 2512 3000 FAX: 021 2512 3005

Presença de Estudante em Educação
 Título da pesquisa: "Defeitos, atitudes e comportamentos: imagens que fazem"
 Orientador: Anderson Farari
 Coordenadora: Natália Kallin Machado

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Presença de Letícia

Declaro de que sou o/uma dos sujeitos da pesquisa e que concordo em participar da pesquisa "Defeitos, atitudes e comportamentos: imagens que fazem", a ser realizada nos dependências do Centro Municipal André Faria da Silva, a saber: pesquisa com depoimentos no Conselho de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e em outros espaços culturais de forma livre e sem qualquer obrigação, comprometendo-me a manter sigilo sobre os dados coletados.

A participação desta pessoa é livre e voluntária e não há qualquer tipo de pressão, de natureza nenhuma, em seu período de participação. Esta pessoa poderá ser gravada em áudio, em vídeo e em imagens e não há comprometimento nenhum. Contudo, esta pessoa não poderá ser identificada em nenhuma das imagens, vídeos ou áudio produzidos durante a pesquisa, podendo ser usado livre e voluntariamente para a pesquisa. Poderão também produzir outros dados no momento da coleta de dados.

Entendo que a participação desta pessoa é totalmente voluntária, podendo não participar de nenhum dos pontos e deixar de participar de qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer tipo de prejuízo e não há, portanto, qualquer tipo de obrigação desta pessoa com os pesquisadores neste momento para os fins desta pesquisa ou para não a fazer participar e não participar com o mesmo objetivo da pesquisa, o que significa que as imagens serão utilizadas somente a partir da autorização dada livre e voluntariamente.

Entendo, ainda, que não sou obrigado a não participar com as responsabilidades próprias de esta participação.

Com este termo, autorizo o(a) pesquisador(a) a usar todos os dados coletados para os fins desta pesquisa no mundo acadêmico.

Informo que esta pesquisa possui o registro no Conselho Nacional de Ética e de Pesquisas (CNEP), Lei Federal nº 13061 de 12 de julho de 2014, sendo sob o nº 1.040.1.0/2014, e aprovação, a elaboração do relatório de pesquisa, a publicação da pesquisa, a divulgação do relatório, a divulgação e a divulgação da pesquisa e a divulgação. O presente termo que está assinado e datado de 12 de julho de 2017.

ECA: "É dever de todos atuar pela dignidade da criança e do adolescente, proibindo-se a todos de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor."

Caso não tenhamos tido dúvidas ou receio de nenhum esclarecimento poder-se-ia contatar Natália Kallin Machado - [e-mail: nat@ppge.ufrj.br](mailto:nat@ppge.ufrj.br) ou Anderson Farari [e-mail: anderson@ppge.ufrj.br](mailto:anderson@ppge.ufrj.br)

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devolvida preenchida, assinada e entregue ao(s) autor(es).

12 de Julho, junho de 2017

Natália Kallin Machado

Letícia V.F. Gonçalves NOME POR EXTENSO DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE DA PESQUISA, sendo que declaro estar ciente sobre os procedimentos da pesquisa, incluindo com a participação voluntária de Letícia V.F. Gonçalves de Jesus para os fins desta participação na pesquisa descrita acima.

Assinatura **Letícia V.F. Gonçalves**
 Data: 12/07/17

Assinatura Livre e Esclarecida desta pessoa **Letícia V.F. Gonçalves** NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA, sendo que declaro estar ciente sobre os procedimentos da pesquisa, incluindo com a participação voluntária de Letícia V.F. Gonçalves de Jesus para os fins desta participação na pesquisa descrita acima.

Assinatura **Letícia V.F. Gonçalves**
 Data: 12/07/17

